



VERÃO INFLACIONADO

## Viagens de férias no começo do ano serão 30% mais caras

Preço dos passeios pode até dobrar e valor das passagens aéreas terá forte impacto nos gastos. **Página 17**

Foto: Roberto Cuedes



## Calorão exige cuidados com a saúde dos animais domésticos

Tutores precisam ter atenção com as altas temperaturas, que podem provocar queimaduras, estresse, desidratação e até a morte dos bichinhos de estimação. **Página 5**

Foto: Edson Matos



### Memórias

Um bilhete foi o passaporte de Maria do Socorro para A União

Com mais de três décadas de serviços prestados no jornal, em vários setores, Maria do Socorro gostava mesmo era de trabalhar na gráfica, em um ambiente mais descontraído. Ali foi o seu primeiro e único amor profissional.

**Páginas 14 e 15**

### Porto recebeu mais de 100 navios em 2023

Entre janeiro e novembro deste ano, Cabedelo movimentou mais de um milhão de toneladas de mercadorias.

**Página 13**

### Samba entra na cadência da literatura

A escritora Maria Valéria Rezende lança, hoje, em João Pessoa, o livro "Toda palavra dá samba".

**Página 9**



Ilustração: Tônio

## História de pioneirismo na imprensa paraibana

A região de Mamanguape já teve 18 jornais em circulação, que contaram com nomes como Castro Pinto e Rodrigues de Carvalho.

**Página 25**



■ "Uma taxa de juros mais baixa pode estimular o consumo, o que, por um lado, é positivo para a recuperação econômica, mas por outro, pode acarretar riscos inflacionários".

João Bosco Ferraz de Oliveira

**Página 17**

■ "Desci os olhos até seus pés, a calça rota e sem cor mal chegando aos tornozelos, tão magros quanto os meus. E consegui ver, então, que podia respirar, ter voz".

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ "Quantas pessoas se casam e fazem questão de separar o filho dos pais, da família, não recebem sogro nem sogra e os tratam mal. Conheço várias aqui em João Pessoa".

Kubitschek Pinheiro

**Página 10**

# Editorial

## Exercer a cidadania

Há uma necessidade urgente no mundo moderno, em especial na sociedade brasileira, de ser trabalhado o exercício pleno da cidadania. As pessoas, no geral, precisam entender que ser cidadão requer, além dos múltiplos direitos assegurados por lei, diversos deveres para com a coletividade. Isso significa ter um comportamento baseado em respeito, educação, empatia, conceitos que devem ser praticados diariamente e automaticamente por todos. A vida em sociedade exige portar-se exemplarmente diante dos demais integrantes do meio em que se está inserido.

São muitos os exemplos básicos e necessários muitas vezes desrespeitados ou ignorados por muitos cidadãos de bem. O descarte de resíduos é um deles. A forma da destinação do lixo é responsabilidade de todos. E isto não quer dizer apenas colocar os detritos na frente da casa para que seja coletado pelo serviço público. É preciso acondicionar corretamente o material descartado para que não represente risco às equipes que fazem a coleta ou a qualquer pessoa que possa vir a manuseá-lo. Há que se cuidar coletivamente para se evitar que canteiros, praças, galerias pluviais e ruas se tornem “lixões”.

Em outro ponto, o exercício da cidadania se faz necessário no trânsito, onde é comum pedestres e condutores de todos os tipos de veículos, como também pedestres, agirem como se fossem gladiadores na arena da Roma Antiga. Existem leis a serem respeitadas e, acima de tudo, deve-se zelar e priorizar a vida de todos. O trânsito é um ambiente cada vez mais hostil à civilidade e tal situação exige respostas das autoridades, porém, tão importante quanto, das pessoas. Todos os atores do trânsito têm que fazer uma análise do próprio comportamento e buscar melhorar.

Existem muitos outros aspectos coletivos a serem melhorados. O combate ao preconceito, as relações interpessoais, o respeito às filas, o bom uso dos espaços coletivos, a preservação das estruturas públicas e o cuidado com o meio ambiente. Há muito o que se melhorar na sociedade brasileira. Em que pesem as diferenças regionais e os avanços conseguidos até aqui, no geral, o brasileiro ainda é muito falho.

A solução passa por diversos caminhos. A educação é o principal deles. E, no caso, a educação começa em casa, quando a pessoa ainda está nos primeiros dias de vida. Os pais e responsáveis são os primeiros a ter a missão de moldar o futuro cidadão para as boas práticas. Claro, em seguida, vem o ambiente escolar com um papel fundamental para a vida coletiva. Porém, acima de tudo, é primordial a vontade do indivíduo em ser reconhecido como uma pessoa correta, que realmente prima por viver em um ambiente socialmente sadio.

O primeiro passo para ser essa pessoa que exerce a cidadania de forma ampla é cumprir seus deveres sociais sem esperar por uma fiscalização, uma ordem, uma lei. Que as pessoas incutam em si a vontade de serem boas para a coletividade. Que deixem o seu bom exemplo contagiar os demais indivíduos.

## Artigo

Rui Leitão  
ruileitao@hotmail.com

### O diálogo na gestão pública

Não acredito que exista boa prática política onde não prevaleça a capacidade de diálogo. É assim que se estabelece a moderação nas divergências, o equilíbrio nos conflitos, o respeito ao pensamento discordante e a percepção das ansiedades coletivas. O diálogo contribui para que se construa uma sociedade melhor e mais justa. Como chegou a dizer Paulo Freire: “o diálogo cria base para a colaboração”. Soluciona desentendimentos e transforma campos de batalha em ambientes de paz.

É preciso vencer a inclinação humana para valorizar os interesses particulares em detrimento dos coletivos. Não podemos permitir que a arrogância e o egoísmo estraguem as relações solidárias. Ninguém é dono absoluto das verdades. Todos nós somos seres que necessitam da colaboração de outros, no exercício da humildade em reconhecer que “não somos individualmente o centro do mundo”. O compartilhamento de saberes ajuda a definição de atitudes em favor da vida social. Os desafios a serem enfrentados são vencidos através do diálogo.

A democracia só se afirma quando prepondera o clima de diálogo numa comunidade, oportunizando a que líderes e liderados se permitam ouvir uns aos outros, na expectativa de encontrar o consenso amparado no racional, nunca no impulso das emoções ou das ambições pessoais. Dialogar é compor, ceder, saber ouvir, aceitar sugestões, compartilhar ideias. E isso é essencial na política.

O líder é respeitado quando não oferece espaço para ódios, vinganças, perseguições, procedimentos que comprometam legalidades. As crises, os acirramentos, as animosidades, em prejuízo do bem comum, resultam da incapacidade do líder em dialogar. O diálogo é, e será sempre, a saída mágica para enfrentar o império da tirania, porque tem força transformadora. O autoritarismo é a negação da capacidade de diálogo. A tirania é a postura própria dos que se negam a estabelecer o diálogo como princípio essencial da democracia, exigindo a obediência cega.

Considero importante a participação cidadã na escolha de rumos que garantam o eficaz funcionamento de um governo voltado para o bem social. O Orçamento Democrático Estadual, posto em prática pelo

governador João Azevêdo, tem se mostrado um eficiente mecanismo de gestão democrática, ao abrir oportunidades de participação dos cidadãos na definição de políticas públicas que atendam as necessidades da população. O diálogo com a sociedade produzindo debates e discussões para atendimento dos interesses da coletividade, de forma a encontrar pontos consensuais e a construção de projetos comuns. Pautas inclusivas nascem através do diálogo permitido pelos que têm o poder de tomar decisões e os que vivem fora dessa esfera de poder, garantindo, portanto, o comprometimento do governo, como um todo, com a eficiência na administração pública, alcançado graças à liderança condutora do gestor. Esse modo de governar diminui a diferença entre governante e governados, fazendo com que o povo se sinta empoderado nas suas relações com o poder executivo para dar encaminhamento a soluções que atendam as suas demandas prioritárias.

O Papa Francisco ressalta bem a importância do diálogo entre governantes e governados: “é preciso investir todas as forças no diálogo para reconstruções, respeito a legalidades e encontro das indispensáveis saídas, evitando descompassos que comprometam a civilidade, a ordem e a justiça”.

“

**A democracia só se afirma quando prepondera o clima de diálogo numa comunidade**

Rui Leitão

## Foto Legenda

Roberto Guedes



A obra não para

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Coisas incuráveis

Nestes anos mais recentes tenho ido à farmácia quase na mesma frequência que à padaria. Não é de agora. Mas só agora, sem muita estrada à vista, essa preocupação começa a tecer sombras e puxar lembranças a ponto de empanar-me os passos mais rotineiros.

Uma das lembranças trazidas a cada crise de rinite: a do velho Joca Leite, que tanto me repugnava a assoar-se a cada palavra das conversas com meu pai - a coriza expelida no estalo dos dedos. Coisa de nada, mas que não passou ilesa na composição que tanto exigiu do ofício de meus sonhos, o “Retrato de memória”. Não podia nunca imaginar que o defluxo crônico de uma criatura tão passageira viesse castigar o nojo, sem pecado, de criança tão remota no tempo. Ainda bem que entre as vantagens inúmeráveis da modernidade posso contar com a discricção higiênica do lençinho descartável.

Saí para a farmácia em busca de um antialérgico do qual não me ache ainda viciado, e, mesmo com os olhos no chão na noite sofrivelmente iluminada, tropeço numa cabeça com todo o corpo enrolado em lona escura, arrimado, do lado de fora, à parede de vidro do estabelecimento. Um embrulho dos muitos ou milhões que o clichê de hoje identifica como gente “em situação de rua.”

O embrulho mexeu-se, assustei-me, e apurando as vistas, tentei desvendar seu rosto e pedir desculpa. Esperei o bastante para me convencer que a peitada fora bem menos pesada que aquele seu sono solto, a forte corrente de ar da minha rua a passar a mão naquela mísera cabeça devolvida às leis da natureza.

Pois bem, mal me retiro, alguns passos depois, quase na mesma calçada, estaco fuzilado por dois olhos da cor de brasa, entre assustados e furiosos, que se arrancam do fundo de uma sacola do tonel de lixo aturdidos pela minha chegada ou pelo meu espanto.

Mastigava, parou de mastigar e, pilhado nesse rebaixe, lançou fora o que tinha na boca numa reação que me assustou. Parado estava, parado fiquei, um diante do outro, ele reclinado com os dois braços apoiados nas beiradas do tonel, eu sentindo o gatilho dos seus olhos a me reter a voz e qualquer atitude. Não sen-

“

**O embrulho mexeu-se, assustei-me, e apurando as vistas, tentei desvendar seu rosto e pedir desculpa**

Gonzaga Rodrigues

ti medo, tenho certeza. Senti pior, coisa como um desengano forte, súbito, sempre súbito, apesar de manchetes como a desta semana: “33 milhões de brasileiros não têm o que comer” (Rede Globo)

Preparei-me mudo para entregar o que restasse no bolso, o relógio do pulso, a carteira. Ainda passei a sacola da farmácia para a mão direita resolvido a puxar a carteira com a esquerda. Nada me ajudava, o estacionamento deserto, nenhum carro que chegasse, nenhum freguês.

Desci os olhos até seus pés, a calça rota e sem cor mal chegando aos tornozelos, tão magros quanto os meus. E consegui ver, então, que podia respirar, ter voz, podendo falar qualquer coisa que não fosse o que tanto me repugnara, aquele bocado sujo lançado e cuspidado fora.

Ele retorna o olhar para dentro do tonel, faz lá sua reavaliação, e de repente desembesta em demanda do deserto escuro que é o trecho entre lojas fechadas de um lado e o alto paredão da Igreja Universal da Epitácio Pessoa. Sem olhar para trás, sem me dar chance de ter feito a entrega a que estava resolvido. Mas já sem me lembrar do que me levava à farmácia.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Foto:Secom-PB

Projeto do Arco Metropolitano de João Pessoa que promete desafogar o tráfego e trazer segurança viária para o Estado

## MOBILIDADE URBANA

# Infraestrutura rodoviária e transportes para o futuro

Obras devem alavancar desenvolvimento e atrair mais investimentos na PB

Ítalo Arruda  
 ianolivrra@gmail.com

A Paraíba vem recebendo importantes investimentos nas áreas de infraestrutura rodoviária e transportes. Tais obras permitem vislumbrar cenários de desenvolvimento e crescimento comercial, econômico e turístico, além do estreitamento de parcerias entre poder público e iniciativa privada.

É o caso da Ponte do Futuro – projeto apresentado recentemente pelo Governo do Estado, que vai interligar os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena até 2026; do Arco Metropolitano de João Pessoa, que teve a obra iniciada na última quinta-feira; e do Arco Metropolitano de Campina Grande, inaugurado an-

teontem. Juntas, as intervenções somam um investimento de mais de R\$ 730 milhões.

De acordo com o engenheiro civil e presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Paraíba (Crea-PB), Hugo Paiva, esses complexos rodoviários têm o potencial de promover impactos significativos, sobretudo, porque a melhoria na malha rodoviária e na infraestrutura de transporte não só ajuda a impulsionar o desenvolvimento do comércio local e regional, mas também contribui para a atração de novos negócios para a localidade.

“Todo investimento em infraestrutura rodoviária traz resultados positivos para o nosso estado e para os estados vizinhos. Quando qualquer gestor

investe em infraestrutura de rodovias e transportes, investe também no crescimento da economia do estado e do país, uma vez que esses investimentos são apontados por profissionais e especialistas como o mais relevante para alavancar a geração de empregos, a segurança nas estradas, a redução de custos e o crescimento turístico e econômico de uma região”, avaliou Hugo Paiva.

### Federação das Indústrias

O mesmo pensa o presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), Francisco Gadelha. Para ele, o encurtamento da distância geográfica, motivado, principalmente, pelas intervenções em estradas e rodovias, é positivo tanto para a mobilidade

urbana quanto para a economia, uma vez que se gastará menos tempo e menos combustível para fazer determinados deslocamentos.

“O Arco Metropolitano é um grande desvio que encurta distâncias e acaba diminuindo o consumo de combustíveis, e, sem dúvida nenhuma, barateia os custos com o transporte. Esse arco que será construído em João Pessoa, interligando a BR-101 à BR-230, é muito importante porque os carros não vão ter que passar por dentro de Bayeux e de Santa Rita. Os motoristas pegarão a estrada livre, e, com isso, encurtarão distâncias, diminuindo também o tempo de viagem e da entrega de mercadorias, beneficiando diretamente o setor industrial”, analisou Gadelha.

## UN Informe

Ricco Farias  
 papiroeletronico@hotmail.com

### “TEM O RESPEITO DA POPULAÇÃO”, DIZ JOÃO AO FALAR SOBRE POSSÍVEL CANDIDATURA DE ROMERO EM CG

A passagem do governador João Azevêdo (PSB) por Campina Grande, na sexta-feira (15), não poderia ocorrer sem que ele fosse provocado pela imprensa para falar sobre a eleição municipal na cidade, sobretudo da possibilidade de uma candidatura a prefeito do deputado Romero Rodrigues (Podemos) pela oposição. O gestor estadual reconheceu que o deputado é um nome forte para derrotar o prefeito Bruno Cunha Lima, que se filiou ao União Brasil. “Cada um faz seu próprio caminho. Romero, é um nome, indiscutivelmente. Romero tem um histórico, trajetória e respeito da população de Campina Grande. Agora, é uma decisão pessoal. Eu sempre digo: quem vai decidir sobre ser candidato é o próprio Romero. Ele sendo candidato, evidentemente que terá a possibilidade de agregar muita gente em torno dele. Estamos aguardando”, disse. E essa definição parece estar bem próxima de ocorrer. Na semana passada, o presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos), revelou que Romero “pediu um tempo até o começo do próximo ano” para anunciar a sua decisão.



Foto: Edson Matos

### É A BANCADA ‘ROMERISTA’

A Câmara Municipal de Campina Grande agora tem bancada independente, integrada só por vereadores ligados ao deputado Romero Rodrigues. É formada por Janduy Ferreira (PSDB), Aldo Cabral (PSD), Saulo Germano (PSC), Saulo Noronha (SD), Hilmar Falcão (DC). E ganhou novo integrante: Márcio Melo (PSD), formando o G6. Detalhe: este último deixou recentemente a presidência da Urbema, órgão da prefeitura. Algo está no ar.

### O GOVERNO ERROU?

Veneziano Vital do Rêgo comentou o embate entre Congresso e governo no que diz respeito à prorrogação da desoneração da folha para 17 segmentos econômicos – Lula barrou a matéria, mas os parlamentares derrubaram o veto. “Foi aprovada com votos do governo e só depois que saiu das duas casas do Congresso, o governo vetou. Deveria ter feito a discussão prévia para evitar isso [desgastar]”, afirmou. Ele votou a favor da derrubada do veto.

### ENTRE DUAS POSTULAÇÕES

Questionaram o senador Veneziano Vital do Rêgo se não haveria uma hesitação do MDB no tocante ao apoio a uma pré-candidatura a prefeito de João Pessoa. “Não há. A decisão deverá ser dada em março, não vamos esperar até as convenções”, disse, pontuando que a decisão está entre apoiar a reeleição de Cícero Lucena (PP) ou a postulação de Ruy Carneiro (Podemos). “Já conversei com Cícero”, revelou.

### “EU NÃO CONCORDO”

“Eu não concordo com a obrigatoriedade dessa vacinação de bebês de seis meses a quatro anos. Isso não tem nenhuma base científica”. Do pré-candidato a prefeito de João Pessoa pelo PL, Marcelo Queiroga, se opondo à recomendação do Ministério da Saúde. Ocorre, porém, que ainda na gestão dele à frente do Ministério da Saúde, a portaria nº 181, de dezembro de 2022, previa a imunização dessa faixa etária.

### OS NÚMEROS DO MINISTÉRIO

A opinião de Marcelo Queiroga sobre vacinas em bebês se opõe a de infectologistas. Até agosto, 3.586 crianças de zero a cinco anos incompletos foram hospitalizadas com síndrome respiratória aguda grave causada pela Covid, e houve 93 óbitos, “O risco de casos mais graves e morte de crianças é praticamente comparável ao da população com mais de 80 anos”, diz a infectologista Rosana Richtmann, do Hospital Emílio Ribas.

### “A ALIANÇA É FORTE”, DIZ LUCAS SOBRE PARCERIA ENTRE PP E PSB

Vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro (PP) descartou qualquer possibilidade de rompimento político entre o PP de Cícero Lucena e o PSB do governador João Azevêdo. “Nosso governador tem sido muito claro no sentido de que essa aliança é forte e firme. É uma parceria que tem dado muitos frutos”, disse, acrescentando que “as divergências partidárias são normais, mas sempre sentando à mesa para discutir e chegar a um consenso”.

## Novas Obras

### ■ Arco Metropolitano de João Pessoa

Com um investimento de, aproximadamente, R\$ 182 milhões em recursos próprios, o Arco Metropolitano de João Pessoa, cujas obras foram autorizadas, na última quinta-feira (14), pelo governador João Azevêdo, vai interligar as BRs 101 e 230. Um dos objetivos é reduzir o tráfego de veículos no perímetro urbano, facilitando, com isso, o deslocamento na Grande João Pessoa.

Ao todo, a obra contará com mais de 18 quilômetros de extensão, dois viadutos, duas pontes com extensão de 40 metros sobre o Rio Gramame e Mumbaba, além de passarela e interseções de acesso e retorno a cada quatro quilômetros. Também estão previstas ações de recuperação de áreas degradadas e ações de paisagismo e a implantação do sistema de drenagem para escoamento de águas pluviais. As medidas, segundo o governo estadual, vão contemplar diretamente os transeuntes que se deslocam para o interior do estado e para Recife, em Pernambuco.

### ■ Ponte do Futuro

Apresentada, oficialmente, no início da semana passada, a Ponte do Futuro é mais um complexo rodoviário que deve revolucionar a história da mobilidade urbana da Região Metropolitana de João Pessoa. Isso porque o equipamento vai interligar as cidades de Cabedelo, Santa Rita e Lucena. O valor do investimento supera a ordem de meio bilhão de reais.

Além de uma ponte com dois mil metros de extensão, o projeto – que já teve a licitação autorizada pelo Governo do Estado – prevê a construção de pistas de passeio, ciclovia e acostamento, um viaduto de 40 metros sobre a linha férrea e uma outra ponte de 480 metros de extensão, que será construída sobre o Rio da Guia, no município de Lucena. A previsão é que a ‘Ponte do Futuro’ seja entregue no primeiro trimestre de 2026.

### ■ Arco Metropolitano de Campina Grande

Sendo a obra de mobilidade urbana da Paraíba mais recentemente inaugurada, considerando que a entrega acontecerá na próxima sexta-feira, o Arco Metropolitano de Campina Grande interliga as BRs 230 e 104 e a rodovia estadual PB-095.

A obra vai ordenar o tráfego na zona central da cidade, retirando, ainda, o tráfego de caminhões pesados daquela área. O valor do investimento é de cerca de R\$ 48 milhões. Ao todo, 650 mil pessoas serão diretamente beneficiadas com o equipamento rodoviário.

# Milton Dornellas,

gestor do Prima

## “Conseguimos incluir o Prima na LOA e na LDO”



Diretor Milton Dornellas explica avanços em ampliar a política do projeto Prima com previsão orçamentária

Taty Valéria  
tatyavaléria@gmail.com

Criado em 2012, o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes – Prima, possui dezessete polos de ensino em quatorze municípios da Paraíba, atendendo oitocentos estudantes com aulas de teoria musical, prática de instrumento musical e canto coral. Reconhecido como um dos programas de inclusão mais bem-sucedidos do país, o Prima contempla, atualmente, 800 alunas e alunos que, através da música, conseguem sonhar e planejar um futuro com mais oportunidades.

Em entrevista ao *Jornal A União*, o gestor do Prima, Milton Dornellas, comenta sobre os anos de pandemia, considerados os mais desafiadores, e celebra o ano de 2023 como a grande retomada do programa, com a volta dos alunos, investimentos e valorização dos professores e gerentes que atuam no projeto.

## A entrevista

■ O senhor faz parte da própria criação do Prima. Como se deu essa trajetória?

Fui convidado para trabalhar como o responsável pela área de música do Departamento Cultural de João Pessoa, que era ligado à Secretaria de Educação. Poucos anos depois, por volta de 1992 ou 1993, esse departamento se transformou na Fundação Cultural de João Pessoa – Funjope, e todo esse quadro que era do departamento, foi absorvido pela Funjope. Fiquei como diretor de música e lá exerci os cargos de diretor cultural, de secretário-adjunto, e de secretário. Trabalhei durante esses 30 anos dentro da Funjope e lá conseguimos implementar muitas ações, principalmente, a partir de 2005, conseguimos ocupar muitos espaços. Foi uma época movimentada no setor cultural. Criei o Conselho Municipal de Cultura, e nesse período em que fui diretor da Funjope, também fui eleito o presidente do Fórum Nacional de Secretários dos Municípios. Esse foi o período de prefeitura, que durou até 2012.

Então, fui convidado para trabalhar na Secretaria de Cultura do Estado, que na época estava sob a gestão de Chico César, que me convidou para fazer parte da equipe. Uma das missões que ele me deu, foi ajudá-lo na implantação do Prima. Em 2017, eu já estava como diretor de Ação Cultural da Secretaria de Cultura e passei a fazer a gestão do Prima. Em 2019 fiquei como secretário-executivo da Secult e em 2022, retornei.

■ Algumas pessoas consideram o Prima uma escola de música. Mas, o projeto é bem maior que isso. Como o senhor define o Prima?

O Prima foi criado com o propósito de fomentar música de orquestra, grupos de orquestra, grupos de câmara e tem por objetivo maior, de atender em áreas de vulnerabilidade social. Para fazer parte do Prima, é necessário atender alguns critérios: ser matriculado regularmente na rede pública de ensino e au-

■ Dia 20 de dezembro, o Prima realiza um concerto no Teatro Paulo Pontes com 150 alunos e mais de 50 professores

nos do EJA também podem participar.

Utilizamos a música como um meio. Com o exercício de música coletiva, as pessoas vão se desinibindo. Ele também exige muita disciplina por ser um trabalho conjunto, onde um depende do outro, então, esse exercício coletivo, a soma de todos eles, vai refletir em um resultado que alcança até o desempenho escolar. Você tem melhoria de comportamento e melhoria na autoestima da garotada. E é a partir dessa autoestima, que eles conseguem tomar melhores decisões. Se uma criança entrar no Prima ainda no Ensino Fundamental e ficar até o final do Ensino Médio, são em média, 12 anos. No final, ele estará apto a fazer um curso superior de Música, se ele desejar. E a música é um instrumento importante para ele se sentir seguro.

E nós já temos muitos resultados positivos como dezenas de alunos fazendo curso superior. Alguns cursando Medicina, Pedagogia, Letras, Matemática. Nós temos um aluno que hoje é o mais jovem concursado da Orquestra Sinfônica de Belém, no Pará. Ele veio de Itaporanga e foi aluno do Prima. Nós temos muitas histórias bonitas de crianças e adolescentes que ressignificaram seus caminhos.

■ A pandemia trouxe muitas perdas, especialmente, para a cultura. Como o Prima lidou com esse momento?

Foi um período muito difícil. Para se ter uma ideia, em 2019 tínhamos 1.200 alunos matriculados. Durante a pandemia, que durou de 2020 a 2022, nós não conseguimos atender 20 pessoas.

Os alunos, na sua grande maioria, não tinham as ferramentas necessárias. Uma casa, com uma família e apenas um aparelho celular. Casas pequenas, com toda família 24h por dia. Como estudar música assim? E, principalmente, para os alunos iniciantes de música, é muito difícil a aula *on-line*. Emocionalmente, as pessoas ficaram fragilizadas. A própria equipe ficou fragilizada e continuamos com as reuniões mensais e isso nos ajudou muito. O objetivo dessas reuniões era muito mais de manter o ânimo e o encorajamento para vencer aquilo tudo, em um momento em que não se sabia muito o que ia acontecer, principalmente, antes de aparecer a vacina, com todo aquele negacionismo.

■ Foi possível manter algum tipo de atividade do Prima nesse período da pandemia de Covid-19?

Conseguimos manter algumas atividades e programas nessa época, como o Prima Com Vida (*on-line*), com assuntos que eram de interesse não só da comunidade Prima, mas da comunidade como um todo. Também fizemos o programa Janelas Abertas, que eram cursos com professores ensinando a usar melhor os instrumentos. Mas, tivemos que aprender como fazer. Raniere Travassos, nosso coordenador pedagógico, foi gigante nisso. Nós fizemos esses programas e também alguns concertos. Foi um processo muito interessante. Em alguns concertos, uma única música precisava da edição de 80 vídeos: um aluno lá de Catolé do Rocha mandava a parte dele, outro aluno de Campina Grande mandava sua parte, aí juntava três flautas, quatro violinos e colocar todos, um por um, na orquestra. Isso foi dando ânimo para continuar. Até que veio o processo de vacinação e nós incentivamos muito as pessoas a se vacinarem. Em 2022 retornamos de forma híbrida e começamos a retomar nosso trabalho.

■ Podemos considerar que o ano de 2023 foi de retomada?

Nesse segundo semestre de 2023 nós já estamos com 800 alunos matriculados. Esse ano se tornou um marco extraordinário para nossa história. Temos muitas conquistas para comemorar, e apesar do clichê, foi um ano divisor de águas.

O Prima participou do Concerto do Quinteto de Cordas no 43º Festival Internacional de Música de Londrina (PR); do Concerto do Quinteto de Cordas no Conservatório Pernambucano

de Música. Foram 130 apresentações feitas pelos polos durante 2023. Sete Concertos Didáticos em sete unidades prisionais da Paraíba. A Diretoria de Gestão do Prima foi convidada para falar da experiência na Programação Oficial de Comemoração dos 175 Anos da Escola de Música da UFRJ.

Outra conquista importante desse ano é que foi criado o organograma administrativo do Prima, na Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba. Isso garantiu melhoria salarial para gerentes e professores do Prima. Pela primeira vez, nós tivemos uma camiseta padrão para os alunos, com 800 unidades.

Nós conseguimos implementar, para 2024, o orçamento para o Prima e, é a primeira vez, desde seu surgimento, que o orçamento para o programa está previsto na LOA e na LDO.

Conseguimos reestruturar os polos, realizar recitais internos e externos e ensaios para o Grande Concerto Prima, depois de um vazio de quatro anos. O concerto acontece dia 20 de dezembro, no Teatro Paulo Pontes, e vai contar com a participação dos dezessete polos Prima, 150 alunos e mais 50 professores.

Até pelo simbolismo dessa retomada, se o nosso concerto fosse apenas uma música, já valeria a pena. Realizamos 13 ensaios, reunindo 14 municípios dos 17 polos. Vai ser um espetáculo belíssimo!

■ Existe um projeto de levar filhos e familiares dos apenados do sistema prisional para o Prima. O senhor pode falar um pouco sobre isso?

O projeto com os presídios, para filhas e filhos de reeducandos e reeducandas, surgiu a partir de um chamado do secretário de Administração Penitenciária, João Alves, e de Thiago Robson, presidente do Conselho das Comunidades. Nos reunimos com a equipe, colocamos qual era a intenção, qual seria a metodologia, e assim foi feito. A ideia seria fazer recitais nos dias de visita dos familiares. São recitais didáticos, mais curtos, até porque é no período de visitas e a prioridade dos apenados é ficar com a família. Tivemos reunião com todos os diretores de presídios de unidades penais nos municípios onde existem polos do Prima e iniciamos o processo de Conselho Didático. Conseguimos fazer o levantamento dos nossos instrumentos e, em 2024, nós podemos oferecer até 230 vagas para essa demanda e já contamos com 40 inscritos. É um número bem significativo se considerarmos todo o contexto.

■ O senhor tem a dimensão do que isso significa para essas pessoas?

As famílias são muito estigmatizadas e, às vezes, elas não se

incluem nas coisas por achar que não têm direito ou para evitar exposição e discriminação. Às vezes, a condição social não permite nem ter dinheiro para assistir as aulas. Tem toda uma tragédia social. Mas, estamos nesse processo e considero 40 alunos inscritos para essa primeira rodada, um número significativo. A partir de 2024 nós vamos retomar a ação diretamente nas unidades penais.

É um trabalho que tem sido muito importante. A própria Seap tem entrado em contato, o secretário João Alves falando da grande repercussão, inclusive, no sentido de extensionar internamente porque as pessoas que estão em situação de cárcere percebem que há uma preocupação com seus familiares e isso é real. Não é politicagem. É uma política pública muito importante.

■ O senhor acredita que isso possa facilitar uma ressocialização?

Eu não acompanho a experiência de ressocialização, mas eu posso dar uma opinião muito empírica, muito pessoal, de cidadão. Acredito que tudo que é benéfico para minha família, me auxilia a acreditar um pouco mais, ou me esforçar um pouco mais, apesar de ser uma situação muito mais difícil pra quem está privado de liberdade. Mas, acredito que é uma soma de ações: se ele consegue estudar, se ele consegue trabalhar, a família dele consegue ter algum tipo de assistência e saber que o filho não está na rua. Tudo isso contribui.

A música é uma coisa muito atraente. Acompanho os recitais sempre que possível, e em uma ocasião lá no Serrotão (Complexo Penitenciário do Serrotão, em Campina Grande), as mulheres começaram a dançar e cantar espontaneamente. O grupo tocando e elas cantando e dançando, manifestações durante e depois das apresentações de pessoas que estão lá dentro... Isso é emocionante. Nós já fizemos no Presídio Sílvia Porto, já fizemos Fórum Cível, no Presídio Feminino Júlia Maranhão e Presídio Regional Feminino de Campina Grande. Todo esse trabalho tem uma repercussão extremamente positiva nesse reencontro com os familiares.

■ E particularmente para Milton Dornellas, o músico, o artista e o gestor de cultura, o que significa o Prima?

Eu tenho usado uma palavra que me emociona muito: ressignificar. É a oportunidade que se tem de mudar completamente uma vida. A vida é feita de escolhas, mas, às vezes, é preciso alguém que ofereça algo porque ninguém faz nada sozinho. Enquanto cidadão e artista, eu gostaria de ter tido um Prima na minha vida.

COM O CALORÃO

## Vale redobrar a atenção com os *pets*

*Alta temperatura pode causar queimaduras, estresse, desidratação e até a morte dos animais de estimação*

Iluska Cavalcante  
cavalcanteiluska@gmail.com

Tapete gelado, frutas congeladas, passeios mais curtos e regados de muita hidratação. Esses são alguns recursos que os tutores de animais de estimação têm recorrido na hora de tentar livrar os *pets* das altas temperaturas do verão. Cachorros, gatos, aves e roedores, não importa a espécie, se for doméstico, a pessoa precisa ter a responsabilidade de cuidar da saúde desses bichos na estação mais quente do ano. Caso contrário, o excesso de calor pode trazer problemas como estresse, desidratação, insolação e até a morte do animal.

De acordo com o veterinário Helder Camilo, da clínica Veterinar, em João Pessoa, é fácil cometer alguns erros nesse período na tentativa de ajudar cães e gatos, uma das mais polêmicas tem sido a tosa. Quem nunca levou o animal para aparar os pelos com o objetivo de fazê-los suportar o verão com mais facilidade? No entanto, segundo o especialista, o tiro pode sair pela culatra.

Ela explica que em muitos casos, principalmente em raças caninas típicas do frio, a exemplo do husky e do chow chow, o pelo serve como um protetor térmico para o animal, e retirá-lo pode causar prejuízo para a saúde.

“Um exemplo clássico é o husky siberiano. Ele tem uma pelagem adaptada e aquele pelo longo o protege da incidência solar. Com isso, o sol não vai queimar a pele do animal. Embaixo do pelo tem uma outra camada que retém

o ar. Ali fica se mantendo uma temperatura mais constante, para que quando o *pet* estiver no ambiente frio, dentro de casa, no ar-condicionado, não esteja tão gelado, e para que quando ele sair no sol, também não ganhe tanta temperatura”, alertou.

A empresária Anna Chiara da Silva Brito decidiu criar o Hachiko, um husky, há quatro anos e, desde então, a rotina da sua casa precisou mudar. O uso do ar-condicionado, por exemplo, que antes não parecia uma necessidade, virou indispensável.

Apesar dos maiores gastos desde que Hachiko chegou, ela conta que o amor pelo animal e a vontade de fazê-lo ter uma melhor qualidade de vida vencem os desafios. Além do ar-condicionado, ela tem adquirido novas alternativas, como o uso de tapete gelado, gelo na água, e o que ela chama de “dindin natural”, apenas com o suco da fruta.

“Ele sempre tem água fresca e geralmente gelada todos os dias, principalmente nessa época de calor. Também sempre tem um local fresquinho para deitar, mesmo que não esteja no quarto com o ar-condicionado, sempre tem um ventilador no pé dele”, comentou a empresária.

Hachiko já se acostumou com a rotina de ter sempre gelo a sua disposição, e independente da estação do ano, a tutora conta que ele mesmo aprendeu a pedir pelo refresco. “Às vezes, ele vai até mim na sala só para eu segui-lo até a geladeira, porque ele aprendeu que é de lá que vem o gelo. Então, a gente



Fotos: Roberto Cuedes

Veterinário Helder Camilo diz que um dos erros dos tutores é acreditar que a tosa vai aliviar o calor dos animais. Isso, porém, pode prejudicar algumas raças



já deixa uns bloquinhos no freezer e fica dando para ele durante o dia”, contou Anna.

Para o veterinário Helder Camilo, esses cuidados são essenciais para manter a saúde do animal nesse período do ano, sejam eles cães ou gatos, principalmente de raças como a de Hachiko. Segundo o especialista, esses animais têm uma fisiologia mais propícia a lugares frios e acabam muitas vezes sofrendo em ambientes como o do Nordeste, caso os tutores não tomem os devidos cuidados.

“Criar esses animais aqui é uma crueldade, entre aspas, vamos dizer assim. Porque eles não são naturalmente desen-

volvidos para um clima como o nosso. Aqui é um ambiente muito quente. Então, seria interessante a gente pegar animais de uma adaptação mais próxima da nossa realidade. Seria como colocar um urso na Bica, por exemplo. Ele iria enfrentar desafios. Mas, é preciso lembrar que esses animais são domésticos, então apesar de sentir o impacto da temperatura, eles conseguem se adaptar quando o tutor tem essa conduta”, afirmou Helder.

A empresária Silvia Maria é dona do espaço Cão Clube - creche e hotel, em Cabedelo, e precisa lidar diariamente com os cuidados especiais das mais

diversas raças de cachorros. Ela é dona de uma cadelinha da raça whippet, que não sofre tão intensamente com o calor, mas ainda assim recebe cuidados especiais nesse período do ano. Na rotina diária da creche, Silvia opta por alternativas, a exemplo de pontos de água espalhados por todo espaço, deixando o líquido sempre disponível para o cão, além de uma área climatizada, onde ficam os cães que sofrem mais com altas temperaturas. Lá, eles fazem atividades e brincadeiras.

Por outro lado, há raças que precisam de uma atenção especial. De acordo com Helder Camilo, esses animais são os chamados braquicefálicos, que apresentam um focinho mais curto, a exemplo do pug e do maltês. Isso acontece porque os cães de focinho maior conseguem condicionar melhor o ar para que chegue a uma temperatura mais baixa no pulmão. Já os de focinho curto, não condicionam a temperatura e podem, muitas vezes, correr risco de vida.

### Tutor deve ficar alerta para sinal de mal-estar

O Conselho Regional de Medicina Veterinária da Paraíba (CRMV-PB) alerta que o calor excessivo pode trazer desidratação, que resulta em complicações respiratórias e cardíacas; insolação; estresse; e até mesmo provoca a morte do animal. “Nos dias quentes,

os animais podem apresentar sinais de que não estão bem, e isso deve ligar o sinal de alerta nos tutores. Sintomas iniciais, como respiração ofegante excessiva e comportamento irregular não devem ser ignorados”, orientou o veterinário Altamir Costa.

### Protetor solar é indicado para os albinos

O uso do protetor solar em animais de estimação também é recomendado, principalmente nos albinos. “Eu gosto muito, inclusive de uma proteção solar mecânica. Mas, é preciso também to-

mar cuidado porque alguns causam alergia em animais que têm sensibilidade. Minha recomendação é manipular o protetor”, explicou o veterinário Helder Camilo. No caso dos gatos, o cui-

dado precisa ser maior naqueles de pelagem branca. O ideal é manter os felinos em casa para que, de forma independente, eles tomem sol em seu próprio tempo e horário. “Quando o gato vai tomar o

solzinho dele, ele mesmo vai e volta, sem sair de casa. Esse controle é importante para evitar doenças como a carcinoma de células escamosas (CCE), muito comum em gatos brancos e cães albinos”.

### Aves e roedores também sofrem com calor



Foto: Arquivo Pessoal

As aves e os pequenos roedores como coelho e porquinho da índia também precisam de atenção na época de maior calor. “As aves como as calopsitas são animais ornamentais. O pavão e algumas galinhas também, então esses animais sofre, sim,

e é um pouco mais complicado lidar com essa questão da hipertermia porque, naturalmente, eles já são mais quentes”, explicou o veterinário Helder Camilo. A veterinária Luíza Madruga deu algumas dicas relacionadas aos não convencionais.

### Orientação

- Não se deve deixar gaiolas expostas ao sol, pois o metal aquece o interior do recinto;
- A água deve ser oferecida com mais frequência, assim como vegetais frescos, principalmente para os roedores;
- Algumas aves gostam de se molhar em bebedouros ou mini banheiras, mas o borrifador também pode ser uma opção, caso elas já estejam acostumadas.
- Os répteis normalmente se adaptam ao período de calor. A atenção redobrada deve ser no inverno, com as temperaturas mais baixas.

### Cuidados

#### ■ Sintomas de cães e gatos que servem de alerta no verão:

- Cães e gatos ficam mais ofegantes;
- Frequência cardíaca aumentada;
- Hipersalivação;
- Animais com comorbidades, como aqueles que já são idosos, obesos ou com problemas cardíacos merecem uma atenção maior.

#### ■ Práticas recomendadas, por Helder Camilo, na época mais quente do ano para cães e gatos

- Passeio em horários adequados. Se possível, o tutor deve colocar o pé no chão para verificar se o piso ainda está quente;
- Exercícios com intensidade reduzida, sem cansar o animal;
- Em caso de oferecer alimentos, nunca optar por frutas cítricas;
- Água de coco e as frutas precisam ser em pouca quantidade para não desbalancear a alimentação do animal.

Veterinária Luíza Madruga alerta para exposição de gaiolas

## DEZEMBRO VERMELHO

## Aids: diagnóstico não significa o fim

Diferentemente da década de 80, resultado positivo para HIV não representa uma sentença de morte

André Resende  
andresendejornalismo@gmail.com

Desde que foi descoberta, em 1981, a Aids deixou de ser uma sentença de morte e passou a ser uma doença crônica, que embora ainda não seja curável, é possível de se conviver com qualidade de vida. Valdenes Brasil, artista popular, de 56 anos, recebeu o diagnóstico positivo para o vírus HIV e posteriormente para Aids quando tinha 30 anos, em meados de 1997. Na época, quando a medicina ainda estudava um tratamento adequado, recebeu a notícia como o fim do mundo. Hoje, 25 anos depois, leva uma vida quase normal, exceto pelo preconceito que ainda enfrenta diariamente.

“A medicina permite, às pessoas que vivem com HIV, qualidade de vida. Porém, o principal trabalho a ser feito é o aspecto psicológico, cuidar da nossa saúde mental. Receber o diagnóstico não pode ser visto como sentença de morte. Porém, o preconceito ainda existe, muitas vezes camuflado, e por isso precisamos dar suporte psicológico às outras pessoas na mesma situação. Meu mantra é: ‘viver com Aids é possível, mas lidar com o preconceito não’”, comentou Valdenes.

Além de artista, ele é coordenador na ONG Grupo de Apoio à Vida (GAV), em Campina Grande, primeira instituição formada na Paraíba para ajudar pessoas com HIV/Aids, em 1994. Valdenes conta que seu início na instituição foi como uma pessoa que recebia ajuda da ONG e, em pouco tempo, passou a ser voluntário. Para Val, como é conhecido pelo trabalho feito no GAV, poder ajudar outras pessoas que sofreram pelos mesmos obstáculos que ele é engrandecedor.

“Precisava me sentir útil, já fazia um trabalho voluntário no Rio de Janeiro numa outra instituição. Então, eu também queria fazer alguma coisa pela instituição que fez tanto por mim, aí entrei no quadro de voluntários. Fiquei auxiliando as pessoas lá, até que depois de alguns anos me convidaram para fazer parte nas eleições, e foi então que assumi a coordenação”, comenta.

Val reforça que o melhor método para lidar com o HIV/Aids ainda é o uso de preservativos. Ele relata que o tratamento permitiu que o vírus estivesse indetectável há mais de cinco anos, o que significa que ele não transmite o agente, porém, o artista e coordenador da ONG comenta que só faz sexo com proteção.

“Prefiro que seja com preservativo, mesmo sabendo que não corro risco de passar, mas me acostumei a fazer sexo com preservativo e não abro mão. Acho mais seguro, sabe? Apesar de ter relatos de amigos e amigas que têm relação sexual sem preservativo e o parceiro não pega. Mas, me acostumei, me adaptei a usar preservativo. Se você pode evitar, previna-se, não custa nada, o próprio SUS fornece preservativo masculino, feminino e gel lubrificante”, avaliou.

Foto: Freepik



Seguindo o tratamento corretamente, é possível ter qualidade de vida e manter uma rotina diária como qualquer outra pessoa

## Mais Sobre o GAV

O GAV conta com um total de nove voluntários, proporcionando suporte psicossocial e jurídico, e já atendeu mais de mil pessoas desde a sua criação, em 1994. Além do acolhimento, a ONG promove palestras e peças de teatro como reforço na prevenção por meio da conscientização do sexo seguro.

Ainda de acordo com Valdenes Brasil, a instituição também oferece aos seus assistidos cadastrados um suporte alimentar, com doação de produtos não perecíveis, que são arrecadados durante todo o ano.

Os itens são repassados para essas famílias, que são carentes e vivem à margem da pobreza. Atualmente, a instituição tem 250 famílias cadastradas e mantém as contas em dia com o auxílio de R\$ 2.500 cedido pela Prefeitura de Campina Grande.



ONG GAV promove material informativo e palestras sobre HIV/Aids

## Preconceito ainda é obstáculo a ser vencido

O diagnóstico do artista Valdenes Brasil aconteceu numa época em que o Brasil e o mundo viviam uma espécie de *boom* da doença. No período, a Aids foi estigmatizada pelos casos registrados em homossexuais. Um preconceito nascido, na época, pela falta de empatia das pessoas e na espetacularização da mídia nos casos da doença em artistas.

“Diziam que a doença era uma praga gay. O primeiro rótulo que as pessoas

■ **Uso de preservativo nas relações sexuais é imprescindível para evitar a transmissão do vírus**

que vivem com HIV recebiam era esse de ser portador da ‘peste gay’. Não era nada fácil receber esse rótulo, e não é até nos dias atuais. O mundo cai, desaba tudo, você pensa que vai morrer daqui a qualquer momento”, relembra.

Além do diagnóstico, Val conta que enfrentou o despreparo das equipes médicas para lidar com os pacientes e com o preconceito das pessoas mais próximas. “Cheguei a ficar com menos de 30 quilos de

peso. Em 1997 não tinha medicação adequada, o único retroviral na época era o AZT, ele já estava disponibilizado pelo Ministério da Saúde. As pessoas que descobriram a patologia antes partiram porque não tinha como fazer tratamento”, explica. Ele comentou que a disponibilização de um tratamento mais ajustado aos pacientes com Aids, com profissionais especializados para atender o público, foi uma luta do próprio movimento nos anos seguintes.

Para superar o preconceito, por ser uma pessoa que vive com a doença e por ser homossexual, Val comenta que precisou fortalecer o seu psicológico. Com a experiência de quem viveu o ápice da doença, passou pelos tratamentos existentes, e superou tudo, ele aconselha os mais jovens que estão recebendo diagnóstico que a dica é “manter o equilíbrio, manter a calma e compreender que é apenas um recomeço”, finaliza.

## Projeto da UFPB reforça política preventiva

O projeto de extensão “Falando sobre Aids”, desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado aos programas de pós-graduação de antropologia e de sociologia, atua com a promoção de palestras, debates e análise de dados. A professora Luziana Silva, integrante do projeto, explica que a iniciativa é uma forma de aglutinar informações coletadas a partir dos eventos promovidos pelo grupo, bem como de discentes que

aplicam questionários sobre o tema HIV/Aids.

A partir desses dados, o grupo trabalha na disseminação das informações como um reforço à política de prevenção. O “Falando sobre Aids” conta com uma abordagem multidisciplinar, a participação de 20 integrantes de áreas do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Educação, Letras e Direito. Luziana Silva detalla que o projeto, além de promover palestras em mu-

nicípios do interior da Paraíba, também atua com a promoção de oficinas para profissionais, professores e pessoas que vivem com HIV/Aids em vários campi da UFPB.

“A gente realiza oficinas em diferentes municípios, inclusive fizemos uma na cidade de Rio Tinto para quase 100 profissionais de saúde trazendo questões sobre estigmas, acesso ao tratamento, questões éticas e morais. Também atuamos entrevis-

tando pessoas com HIV/Aids para entender melhor as dificuldades. É um projeto que traz uma proposta multidisciplinar, um diálogo que vai destacar as dimensões sociais subjetivas e culturais relacionadas ao HIV”, comentou a professora.

## Parcerias

O trabalho é feito em parceria com ONGs, secretarias de saúde e dentro da própria universidade, com diferentes centros. “O Brasil teve um

protagonismo na luta pela melhoria de vida das pessoas que vivem com HIV/Aids, principalmente pelo envolvimento dos movimentos sociais - uma luta iniciada na década de 1990 para conseguir adquirir esses direitos. Mas, a gente precisa continuar falando sobre a Aids, agora para trazer a dimensão de pensar a cura, de pensar também na qualidade de vida das pessoas e também do acesso a medidas preventivas”, concluiu Luziana Silva.



Foto: Arquivo Pessoal

**Receber o diagnóstico não pode ser visto como sentença de morte. Porém, o preconceito ainda existe, muitas vezes camuflado, e por isso precisamos dar suporte psicológico às outras pessoas na mesma situação**

Valdenes Brasil

CAUTELA

# Atenção à validade dos produtos

*No dia a dia, verificar condições de embalagens de remédios e alimentos evita muitos problemas de saúde*

Fernanda Dantas  
 Especial para a União

Aquilo que deveria ser mais uma refeição corriqueira, se transformou em uma surpresa nada agradável. A estudante universitária Katherine Alves tomou um achocolatado comprado no dia anterior em um supermercado que sempre frequentou. Ela já tinha observado que, na embalagem, a data de validade não tinha expirado, mas ao ingerir o produto começou a sentir um gosto estranho e não terminou de beber todo o líquido.

A consumidora contou que minutos depois começou a ter sintomas como náuseas e mal-estar, e decidiu procurar. Passado o susto e curiosa para entender o que tinha causado, decidiu abrir a embalagem. “Primeiro, eu esvaziei a caixa do achocolatado e percebi que, mesmo sem o líquido, a caixinha ainda estava pesada.

Quando abri a embalagem por completo, percebi uma formação sólida, como se fosse uma bola de produto coagulado, e tinha um cheiro muito ruim”, comentou, após contar como descobriu o provável causador da enfermidade.

Assim como Katherine, muitos outros também já passaram por situações de prejuízo quando se trata de produtos alimentícios, devido às condições como validade, armazenamento ou temperatura, por exemplo. Por isso, é necessário tomar alguns cuidados antes de adquirir alimentos. Além disso, precauções também devem ser tomadas ao adquirir medicamentos.

De acordo com o diretor-geral da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa), Geraldo Menezes, o primeiro passo é sempre checar a data de validade dos remédios antes de levá-los ao caixa. Junto a isso, deve-se

conferir as condições da embalagem. “Também é muito importante observar se o medicamento na embalagem não está machucado ou apresentar sinais de estragado”, explicou.

Outros conselhos envolvem consultar se o fármaco possui selo de autorização do órgão competente, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e, para a própria segurança, não fazer uso de medicamentos que não foram prescritos por um profissional da área.

Em caso de alguma irregularidade perceptível, o consumidor deve informar a um funcionário para que o produto seja retirado de circulação e devolvido ao fabricante. “Esse processo é chamado de logística reversa. O fabricante é responsável desde a etapa de produção até o seu destino final e, nesses casos, ele também se responsabiliza”, ressaltou Geraldo Menezes.



Foto: Freepik

Outros conselhos envolvem consultar se o fármaco possui selo de autorização da Anvisa



*Em caso de irregularidade, o consumidor deve informar a um funcionário para que o produto seja retirado de circulação*

## Vários fatores podem afetar os alimentos

Em relação aos alimentos, a engenheira de alimentos da Gerência de Vigilância Sanitária de João Pessoa, Nicole Agra, destaca que a checagem do prazo de validade também é o passo essencial para não ser prejudicado. “Caso o fabricante indique alguma temperatura específica, verifique se ele, no ponto de venda, está sendo mantido nessa temperatura. Também se deve ter atenção às condições da embalagem, que deve estar

em perfeito estado, e as características do alimento, se ele está na cor característica, na consistência característica”, disse, salientando que a indústria produtora, não possui responsabilidades sob o produto se ele for adquirido depois da data de validade ultrapassada.

A profissional destacou a necessidade de atenção redobrada para alimentos não perecíveis. “Na grande maioria, são alimentos que pedem controle de tempera-

tura e climáticos bem específicos, então, é crucial observar a temperatura indicada pelo produtor. Se forem produtos hortifrutigranjeiros, ter cuidado para não ficarem expostos diretamente ao sol porque são necessários locais frescos e arejados para armazenamento”, salientou a engenheira.

Ela também deu detalhes sobre como os consumidores podem identificar sinais de deterioração ou contaminação: “Novamen-

te, é preciso observar as características organolépticas, que são a cor, o odor, a textura, a crocância e o visual da comida. Então, se um desses sinais estiver diferenciado do que se espera do alimento, isso significa que ele já não está próprio para o consumo. A deterioração não vem só da contaminação microbiológica. Ela pode vir também por excesso de luz, temperatura inadequada, tem vários fatores”, enfatizou Nicole Agra.

## Consumidor deve observar rótulos na hora da compra

E o que o consumidor pode fazer ao se deparar em situações infelizes como essa? Quais os direitos garantidos? Quem explica essas questões é a superintendente da Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor da Paraíba (Procon-PB), Késsia Liliansa.

“Se o consumidor ainda no estabelecimento localizar um alimento vencido, a orientação é que ele peça a um funcionário para retirá-lo da prateleira e informar ao Procon mais próximo, Vigilância Sanitária ou Agevisa para fiscalizar o estabelecimento”, orientou, reforçando que nenhum produto deve ser comercializado se estiver vencido.

Em um outro caso, onde se depare com um alimento já estragado após a compra, o comprador tem direito a um novo gratuitamente. A superintendente exemplificou: “Se a constatação se der visualmente, pelo olfato ou paladar, deverá comunicar ao fornecedor para retirada do produto e requerer um novo. O produto estragado, em regra, está associado ao armazenamento, devendo o comerciante responder pelos danos causados pela ingestão do produto impróprio para consumo, de acordo com o Art. 13 inciso três da Lei nº 8078/90”.

Já para os medicamentos, Késsia assegurou que os principais deveres de farmácias e estabelecimentos em relação a armazenamento e cuidados com o que vendem é, em primeiro lugar, a garantia de armaze-

namento adequado. “Considerando a temperatura, umidade e condições específicas de cada produto. Por exemplo, alguns medicamentos podem exigir refrigeração, enquanto outros devem ser mantidos em ambiente seco e fresco”, exemplificou.

Além disso, é necessário seguir procedimentos adequados ao manusear e dispensar medicamentos para evitar contaminação, danos ou exposição a condições inadequadas que possam comprometer a qualidade dos produtos, como também realizar o descarte apropriado de medicações vencidas ou danificadas. “Tudo isso seguindo as regulamentações e diretrizes ambientais para evitar impactos negativos ao meio ambiente”, pontuou, acrescentando que também é papel dos fornecedores e estabelecimentos de conceder informações claras e precisas sobre o armazenamento adequado e o uso correto dos medicamentos adquiridos, incluindo orientações sobre validade, forma de uso e possíveis efeitos colaterais.

Por fim, ela falou sobre as consequências que distribuidores de medicações e alimentos podem sofrer em circunstâncias onde o produto final chegue fora dos padrões de qualidade ao consumidor. “A empresa pode ser denunciada aos órgãos sanitários e de defesa do consumidor e pode sofrer penalidades previstas em lei, inclusive, até mesmo ser interdita, pois está incorrendo em crime contra a saúde pública”, finalizou.



Foto: Edson Marcos

Alimentos podem sofrer alterações também pelo excesso de luz, temperatura e outras formas de acondicionamento

## RIACHO DE SANTO ANTÔNIO

# Charme e resistência em uma cidade

Embora sinta os impactos de estar na região do Semiárido, município investe em calendário de eventos e em cultura

Fernanda Dantas  
Especial para A União

Riacho de Santo Antônio, um pequeno, mas charmoso, município do interior da Paraíba, está situado a cerca de 200km de João Pessoa. A cidade está localizada na microrregião do Cariri paraibano e, segundo o último Censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população total era de 1.955 pessoas, formando uma densidade demográfica de 20,87 habitantes por quilômetro quadrado.

De acordo com a secretária de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, Welba Nataly, a cidade não se iniciou no território que conhecemos hoje. A “Riacho antigo” deixou de existir quando foi determinada a construção de um açude exatamente onde ficava o povoado. “A construção do açude aconteceu devido à formação do relevo local, e toda a cidade ficaria embaixo d’água. Devido a isso, os moradores foram realocados para outra área, onde hoje fica a atual sede da cidade”, explicou a secretária.



Fotos: Jucélio Lúndenberg/ Blog do Jucélio

Cidade está situada a 200km de João Pessoa, na região do Cariri. Sua localização atual se deve à transferência do povoado para a área devido à construção de um açude na antiga área ocupada pelos moradores

Ainda assim, há vestígios da existência de uma velha Riacho. Durante a construção do açude a conhecida Rua Velha foi inundada, mas não é impossível vê-la. Hoje, apesar de restarem apenas as ruínas, ainda é possível avistá-la quando as águas do açude estão em baixa.

Historicamente, antes de se tornar município, a povoação

permaneceu de uma ma- neira até 29 de abril de 1995, menos de trinta anos atrás. Nesse dia, os riachoantinentes conseguiram a emancipação política, e Riacho de Santo Antônio foi elevado à categoria de município.

Segundo o portal Paraíba Criativa, a história desse nome surgiu por volta de 1877, época de grande estiagem. Um caçador que viajava com

destino a Pernambuco teria encontrado, em plena mata fechada, um riacho. O registro diz que o homem saciou a sede e, após chegar ao destino, contou o acontecido ao padre Antônio Ibiapina. O sacerdote, por sua vez, teria ido até o local e feito uma promessa a Santo Antônio para que aquela água nunca secasse, e que se isso acontecesse, construiria a

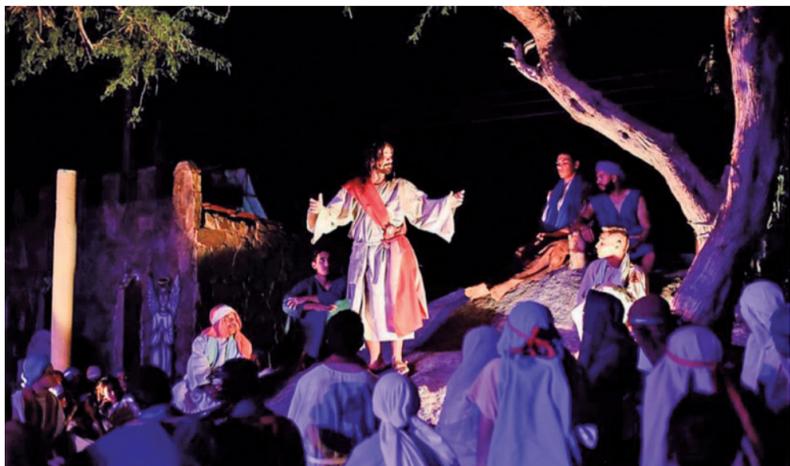
igreja em devoção ao santo.

Na parte da economia, a secretária de Cultura informou que a maior fonte de economia atualmente é oriunda do setor público municipal, já que o clima semiárido não permite tanta atividade agrícola naquela região, caracterizada pela vegetação da caatinga. “Devido às castigantes secas, o setor agro tem sofrido muito”, pontuou.

“

Somos um grupo de artistas e agricultores que existe há mais de 40 anos subsistindo com a força da arte-educação

Nadja Ferreira



Apresentações levam mais de duas mil pessoas para assistir à Paixão de Cristo

Foto: Jucélio Lúndenberg/ Blog do Jucélio

## Paixão de Cristo é um dos grandes eventos locais há quase 50 anos

No âmbito cultural, Riacho se destaca na região e no estado por realizar uma das maiores apresentações ao ar livre da Paraíba, a Paixão de Cristo. A tradição que começou antes do município ser emancipado é um espetáculo que cresce e se reinventa a cada ano.

Atualmente, a responsável pela realização do projeto é a Fundação Antônio Victor de Lucena (Favil), em parceria com o grupo Força Jovem Renovação em Cristo, ambos da cidade. A organização conta com o patrocínio da prefeitura municipal e outros incentivos externos.

A presidente da Favil, Nadja Ferreira, contou que tudo começou em 1974, quando os mesmos dois grupos apresentaram, durante a Semana Santa, a primeira edição do que se tornaria, segundo ela, “o mais antigo espetáculo cênico da Paixão de Cristo em área livre do estado da Paraíba”.

Quando perguntada sobre a preparação para o

evento, ela detalhou como tudo é planejado com antecedência. “Seguimos um cronograma e trabalhamos durante o ano com reuniões, bingos, rifas, divulgações, inscrições e ensaios no teatro, do mês de janeiro até o dia do espetáculo, que tem duração de três horas”, comentou a gestora.

A população também é uma grande aliada no processo. São cerca de 140 atores e atrizes no elenco e mais 80 pessoas envolvidas nos bastidores. A ação resulta em um produto que, para ela, é “onde se vive a vida e o processo de sacrifício e salvação de Jesus Cristo nas várias cenas de uma representação teatral de extraordinário realismo e beleza, fantásticos efeitos de luz e som que contribuem para a “Paixão de Cristo” tornar-se um inesquecível espetáculo”.

A expectativa para a próxima edição, que acontece em 29 de março de 2024, no Centro Teatral João Capibaribe, é de que mais de

duas mil pessoas contemplem o espetáculo. Nadja revelou que as novidades para o ano que vem contam com novos figurinos, cenários ampliados, novo projeto de luz, um novo roteiro cênico e inovações em efeitos especiais. “Visto que, a reescritura do texto possibilitou novas imagens bíblicas, inclusive suscitando a presença de coreografias específicas facilitando o entendimento para o espectador”, comentou a presidente.

Nadja destacou a importância da existência de grupos como esse para o desenvolvimento da cidade e o resgate histórico. “Nos consolidamos como um grupo pioneiro de agricultores e artistas que há mais de quatro décadas permanecemos, subsistimos com a força da arte-educação, bem como da perpetuação da sua religiosidade perpassada de geração a geração”, finalizou. Além da parte teatral, acontece também a comemoração do Sábado de Aleluia, que é uma festa social.

## Cavalgada municipal tem potencial turístico no calendário cultural

Evento, que reuniu vaqueiros e amazonas, ocorreu durante os 29 anos de emancipação política da cidade

Neste ano, a população presenciou um evento com grande potencial para se tornar tradição: a I Cavalgada de Riacho de Santo Antônio, no dia 23 de abril. A programação aconteceu em alusão à comemoração dos 29 anos de emancipação política.

A cavalgada municipal, prática bastante comum em cidades sertanejas, reuniu centenas de vaqueiros e amazonas que percorre-

ram com os animais, desde a zona rural até o centro da cidade. A concentração aconteceu no sítio Tanque Raso, e a comemoração em formato de desfile seguiu pela fazenda Almas, até a Praça Santo Antônio, cartão postal da cidade. O percurso foi guiado musicalmente pelo artista Joãozinho aboiador. Após o desfile, o evento contou com programação musical comandada pelo Trio Canarinho.

## Praça ganhou charme especial com a decoração do Natal Luz

O fim de ano foi um grande colaborador para aumentar ainda mais o charme da pequena cidade. A iluminação de Natal, batizada de Natal Luz, levou a magia do Natal com uma decoração completa até a principal praça da cidade.

Iluminações que vão do chão até o topo dos postes, casinhas iluminadas, um presépio e estátuas de Papai Noel e outras figuras natalinas são peças-chave que embelezam o local. Durante a inauguração, outros atributos também foram apresentados, como a

“Fábrica de Chocolate”, que distribuiu chocolate quente para quem estava presente e a visita de um Papai Noel.

O Natal Luz é uma ótima opção para tirar fotos, levar crianças e celebrar a felicidade carregada pelas festas de fim de ano.



Decoração dos festejos natalinos se somou à barraca da Fábrica de Chocolate

Foto: Nadja Ferreira



“Procuro justamente encontrar um ângulo novo da realidade para falar”, resume Rezende sobre a nova obra, que não segue uma tendência contemporânea de criar livros de contos em que se desenvolvem nuances diferentes de apenas um tema

‘TODA PALAVRA DÁ SAMBA’

# Na cadência do conto

Hoje, em João Pessoa, Maria Valéria Rezende lança uma coletânea que reúne “sambas-enredo” do gênero

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

**T**oda palavra dá samba. Todo assunto dá conto. E todo sábado é assim, há quase 20 anos, para Maria Valéria Rezende, nas reuniões no clube literário que ela ajudou a fundar. “A gente é que tem que conseguir produzir, mas não há nada que não possa ser um ótimo ponto de partida para uma fabulação, uma história que você inventa ou recupera da experiência”, explica a escritora santista-paraibana que completou 81 anos de idade no último dia 8, e lança, hoje, *Toda a palavra dá samba* (Dromedário, 88 páginas, R\$ 45). O evento aberto ao público acontece no Recanto da Cevada, a partir das 17h, no bairro dos Bancários, em João Pessoa.

Com 28 textos curtos, alguns com apenas um parágrafo, a coletânea de autoria de uma das maiores escritoras da literatura brasileira

é formada por múltiplos temas que conduzem a uma leitura leve e encantadora, difícil de largar. Além da espirituosidade e das malícias de sua autora, os textos revelam através de seus temas e de sua extensão diminuta a própria dinâmica de sua produção, que foi inteiramente controlada pelos encontros do Clube do Conto. Barata, amiga imaginária, campanha eleitoral, zumbi, avião. São alguns desses temas que Maria Valéria recebia a cada reunião do Clube com o desafio de produzir um conto. Ou um samba. Esses temas são revelados ao final de cada texto, dando ao leitor mais uma fonte de fruição por permitir que se perceba como a autora decidiu interpretar criativamente o objetivo daquele jogo literário.

“A gente passa a semana inteira dando o trato da bola para descobrir uma coisa para dizer, incluindo aquela palavra, aquele tema, que os outros não vão pensar. É a tentativa de pegar um ângulo que não vai passar pela cabeça de ninguém, para ser original. Isso é uma maravilha de estímulo, porque você não tem que ficar nessa de inspiração. Não, é transpiração mesmo, é trabalho”, conta Valéria Rezende, que direciona vários de seus contos pelo exercício de provocar os outros integrantes do Clube do Conto através de diálogos internos. “Esse método, que está presente desde o começo da vida do Clube, é uma das coisas que explica ele durar 20 anos, e não está nem um pouco com a cara de que vai acabar, pelo contrário”.

Por vezes, esses diálogos são também com quem está fora do Clube. No conto que abre o livro, o *Fantasmagoria*, Maria Valéria trata sobre um homem que precisou ter um braço amputado e passa a sofrer com a Síndrome do Membro Fantasma. O braço toma vontade própria e lhe tira o sossego quando passa

a apalpar obscenamente os corpos das mulheres, que nada sentem. “Eu tinha acabado de saber de um conhecido que tinha passado por uma intervenção cirúrgica, estava doente. Tomei isso como coisa e depois que eu escrevi fiquei preocupada, será que ele vai se sentir ofendido? Mande para ele o texto, perguntei o que ele achava que eu podia publicar. Ele disse: ‘Ah, foi a melhor coisa que me aconteceu, porque me fez rir do meu próprio problema’”, revela Rezende.

Alguns desses contos já haviam sido publicados em *Histórias nada sérias*, em 2017, pela Editora Escaleras, que já não está mais na ativa. A edição de agora é o segundo lançamento da Editora Dromedário e inclui textos novos, com a mesma proposta de ser uma coletânea do que foi produzida para o Clube do Conto em que o fio condutor é mais que a voz narrativa de Maria Valéria, mas a sua própria interação com o grupo de cerca de 24 companheiros literários. “O Clube do Conto foi uma das coisas muito importante que me fez continuar escrevendo. O cotidiano entra muito na minha literatura, justamente porque tudo que vai acontecer me desperta temas, dilemas, que podem ser depois aproveitados”.

*Toda a palavra dá samba* se diferencia, portanto, de uma tendência contemporânea de criar livros de contos em que se desenvolvem nuances diferentes de apenas um tema, como se seguisse a estrutura de um improvável romance. Algo criticado por Maria Valéria Rezende. “Procuro justamente encontrar um ângulo novo da realidade para falar. Tenho uma certa interrogação a respeito dessa tendência de ficar em torno de uma questão-chave. Porque eu acho que tem um risco da nossa literatura se tornar muito repetitiva. Sou uma leitora voraz e procuro

estar a par de tudo que está saindo de novo. Passo o dia agarrada no meu *tablet* porque, como eu não enxergo bem, tenho que ler na tela para poder formar uma letra bem grande. Tenho a impressão que a literatura está se tornando muito repetitiva”.

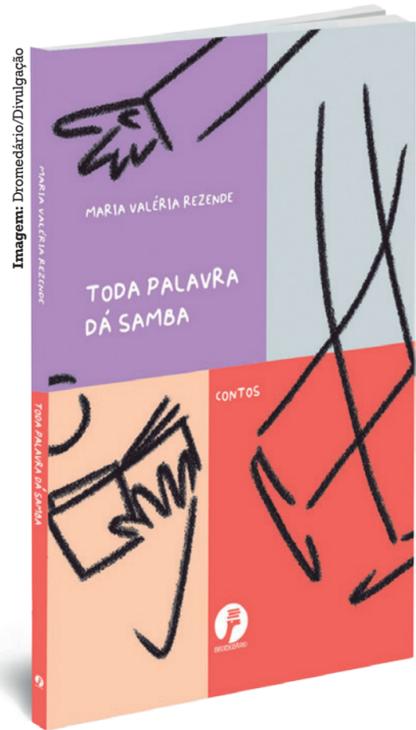
Finalista do Prêmio Oceanos, a escritora coleciona cinco Jabutis – incluindo o de Melhor Livro do Ano –, o Prêmio Casa de las Américas e o Prêmio São Paulo de Literatura. Com um pensamento astuto, Maria Valéria tem se ressentido dos efeitos dos analgésicos que tem tomado desde que quebrou o pé. Por isso, ela tem adiado os planos de não deixar como obra póstuma nenhum dos cinco romances começados e não concluídos. “Os romances ainda estão em aberto. E preciso tomar cuidado senão cada dia invento outro. Porque é muito fácil inventar, mas depois fazer mesmo... Eu já disse, na próxima encarnação eu quero ser poeta. Deve dar menos dor nas costas, porque escrever romances dá muita dor nas costas”.

Todos os livros mais recentes de Maria Valéria Rezende, como ela mesma certa vez afirmou, não têm ponto final. É como se a cada palavra que encerra uma obra literária abrisse apenas um compasso para um samba de breque mais sincopado. “A vida, na verdade, não tem ponto final. Porque mesmo depois que a pessoa morre, os outros continuam a construir a vida delas. Na forma de lenda ou de descoberta, ou seja lá do que for, mas fala-se, a gente fala tanto de quem morreu, né? Não existe fronteira entre memória e imaginação. Muitas vezes eu estou dizendo uma coisa, acreditando que estou dizendo exatamente o que aconteceu, e em boa parte eu estou inventando. Sem a linguagem a gente não é gente”. É verdade. E isso dá reportagem.

## CONFIRA O CONTO DE ABERTURA DA COLETÂNEA

### FANTASMAGORIA

Doutor, pelo amor de Deus, faz alguma coisa! Eu vim aqui pra pedir socorro. Eu não aguento mais viver assim. Eu sempre fui um cara decente doutor, decente de corpo inteiro, respeitador das mulheres. Agora esse braço parece que é de outra pessoa, doutor: parece que ele cresceu e ficou assanhado. Cada vez que eu chego perto de uma mulher esse braço se mete a agarrar a dona onde não deve e eu me tornei maníaco de pegar nas mulheres! É nos peitos, na bunda, nas partes, em qualquer lugar! Não consigo mais trabalhar, não consigo mais prestar atenção em nada, só fico pensando naquilo porque o braço não para quieto. Não, elas não sentem nada, não, doutor, só quem sente sou eu mesmo, é o braço que agora passa o tempo todo me puxando para perto das mulheres para passar a mão onde não devia. Se elas sentissem eu já tinha ido parar na cadeia. Não sirvo mais pra nada, doutor, não consigo mais trabalhar, vou acabar morrendo de fome! O que é que eu faço doutor, pelo amor de Deus! Não posso mais viver assim, completamente obcecado, só pensando em encostar em alguma mulher pra usar minha mão fantasma! Por que o senhor não cortou direito esse meu braço? Eu sei, eu sei que o senhor explicou que eu ia sentir a existência do braço mesmo depois de cortado, que era o fenômeno do membro fantasma, mas o senhor não me avisou que o meu braço fantasma seria tarado. Me salve doutor, por favor, faça alguma coisa.



Com 28 textos curtos, alguns com apenas um parágrafo, o livro é formado por múltiplos temas que foram abordados nos encontros do Clube do Conto da Paraíba

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Sobre a pena de morte

Um dos argumentos mais comuns usados para defender a pena de morte é que ela seria mais eficiente para dissuadir as pessoas de cometerem crimes, reduzindo consequentemente o índice de criminalidade e violência.

O argumento não parece convincente. Sociedades que possuem a pena de morte não são necessariamente menos susceptíveis a crimes. O exemplo dos Estados Unidos é paradigmático. Eles possuem a maior população carcerária do mundo, formada predominantemente por negros, pobres e latinos. Para quem se interessa em estudar o sistema penal norte-americano e as relações entre políticas sociais e criminalidade, uma boa dica de leitura é o livro *Punir os Pobres*, de Loïc Waquuant.

O desmantelamento do estado de bem-estar social dos Estados Unidos coincidiu com um maciço investimento no sistema penal: construção de presídios, aumento do contingente policial, endurecimento das leis e aposta em novos armamentos. É verdade que os norte-americanos nunca tiveram uma política social tão expressiva como os europeus, mas esse seu “Estado caritativo” desempenhou um

papel social expressivo. Em 1975, o direito ao seguro desemprego abrangia em torno de 81% dos cidadãos daquele país. Quinze anos depois esse número caiu consideravelmente. Apenas uma em cada quatro pessoas tinha direito a receber o benefício.

O déficit de moradia saltou de 600 mil para quatro milhões, enquanto o orçamento federal para habitação decresceu de 32 bilhões para menos de 10 em uma década. As taxas de pobreza se tornaram bem maiores que as da Europa e com mais amplitude. Para termos uma ideia, em 1991, 14% das famílias dos Estados Unidos viviam com 40% da renda média nacional, mas que o dobro da França e quase cinco vezes mais que a Alemanha.

Essa crescente elevação da pobreza produziu outros graves problemas: aumento da marginalização de jovens, violência, desesperança no futuro... A resposta ao problema foi o endurecimento da política repressiva, a hipertrofia do Estado penal e a criminalização da miséria. As prisões se tornariam extensão dos guetos. No período que vai de 1970 a 1991, a população carcerária dos Estados Unidos cresceu 314%. Criou-se assim um novo filão comercial. Muitas prisões

privadas foram abertas, o que gerou grande “comércio de presos” retroalimentado pela pobreza.

Tal experiência histórica nos leva a crer que o melhor caminho para diminuir a violência e o crime é o investimento em políticas sociais amplas e consistentes. Recentemente países como a Suécia e a Holanda vêm fechando seus presídios. A receita deles é uma boa distribuição de renda e oportunidades sociais, aliada uma política de penas alternativas.

## Realidade

**Sociedades que possuem a pena de morte não são necessariamente menos susceptíveis a crimes. O exemplo dos EUA é paradigmático**

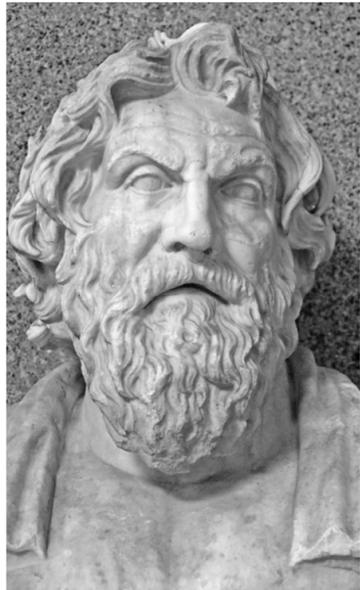
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Estética e Existência

## Ataraxia cínica

Foto: Reprodução



Antístenes de Atenas (445 a.c. - 365 a.c.)

Antístenes de Atenas (445 a.C.-365 a.C.) foi um filósofo grego que é considerado o fundador da Filosofia Cínica. Esse pensador ateniense possuía um estilo sofisticado em suas conversas. Sua principal tese sobre a Ética é que a virtude é o propósito da existência, ou seja, tudo que um cidadão faz deve estar em acordo com o bem supremo, que é compartilhado por todos. Essa virtude consiste em ação e está relacionada à razão, mas para que ela se manifeste na prática e torne-se suficiente para que a própria felicidade seja alcançada, é necessário desenvolvê-la por meio do diálogo. Em relação à lógica, Antístenes estudava sobre os universais. Como nominalista, ele acreditava que definições e predicados são falsos ou tautológicos (verdadeiros), pois só podemos afirmar que cada indivíduo é o que ele é, e não conseguimos fornecer mais do que uma simples descrição de suas qualidades. Neste exemplo, em relação a um cavalo, segundo Antístenes: “Eu vejo um cavalo, mas eu não vejo a qualidade inerente a todos os cavalos.” (Simplício da Cilícia (490-560), in Arist. Cat. 208, 28). Nesse argumento, observa-se o método circular de declarar uma identidade, por exemplo: “Uma árvore é um vegetal que cresceu” não faria mais sentido, portanto, em termos de lógica, do que “uma árvore é uma árvore”. De suas obras restaram apenas fragmentos. Duas de suas declamações sobreviveram, Ajax e Odisseu, ambas são retóricas.

Durante o período clássico da filosofia grega, entre os séculos 5 a.C. e 3 a.C., o Cinismo ficou conhecido por rejeitar as normas sociais, buscando uma vida simples em harmonia com o que a natureza providenciava para a sobrevivência dos cínicos. Eles acreditavam que a virtude consistia em aceitar as consequências de uma vida desprovida de bens materiais e defendiam uma existência sem ansiedades, conhecida como ataraxia. Esses filósofos zombavam das pessoas que se consideravam sábias.

A busca pela serenidade cínica é a tranquilidade da alma. O Epicurismo buscava a serenidade, dando prioridade ao prazer moderado, a fim de manter o equilíbrio da vida, pois negar o prazer na existência humana é uma agressão à alma. Assim, o prazer

humano é o que torna a vida suportável. Os epicuristas valorizavam os prazeres que consideravam mais importantes e simples. Por exemplo: ter amigos, conviver em boa companhia e alimentar-se de forma saudável. O Estoicismo afirmava que seria possível alcançar a serenidade ao aceitar tudo o que não pode ser alterado. Para os estoicos, a razão divina está relacionada a todas as coisas e, portanto, importa-se apenas com aquilo que podemos modificar. A Filosofia Estoica teve início com o filósofo grego Zenão de Cício (334 a.C.-263 a.C.) e é conhecida como a filosofia da coragem, pois devemos enfrentar aquilo que pretendemos modificar. Desse modo, para os estoicos, importar-se com o que pode ser modificado era a condição para a paz de espírito que se encontrava entre o que deve e o que não deve ser feito.

Os cínicos gregos defendiam viver sem angústias. A busca pela tranquilidade da alma é considerada parte do processo de se aproximar da ataraxia. Para eles, era necessário buscar uma maior naturalidade em relação ao que é importante na realidade, ou seja, o simples e o bem supremo que é comum a todos. Eles continuaram respeitando o que é natural e desrespeitando as rígidas convenções sociais que não beneficiavam o bem-estar de todos. Para os filósofos cínicos, os valores da sociedade da

época eram desarmônicos, especialmente nos aspectos da religião, da política e principalmente da ética, onde a arrogância ditava as verdades e forçava a alienação dos cidadãos. No âmbito político, o cinismo grego não seguia as falsas normas estabelecidas pelo cruel poder do Estado ou pela rigidez imposta pelas instituições. A prática filosófica do cinismo tinha como consequência a intenção de modificar algo estabelecido por algum valor moral perverso presente na própria sociedade. Os cínicos acreditavam que a virtude residia em aceitar as consequências de uma vida sem ostentação, sem possessões materiais e desprovida de qualquer poder humano sobre o outro. Eles demonstravam seus ideais de felicidade através de ações voltadas para o bem comum, tanto para si quanto para todos. Sobreviviam apenas com o necessário que a Natureza lhes oferecia, vivenciando a máxima simplicidade e a contemplação intensa da beleza do Universo.

Finalizo este texto com o poema *O caçador de desperdícios*, do cuiabano Manoel Wenceslau Leite de Barros (1916-2014):

Uso a palavra para compor meus silêncios. / Não gosto das palavras / fadigas de informar. / Dou mais respeito / às que vivem de barriga no chão / tipo água pedra sapo. / Entendo bem o sotaque das águas / Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões. / Prezo a velocidade / das tartarugas mais que a dos mísseis. / Tenho em mim um atraso de nascença. / Eu fui aparelhado / para gostar de passarinhos. / Tenho abundância de ser feliz por isso. / Meu quintal é maior do que o mundo. / Sou um apanhador de desperdícios: / Amo os restos / como as boas moscas. / Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. / Porque eu não sou da informática: / eu sou da invencionática. / Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Sinta-se convidado à audição do 450º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as teses da arte do folclore, dos regionalismos, e da panbrasilidade popular e erudita do carioca Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## O bebê curumim

Na entrevista que fiz semana passada com Edson Cordeiro, que vai lançar disco em 2024, *Bolero do Cordeiro* (nas plataformas), conversamos sobre o primeiro single, lançado em maio deste ano, ‘Minha mãe bordando estrelas’, uma canção dele e do compositor José Cândido.

Os versos lindos, uma canção de amor, de quem sabe espalhar alegria na dor do mundo, inspirada no reencontro do artista com a sua mãe após quatro anos, no final de 2022. Edson mora na Alemanha e Dona Odete Cordeiro, no Brasil.

A letra fala em despedida revelada, que a mãe bordava estrelas e traçou o caminho do filho, da vontade que ele tem de cantar todos os dias para Dona Odete, uma forma de agradecer as canções que cantava para ele dormir. Na letra, ele chama a mãe de “meu bebê”.

A intenção foi fazer uma canção para ninar a mãe de Cordeiro, ainda que custe a distância da voz, ainda que tudo em volta não fosse só beleza, realidade, libertação, pois todo mundo deixa os pais para viver outras vidas. Das canções de ninar, é tão bela a de Caymmi, que ele fez para a filha Nana. Linda a poesia de Drummond que Milton Nascimento musicou e gravou, que fala de preparar uma canção, em que todas as mães se reconheçam.

Difícil é fazer o caminho de volta para cuidar de pai e mãe, os nossos futuros bebês, seja na penumbra do quarto, ou no banho de sol. Muitas vezes escolhemos viver mais tempos juntos, com a família, que todo mundo diz é que a coisa mais importante da vida.

Quantas pessoas se casam e fazem questão de separar o filho dos pais, da família, não recebem sogro nem sogra – do marido ou da mulher e gêneros – tratam mal. Eu conheço várias aqui, em João Pessoa.

Edson Cordeiro diz na canção que ele é o curumim da mãe, mora longe como todo mundo. ‘Minha mãe bordando estrelas’ une os dois, risca o tempo, quando o sim gera amor, nunca, talvez.

Mesmo que a canção se dívida entre agradecer e ofertar, na luz e na sombra, mesmo que não se acredite em destinos, a forma de cantar de Edson Cordeiro já é uma oração. Eu cantaria também.

Vida cheia de abismos, do cume ao solo, mesmo que o fascínio esteja nos amores e fins, nos silêncios mais intensos, depois, nenhuma dor, sequer nos delírios lidos e ditos.

Todas as vezes que vejo Roberto Carlos cantar ‘Lady Laura’ ao vivo (ele canta em todos os shows), eu fico querendo que alguém me bote para dormir, me leve para casa, mas não existe mais casa, nem pai, nem mãe.

Eu escolho ver a beleza dessa canção que não se distância, sem deixar de estar (também) ali, em todos os versos.

Eu escolho a delicadeza, mas às vezes sou racional, ignoro. Ai me lembro de meu pai, me pedindo para ter paciência, meu pai que contava histórias para eu dormir, sem deixar de ver (também) a alegria dos reencontros com minha mãe quando existíamos no Sertão, sua voz parecia sorrir pra mim.

Edson Cordeiro é filho de um mecânico e de uma bordadeira, nasceu em Santo André (SP). Eu era filho de guarda-fios dos Correios e ela, uma dona de casa. E mais nada.

## Kapetadas

- 1 - Na tentativa de querer achar tanto, acabou se perdendo;
- 2 - Nunca estive tão perto de chegar tão longe.

Imagem: Saravá Discos/Divulgação



‘Bolero do Cordeiro’, disco que Edson Cordeiro vai lançar em 2024

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Pioneiro do cinema que partiu em seu “trenó”

Este é um mês de festas. De muita alegria! Também, de algumas notas tristes sobre alguém que nos foi muito importante; e que me permanece imortal. Mas que se foi, há poucos anos, nesta data de 17 de dezembro. Seu nome, Severino Alexandre Santos. Pioneiro do nosso cinema, hoje imortalizado pela Academia Paraibana de Cinema. Patrono da cadeira 5, posto que ocupo, honradamente.

Nesta data, chegam-me esses alvitre de fatos marcantes, bastante sérios, como para nos alertar que a realidade da vida não terá sido, tão somente, um “sonho natalino”. E que não somos mais criança...

Tristeza à parte, lembro daquele meu “bom velhinho”, que foi não apenas um bom construtor de nossa família, mas um ser de caráter firme, admirado por todos. E foram os seus primeiros enleios circenses, revelados em abstração amorosa por uma “corista”, que o induziriam ao mundo do Cinema. Arte, anos depois por ele em salas construídas, a partir de pedra e cal, na certeza de uma magia diferenciada, que ele próprio, estoicamente, sempre empresariou. E anos mais tarde, sendo simplesmente laureado como “Seu Severino do Cinema”, enleando-o, em definitivo, à natureza mágica de um “sonho em



Severino Alexandre, exibidor pioneiro do cinema paraibano, patrono da cadeira 5 da APC

celuloide”, de uma arte da representação audiovisualizada.

Mas, fiel aos encantos da juventude, optou pelo feito da “representação” de outrem – de mocinhos, mocinhas, heróis e vilões –, daí, criando ecrãs como exibidor em suas bem instaladas salas de projeção cinematográfica, durante quase meio século. Causas tais, portanto, de grande orgulho pessoal, repassado a todos da sua linhagem, sobretudo ao seu filho mais velho, autor desta coluna.

Após uma longa vivência de meu pai com o cinema – prélio o qual aprendi já nos meus primeiros anos, também, seus encantamentos natalinos –, após a minha maturidade, partiu aquele “bom velhinho” no seu trenó, em dezembro

de 2005. Aos seus 91 anos de idade, naturalmente, deixando como herança sonhos e práticas de uma *movie art*, que tem sido exercida por este colunista, de havia muito tempo.

“Seu Severino do Cinema” é uma designação sempre lembrada, por adultos conterrâneos e *habitués* de suas salas de projeção. Não menos, por jovens que ele igualmente influenciou ao culto da fantasia luminosa, que se chama arte cinematográfica.

Que as luzes e as alegrias deste Natal, possam nos trazer muita felicidade e sorte! E por oportuno, em razão da presente data, desejo a todos um venturoso e feliz 2024! – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).



## APC define programa do Dia Mundial do Cinema

Reunida na terça-feira passada (dia 12), a diretoria da Academia Paraibana de Cinema definiu a programação que será efetivada no próximo dia 28, para celebrar o Dia Mundial do Cinema. O evento acontecerá no Cine Mirabeau, no Bessa, em João Pessoa, a partir de 9h, sendo aberto ao público convidado. Eleita por aclamação (na falta de chapa competitiva), como rezam os estatutos da APC, a nova diretoria da entidade, regimentalmente, deverá ser empossada durante as comemorações do dia 28 deste mês. Constará ainda do programa, exibição do audiovisual *Anna Margot*, ficção, que tem a atuação da atriz paraibana e atual presente da APC, Zezita Matos, com participações de Iasmin Soares e Manoel Jaime Xavier, também no elenco.

# EM cartaz

### ESTREIAS

**GODZILLA MINUS ONE** (Japão. Dir.: Takashi Yamazaki. Ação. 12 anos). No Japão, após a Segunda Guerra Mundial, os últimos habitantes vivos da ilha devem enfrentar um último desafio: lutar contra o monstro e sobreviver. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 16h10 - 22h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h40 (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h40 (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.).

**A MALDIÇÃO DO QUEEN MARY** (The Haunting of the Queen Mary. EUA. Reino Unido. Dir.: Gary Shore. Terror. 16 anos). Dupla de fotógrafos (Alice Eve e Joel Fry) com seu filho mais novo (Lenny Rush) embarcam em um luxuoso navio conhecido como Queen Mary. Apesar de esperar uma viagem divertida em família, a embarcação esconde uma série de segredos sombrios e violentos. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 21h30; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 19h (exceto sáb.) - 21h45 (exceto sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h30 (exceto qua.) - 20h45 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h30 (exceto qua.) - 20h45 (exceto qua.).

**O MALVADO – HORROR NO NATAL** (The Mean One. EUA. Dir.: Steven LaMorte. Terror. 16 anos). Numa pacata cidade em meio às montanhas, Cindy (Krystle Martin) perde seus pais em um sangrento assassinato, cometido por um misterioso ser verde vestido com um traje de Papai Noel. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 21h10.

**QUEM FIZER GANHA** (Next Goal Wins. Reino Unido. EUA. Dir.: Taika Waititi. Comédia. 12 anos). Durante a Copa do Mundo de 2002, time de futebol da Samoa Americana sofreu uma derrota histórica para a Austrália. Anos depois, em 2014, um rebelde e azarado treinador (Michael Fassbender) é contratado para ajudar o time a virar o jogo. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 17h15 - 19h40 (exceto seg. e ter.) - 22h10.

**TÁ ESCRITO** (Brasil. Dir.: Matheus Souza. Comédia. 12 anos). Alice (Larissa Manoela) acredita que os astros erraram com ela. Um dia, a garota recebe um livro com instruções que prometem que qualquer previsão astrológica escrita naquelas páginas se concretizará. CENTERPLEX MAG 2: 15h - 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h30 - 16h40 - 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 15h15 - 17h30 - 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 4: 14h40 (exceto qua.) - 18h50 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3: 14h40 (exceto qua.) - 18h50 (exceto qua.).

**A VIAGEM ENCANTADA** (Shchelkunchik i volshebnyaya fleyta. Rússia. Dir.: Viktor Glukhushin. Animação. Livre). Uma garota faz um desejo para ficar do mesmo tamanho que seu querido boneco quebra-nozes. Porém, ela acaba se surpreendendo com a inesperada descoberta de que o brinquedo é, na verdade, um príncipe de verdade. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 16h - 18h; CINÉPOLIS

MANAÍRA 8 (dub.): 15h - 17h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h35 (exceto qua.) - 16h25 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h35 (exceto qua.) - 16h25 (exceto qua.).

### PRÉ-ESTREIA

**OS TRÊS MOSQUETEIROS - MILADY** (Les Trois Mousquetaires: Milady. França, Alemanha, Bélgica e Espanha. Dir.: Martin Bourboulon. Aventura. 12 anos). D'Artagnan (François Civil) é forçado a se aliar à misteriosa Milady (Eva Green) após Constance (Lyna Khoudri) ser sequestrada bem diante de seus olhos. Junto a Athos (Vincent Cassel), Porthos (Pio Marmai) e Aramis (Romain Duris), o jovem mosqueteiro enfrentará alguns segredos obscuros que podem balançar velhos alianças e desencadear uma grande guerra. CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (leg.): 20h45 (sex. e sáb.).

### CONTINUAÇÃO

**AS AVENTURAS DE POLIANA** (Brasil. Dir.: Cláudio Boeckel. Comédia. 10 anos). Poliana (Sophia Valverde) e seus amigos precisam definir o que farão agora que se formaram. A jovem quer estudar em uma faculdade no exterior, mas seu pai (Dalton Vigh) não permite que a filha estude fora do país por não achar que ela seja madura o suficiente. Poliana tem uma ideia: trabalhar em um ecoresort paradisíaco à beira-mar, para provar sua independência. João (Igor Jansen), seu namorado, Kessya (Duda Pimental) e Luigi (Enzo Krieger), topam ir junto. Porém, nada no hotel é o que parece ser. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 (sáb. e dom.).

**FERIADO SANGRENTO** (Thanksgiving. EUA. Dir.: Eli Roth. Terror. 18 anos). Um maníaco com um machado aterroriza os moradores de Plymouth, Massachusetts, EUA, depois que um motim durante a Black Friday termina em tragédia. O assassino escolhe as vítimas uma a uma e as mortes aparentemente aleatórias logo revelam um plano muito maior. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 22h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h15 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h15 (exceto qua.).

**JOGOS VORAZES: A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES** (The Hunger Games: The Ballad of Songbirds and Snakes. EUA. Dir.: Francis Lawrence. Aventura. 14 anos). Anos antes de se tornar o presidente tirânico de Panem, Coriolanus Snow (Tom Blyth), de 18 anos, vê uma chance de mudar sua sorte quando se torna o mentor de Lucy Gray Baird (Rachel Zegler), o tributo feminino do Distrito 12. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h (sáb. e dom.) - 18h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h30 - 17h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h15 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h15 (exceto qua.).

**JORNADA PARA BELÉM** (Journey to Bethlehem. EUA. Dir.: Adam Anders. Musical. 10 anos). A jovem Maria (Fiona Palomo) recebeu a visita de um anjo. Neste encontro, ela descobre que Deus a escolheu para conceber um filho, e que ele seria o Rei dos Reis. Apesar da desconfiança de muitos, ela não perde sua fé e ao lado de José (Milo Manheim) protegerá seu filho. Preocupado com os avisos sobre a chegada dessa criança a Belém e disposto a tudo para manter-se no poder, o rei Herodes (Antonio Banderas) inicia uma caçada a sua ameaça. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 19h40 (seg. e ter.).

**NAPOLEÃO** (Napoleon. EUA. Dir.: Ridley Scott. Cinebiografia. 16 anos). A trajetória de Napoleão Bonaparte (Joaquim Phoenix) e sua rápida e implacável ascensão a imperador, visto através do prisma de seu relacionamento visceral e muitas vezes volátil com sua esposa e verdadeiro amor, Josephine (Vanessa Kirby). CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 21h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 18h45 (exceto qua.).

**O SEQUESTRO DO VOO 375** (Brasil. Dir.: Marcus Baldini. Drama. 14 anos). Brasil, 1988. Abalado com a crise econômica, o passageiro (Jorge Paz) anuncia o sequestro de um voo e ordena a mudança de rota para o Palácio do Planalto, em Brasília. Seu objetivo é matar o presidente do Brasil José Sarney. CENTERPLEX MAG 2: 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h - 16h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 3: 16h55 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h55 (exceto qua.).

**O SILÊNCIO DA VINGANÇA** (Silent Night. EUA. Dir.: John Woo. Ação. 16 anos). Um homem (Joel Kinnaman) se encontra em uma frenética busca por vingança quando seu filho é vítima de um violento fogo cruzado entre gangues. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h50 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h50 (exceto qua.).

**WONKA** (EUA. Dir.: Paul King. Fantasia e Musical. 12 anos). Cheio de ideias e determinado a mudar o mundo, o jovem Wonka (Timothée Chalamet) embarca em uma aventura para espalhar alegria através de seu delicioso chocolate. CENTERPLEX MAG 3: 15h15 (dub.) - 17h50 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 Macro-XE: 13h15 (dub., sáb. e dom.): 15h45 (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP: 13h45 (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h15 (leg.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h15 - 17h15 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h30 - 18h15 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h30 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h30 (exceto qua.) - 17h45 (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 (exceto qua.) - 17h45 (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h (exceto qua.).

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Registros críticos (Eugênia Correia)

**Carapuça** (João Pessoa: Dromedário, 2023), é o livro de poemas com o qual Eugênia Correia estreia na cena literária. Já o título, na sua ambivalência semântica, vale por uma metáfora inominável, uma vez que remete para múltiplas significações. Prefiro me acostar a ideia de que, no registro poético, o termo se aplica à multifária possibilidade do poema, no percurso que desenvolve para capturar ou pensar a substância essencial das coisas e dos seres. Afinal, a carapuça consiste também numa espécie de escrita.

A carapuça é um bicho, “O animal mais fantástico (...) para ele não se esconde / o mais fino segredo”, é dito, logo no primeiro poema, à maneira de profissão de fé, a se complementar, em seus volteios metalinguísticos, com o texto da página 19, *Estilo*, de que destaco estes versos: “Pelo corte / se reconhece a mão (...) nos cortes o artista, / o pugilista, / o cirurgião”.

Estabeleço estas correlações no tentame de alcançar a estratégia expressiva, o *modus operandi*, o dispositivo retórico, dessa dicção lírica marcada pela concisão verbal e por um raro e refinado senso de percepção dos objetos, dos sentimentos, das emoções, enfim, de tudo o que compõe o amálgama das motivações estéticas.

A poesia dessa piauiense, radicada em São Paulo e dedicada às interfaces entre arte e psicanálise, radica-se, sobretudo, no ritual de passagem que ocorre entre os apelos da descrição, medida e ponderada, e a reflexão, aberta às solicitações do pensamento crítico e daquilo que Hugo Friederich denomina de “fantasia criativa”. O dado concreto se abre, portanto, para o milagre da abstração.

Confira-se esta “metodologia”, com a leitura do dístico, *Enigma*, à página 21: “Gota de orvalho reflete o universo: / onde está o olho de quem vê?”. Ou mesmo no poema seguinte, página 22, intitulado *A brisa*, assim enunciado: “E será que existe mesmo // o que se chama silêncio? / Mesmo a brisa, tão lisa, / quando deixa a marca / nem ouvi você chegar... / o silêncio, / o escutado, / não terá a consistência da mais pura // a genuína / a mais nítida eloquência?”.

À mesma linhagem pertencem muitos textos da coletânea, a exemplo, entre outros, de *Aurora, Elegia para um menino assassinado, Lábil, Caramujo, Honras fúnebres, Mapa e A lendária memória dos calendários*. Aqui, salvo engano, efetiva-se uma das escolhas do caminho discursivo, isto é, do “como” Eugênia Correia se apropria da palavra para inseri-la no melhor lugar possível, conforme lição magistral do poeta inglês Thomas S. Coleridge.

Ao minimalismo do verso, fundado em bases rigorosas e econômicas, associa-se o olhar sensível e singular diante do material que a realidade oferece, em sua variedade temática e motivadora. Eugênia Correia é poeta dos detalhes, das filigranas, das miudezas, atenta, pois, ao mínimo, ao oculto, ao invisível que latejam no plano ordinário da existência. Atenta, assim, à sua magia imperceptível, à sua fala encantatória, enfim, à sua transfiguração poética.

Em face da epidêmica banalização em que se compraz certos segmentos da poesia brasileira contemporânea, seduzidos pelo canto de sereia das boas intenções e dos vocativos políticos e culturais, penso que a autora de *Carapuça* estreia com o pé direito e já maturada em seu ofício de lidar, literariamente, com a palavra.

Sua poesia assimila as fraturas da modernidade, na medida em que, sem perder a distância crítica na captura dos fenômenos e dos objetos que a atraem e a movem, lança mão, quase sempre, daquela tonalidade lírica, delicada e sutil, para desvelar a complexidade do mundo e da vida. Para ratificar o que digo, não vejo prova melhor do que o poema *O primeiro códex*, que transcrevo, à guisa de conclusão:

*O mundo já estava lá  
 as águas, os ventos, o frio  
 a concha já estava lá  
 quando a espuma aconchegou seus contornos  
 mas a vida só eu por si  
 quando alguém abriu aquilo  
 e fez-se um rastro  
 na página virada.  
 A pérola, a pálpebra  
 um olhar respirando.*

# Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

## 'O PIO DA RASGA-MORTALHA'

## Disco aborda o realismo fantástico

Paraibano Júnior Cordeiro lança álbum conceitual que celebra a tapeçaria cultural da América Latina

Guilherme Cabral  
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Um disco que celebra a rica tapeçaria cultural da América Latina, em que o fantástico e o lúdico se encontram com a realidade. Esta é a descrição do nono álbum de estúdio do cantor, compositor e poeta paraibano Júnior Cordeiro, intitulado *O Pio da Rasga-Mortalha*, que possui 10 canções autorais inéditas.

Disponível recentemente pelo selo paulista Marã Música nas principais plataformas de música musicais, o artista disse que pretende realizar, em janeiro ou fevereiro, o lançamento oficial do disco em show no Teatro Municipal Severino Cabral, na cidade de Campina Grande. E, também no primeiro semestre do próximo ano, lançá-lo no formato físico de LP e gravar o videoclipe de 'Quaderna (O Decifrador)', que é uma das principais faixas.

"Esse é o primeiro disco que estou lançando por um selo e assim decidi fazer porque oferece uma abrangência maior, permitindo ampliar o alcance do público", justificou Júnior Cordeiro, que é natural do Município de São João do Cariri, mas que atualmente transita entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande, onde gravou seu novo álbum no MF Estúdio,

depois de ter composto as 10 músicas durante o segundo semestre. "O álbum é uma representação autêntica da minha visão artística. A sonoridade única do disco combina o *hard rock* e o *rock progressivo* com a diversidade musical do Nordeste brasileiro, incorporando, também, elementos do samba e outras influências regionais", explicou ele, que é conhecido por sua habilidade em mesclar o baião com o *rock progressivo*, criando o que ele chama de *rock-baião*.

Cordeiro observou que o processo de criação das faixas do seu novo disco segue a mesma linha dos seus trabalhos anteriores, focando em álbuns temáticos. "O título do álbum é homônimo ao de uma das músicas e se refere a Rasga-Mortalha, que é uma coruja do Sertão que, para algumas pessoas, significa azar, mas, para outras, pode ser benfazeja, dependendo do ponto de vista de cada um. É uma ave que sintetiza e traz o conceito de ser carregada de fantasia e mistério", afirmou o artista, conhecido também como o "Bruxo do Cariri Velho".

## Dois 'Brasis'

Além de 'O Pio da Rasga-Mortalha', que batiza o trabalho, o disco ainda contém as canções 'Precipício'; 'Quaderna (O Decifrador)'; 'Cantiga com "K"'; 'Macunaíma

(A Ursa Maior'; 'Maria, Eu e Tudo que é Fantástico'; 'Vida Meã'; 'A Vida Agora Anda com Fastio'; 'A Deplorável Vida do Homem Pragmático'; e 'A História do Homem que Esqueceu Seu Rosto'.

"No álbum, uma das pautas é a que trato do desencantamento do mundo, onde, a cada ano que se passa, a vida pragmática leva a um caos total e isso está retratado na música 'A Deplorável Vida do Homem Pragmático'. O pragmatismo moderno não basta, pois é limitado para a existência humana, porque acontece de um modo mecânico. Isso é uma pobreza. Quando nós nascemos temos uma tendência muito grande para o fantástico, o que é uma herança ameríndia, do nosso povo nativo, diferentemente dos europeus. E esse realismo fantástico, ou mágico, pode ser visto, por exemplo, na literatura latino-americana, em autores como Ariano Suassuna, Gabriel García Márquez e Julio Cortázar", ressaltou Júnior Cordeiro.

Outra canção do álbum destacada pelo músico é 'Quaderna (O Decifrador)', que pretende produzir como videoclipe no primeiro semestre de 2024. "Eu escolhi a música para esse formato porque é uma ode para Quaderna, personagem de *A Pedra do Reino*, do paraibano Ariano Suassuna. A

música abre com fala de Ariano, que extrai de uma de suas aulas-espetáculos, na qual ele lembra que Machado de Assis se refere a dois 'Brasis', sendo um real, o dos trabalhadores, o qual é fantástico, bom e revela os melhores instintos, e o Brasil oficial, que é caricato e grotesco, o da elite", afirmou Júnior Cordeiro. "O roteiro será meu, baseado na minha música, mas com algumas cenas retiradas da obra de Ariano, mas vou aparecer devidamente caracterizado como o personagem Quaderna, que é o *alter ego* de Ariano".

Quanto a *O Pio da Rasga-Mortalha* na versão em *long play*, Júnior Cordeiro lembrou que tem sido sua prática lançar seus discos nesse formato. "Além do saudosismo, o vinil tem público e para quem o adquire tem aquela ritualística de observar atentamente os detalhes da capa, contracapa e encarte, retirando-o do envelope plástico com cuidado, para não arranhar, além de ter um som de alta qualidade quando se coloca para tocar. É outro sabor", comentou o músico paraibano.

Foto: Cássio Nogueira/Divulgação

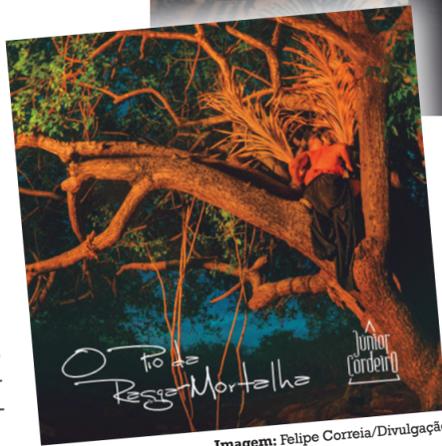


Imagem: Felipe Correia/Divulgação

Disco que saiu pelo selo Marã Música (SP) traz 10 canções inéditas do "Bruxo do Cariri Velho" que combinam o 'hard rock' e o 'rock' progressivo com a diversidade musical do Nordeste brasileiro

Livraria  
**AUNIÃO**  
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:


[www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc\\_livraria/loja/](http://www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/)


marketing epc

## PORTO DE CABEDELLO

# Decisões do Estado fortalecem ações para crescimento

*Reforço na malha rodoviária e construção da ponte do futuro abrem portas para aumento das operações*

Ingreson Derze  
ingreson.jornalista@gmail.com

Inaugurado em 23 de janeiro de 1935, o Porto de Cabedelo é a principal ferramenta marítima de exportação e importação de cargas da Paraíba. No entanto, os primeiros capítulos dessa história remontam ao fim do século XIX, com o início das primeiras construções na enseada da cidade portuária de Cabedelo com a atracação do vapor norueguês de nome Forde Kjøld, trazendo material para

a dragagem. No ano seguinte, iniciaram-se os trabalhos, escavando 9.444 m<sup>3</sup>. Este total foi irrisório para a necessidade de ser dragada, de 2.200.000 m<sup>3</sup>. Em 1901 chega a Cabedelo uma draga vinda de Santa Catarina para dar continuidade ao processo de dragagem, iniciando sua operação em 1902. Em 1908 foi concluído o projeto do cais de 400 metros. Na época, já era de conhecimento que o Porto de Cabedelo era o mais oriental da costa do Brasil. Atualmente o porto é público sendo administrati-



Registro histórico de inspeção no Porto de Cabedelo

Foto: Acervo Docas



Porto mais oriental das Américas já recebeu mais de 100 navios de todo o mundo em 2023

Foto: Divulgação

vo pela Companhia Docas da Paraíba, vinculada à Secretaria Especial dos Portos (SEP), do Governo da Paraíba.

O Porto de Cabedelo, atualmente conta com uma posição privilegiada e perfeita integração dos modais marítimos, ferroviário e rodoviário, constituindo-se na melhor opção logística da região Centro Nordeste, estendendo sua área de influência para além das divisas do estado da Paraíba. Com vários terminais retroportuários na zona do porto organizado, sua es-

trutura competitiva é símbolo de baixos custos, e mão de obra qualificada, contanto com uma estrutura composta de um cais de 602 metros de extensão divididos em quatro berços de atracação com 11 metros de profundidade, silagem para 35.000 toneladas de grãos, 14.000m<sup>2</sup> de armazéns cobertos e 18.000m<sup>2</sup> de pátios para armazenando contêiner e cargas de projeto. Além disso, a capacidade de estocagem de derivados de petróleo e biocombustíveis é de 89 milhões de litros.

## Mais de um milhão de toneladas em carga

Em 2023, já passaram pelo Porto de Cabedelo mais de 100 embarcações de todo o mundo. Um levantamento produzido pela administração revelou que o porto movimentou entre janeiro e novembro, do respectivo ano, mais de um milhão de toneladas entre desembarque e embarque de cargas para importações e exportações. Foram 1,054 milhão de toneladas de desembarque, enquanto, que 136,5 mil toneladas de embarques, totalizando 1,2 milhão de toneladas. Somente no mês de julho foram movimentadas 166,5 mil toneladas. Os dados demonstraram um aumento no crescimento de 4,9%, em relação ao ano anterior. O insumo derivado do petróleo Petcoke, liderou o ranking de cargas no Porto. O produto utilizado na indústria de cimenteira movimentou mais de 450 mil toneladas. Em seguida, a gasolina foi a carga que mais desembarcou



João Azevêdo e Ricardo Barbosa durante vistoria das obras em andamento no porto

Foto: Secom/FP

com 307 mil toneladas.

“Nesse ano de 2023, nós movimentamos até agora, mais de 100 navios, e as principais cargas movimentadas é diesel, gasolina, álcool, petcoke, trigo, malte, cervada, açúcar, minério, enfim, vários produtos que o Porto Cabedelo faz a movi-

mentação na área de comércio exterior, ou seja, na importação e exportação. Nosso porto é todo operacional, composto de por três berços de atracação destinado à mercadoria derivada de petróleo, minério, vegetal ou carga e projeto. Nosso espaço está sendo todo rees-

truturado e renovado com armazéns com grande capacidade de estocagem com até 8 mil toneladas, além de área externa, mais conhecida como secundária”, explicou Nelly Christine, gerente de operações, do Porto de Cabedelo.

## Exportação histórica de açúcar da Paraíba

Uma façanha inédita realizada e que marcou história nas operações do Porto de Cabedelo foi a exportação de açúcar. A Companhia das Docas da Paraíba, neste ano, conseguiu embarcar 20 mil toneladas de açúcar produzidos no estado para a África do Sul. A operação de estocagem e embarque realizada no mês de novembro, mobilizou cerca de 800 profissionais por-

tuários. Antigamente o açúcar produzido na Paraíba, era transportado por veículos até o estado vizinho de Pernambuco, de onde era embarcado em navios e exportados. A partir de agora, todo o serviço será executado no Porto de Cabedelo. A expectativa é que, no ano que vem, as produções das usinas paraibanas possam exportar 200 mil toneladas de açúcar, resultando num au-

mento significativo das exportações e da economia.

O governador João Azevêdo destacou o novo momento proporcionado pela exportação de açúcar no Porto de Cabedelo, fortalecido pelos investimentos e aplicados e valorização ainda mais no segmento econômico. “O sentimento é de extrema felicidade em saber que os benefícios investidos no Porto de

Cabedelo já estão gerando resultados positivos. A exportação de açúcar pelo nosso estado vem ao encontro de novos investimentos que o governo desenvolve e visar aplicar os projetos, como a ponte ligando Cabedelo a Lucena e a ampliação das áreas de contêineres do próprio Porto de Cabedelo, o que vai beneficiar ainda mais outros setores”, afirmou João Azevêdo.

## Obras e investimentos ampliam capacidade

O Porto de Cabedelo passou por obras importantes para suas operações. A dragagem do canal de acesso e bacia de evolução foi uma delas. O Aprofundamento do canal de acesso passou a ser 11 metros de profundidade, ampliando a capacidade operacional do funcionamento durante as 24 horas. O investimento de R\$ 115 milhões de recursos próprios do estado vai permitir a atracação de navios de grande porte, com até 55 mil toneladas, tornando o porto mais competitivo, gerando mais empregos e fomentando a economia. Outra importante obra foi a reforma, ampliação e modernização de dois armazéns. Os serviços representaram investimentos na casa dos R\$ 5 milhões. Com as obras no Porto de Cabedelo, concluídas, as operações de serviços foram tiveram o potencial ampliado.

A construção do complexo rodoviário que vai contar com duas pontes interligado os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena, devem ampliar ainda mais o potencial econômico e logístico do Porto de Cabedelo, com geração de empregos e renda. O projeto anunciado pelo governador João Azevêdo conta com a construção de duas pontes conectados as três cidades. A Ponte do Futuro

vai criar uma rota entre BR-230 e BR-101 entre Cabedelo e Santa Rita. A ponte vai ter 2 Km de extensão. A segunda ponte terá uma extensão de 480 m e será construída sobre o Rio da Guia, em Lucena. O complexo rodoviário vai custar R\$ 500 milhões de reais e deve ser concluída em 2026.

Para Ricardo Barbosa, presidente da Companhia Docas da Paraíba, as ações em infraestrutura beneficiam toda à população, garantido mais condições de viabilizada estratégica, econômica e social ao Porto de Cabedelo, por meio da abertura de novas rotas alternativas para escoamento dos produtos para exportação e importação. As ações de valorização potencializam ainda mais a eficiência do Porto de Cabedelo, um dos poucos do Brasil, que é público. “Estamos incrivelmente satisfeitos com o crescimento constante e notável do Porto de Cabedelo, que se evidencia mês a mês. Os números refletem o incansável esforço e dedicação de toda a equipe, bem como nossa capacidade de atender às demandas do mercado de forma extremamente eficiente e sustentável. Comprometemo-nos a continuar investindo em melhorias que seguirão garantindo essa trajetória positiva”, destacou Ricardo Barbosa.

## Porto Cidade objetiva promoção do desenvolvimento social

A Companhia de Docas da Paraíba criou o Projeto Porto Cidade. Uma iniciativa inédita que visa ações de promoção do desenvolvimento social dos trabalhadores e toda a comunidade de Cabedelo nas áreas de educação, cultura, tecnologia, sustentabilidade e saúde. O objetivo

é promover capacitação, saúde e o bem-estar da população. Dentro do projeto existem os pilares do porto que Tocam e Porto que Educa que ofertam aulas e cursos diversos para a comunidade, com destaque para os cursos de inglês, espanhol e assistente administrativo, além de cursos

de música, com aulas de violão, violino, bandolim, banojo, cavaquinho, flauta, bateria, teclado, entre outros. Já na sustentabilidade, é promovido iniciativas de reciclagem, plantio de mudas e limpeza de praias. Já o projeto Porto que Cuida disponibiliza consultas médicas nas es-

pecialidades de clínico geral, pediatria e ginecologia, exames laboratoriais, vacinas e outros serviços que promovam a prevenção e o cuidado com a saúde da população local e trabalhadores.

O presidente da Companhia Docas da Paraíba, Ricardo Barbosa, evidenciou que

o estado implantou o maior programa Porto Cidade do país. “Nós implantamos programas permanentes, com parcerias com diversas secretarias do governo que estão integradas a esse projeto. Nas aulas, são mais de 150 alunos por dia fazendo cursos, com professores habilitados atra-

vés de chamamento público, além dos atendimentos em saúde, permitindo que as pessoas já saiam com regulação, representando a responsabilidade social do porto com a população de Cabedelo”, enfatizou o presidente da Companhia Docas da Paraíba, Ricardo Barbosa.

# Memórias

## A União

## Maria do Socorro

# Trabalho começou com bilhete e fez de A União o primeiro e único amor

Ao longo de 32 anos, ela desempenhou várias tarefas e trabalhou revisando, ensinando, aprendendo e dominando o papel na produção de livros, plaquetes e outros impressos, num exemplo de dedicação e profissionalismo

Luiz Carlos Sousa  
lulajp@gmail.com

Maria do Socorro Pereira dos Santos tem uma história profissional exclusiva em **A União**. Entrou na empresa há 32 anos portando um bilhete de Vani Braga, irmã do então governador Wilson Braga. Foi trabalhar no acabamento numa época em que a produção chegava a um milhão de cadernos por ano. Aprendeu os segredos de como dominar o papel, revisar, dobrar, e treinou os olhos para perceber qualquer erro ou mancha indesejável nos impressos. Fez muitas amizades. Nessa conversa para o Memórias **A União**, disse que levará uma saudade imensa de entregar seu trabalho, que vai gozar a velhice com saúde, fazer academia, caminhar e viajar. Socorro também fala das experiências que teve dentro da empresa, em vários setores, mas é taxativa quando responde sobre seu local preferido: o acabamento, onde era tratada como mãe. Ao conceder a entrevista, ela ainda estava na ativa, mas no dia 12 de dezembro começou a executar os planos que elaborou para a aposentadoria.

## Entrevista

■ Como foi que você chegou em **A União**?

A minha história n**A União** começou no dia 23 de março de 1985. Cheguei aqui com um pedaço de papel. Apresentei-me no setor pessoal para um contrato de caderno que estava havendo aqui na Gráfica. Mais de um milhão de cadernos que o estado da Paraíba estava fazendo.

■ Você lembra quem era o presidente?

O diretor-presidente na época era Aluísio de Moura. Apresentei-me no Setor de Pessoal, descí para a Gráfica e comecei a trabalhar. Foram quatro meses de contrato, quatro meses de experiência de contrato. O governador era Wilson Leite Braga, que mandou uma ordem para aproveitar o pessoal que estava trabalhando, e eu fiquei, graças a Deus. Fiquei até hoje.

■ Você começou exatamente em que função?

Quando eu comecei na Gráfica, foi justamente no acabamento. Entrei diretamente na via, no meio do acabamento, que era confeccionando caderno para toda a Paraíba.

■ Para as escolas estaduais?

De todo canto. Os miolos dos cadernos saíam da Cotrell e iam para o acabamento, para a gente colocar as capas e grampear, cortar e fazer os pacotes. Nesse tempo não tinha caixa, era pacote amarrado com náilon. Os baús chegavam, a gente enchia os baús e eles levavam para a Secretaria de Educação. Ai meu Deus do céu, a gente entrava de 7h da manhã e saía às 10h da noite.

■ A quantidade muito grande... Muito, muito grande.

■ Não faltava serviço? De jeito nenhum.

■ E o acabamento é aquele setor que quase não se sabe que ele existe, mas que é fundamental.

Na minha opinião, o acabamento é o coração. Se você quer

um livro, se você quer uma plaquete, se quer um folder, tudo começa pela Gráfica, o formato.

■ A arte?

Tudo, tudo, tudo... E termina em nossas mãos: a gente vai intercalar, dobrar, grampear, tudo dentro do acabamento.

■ Vai, inclusive, glosar o que não estiver dentro dos padrões?

É a revisão que a gente faz, folha por folha, para saber se há algo errado, se há alguma sujeira, conferir a numeração... Tudo passa pelo acabamento.

■ Quais são as principais máquinas no acabamento?

A grampeadora, o facão, a coladeira, alceadeira, as máquinas de impressão são as principais. E agora tem uma de corte e vinco que a gente faz sacola. É um show.

■ Socorro, quando você começou, obviamente a tecnologia não estava tão avançada. Como era?

Já ouviu falar em pé duro? Era mais ou menos assim: grampeador no pé, "cutuco, cutuco, cutuco", jogava no chão. Eram pilhas de caderno para gente apanhar, bater, contar,ajeitar para levar para o facão.

■ Para dar o formato final?

Justamente. Não tinha nada de moderno, era aquela coisa grosseira, aquela coisinha grosseira.

■ E você bem novinha não sabia de nada?

Eu estava com vinte e poucos anos. Estava cheirando a leite ainda, mas quando eu vi aquilo ali disse: meu Deus.

■ Encantou-se?

Encantei-me. Gente, gente. Tinha mais de 40 pessoas só no acabamento. Muitos, na época que eu entrei, contratados, a maioria mesmo era contratada, chegava, conhecia um deputado, pegava o lápis: doutor eu quero ir para **A União**, estou desempregado e **A União** está precisando de gente. O

deputado escrevia: "Se apresente lá". Bateu, valeu. Foi o que aconteceu comigo. Minha mãe trabalhava no Ipep (Instituto de Previdência do Estado da Paraíba), com Vani Braga, irmã do governador. Ela perguntou: "Rita, a sua filha está trabalhando?". Minha mãe: "Não". Lá perto da tua casa tem o jornal **A União**. Pegou um pedaço de papel, eu não tenho mais não, e escreveu. "Pronto, diga a sua filha que se apresente lá no jornal **A União**". Estou aqui até hoje.

■ Contando a história...

Contando a história com maior prazer.

■ Além do trabalho com os cadernos, o que você destaca que encarou nesse tempo que você tem aqui na **União**, porque tem livro e de repente houve corre-corre, porque é tudo em cima da hora...

É, realmente, quando chega é tudo praticamente em cima da hora. Eu quero para hoje, eu quero para ontem. Mas eu vou dizer uma coisa, que eu me lembre, não teve nada de anormal, graças a Deus. O pessoal que tinha, que era muito, dava conta

■ Mas você chegou a ver um erro que não dava para passar em branco?

Já... Revisando, olhando digo: rapaz, esse negócio não está certo não, mas eu vou tirar uma dúvida. Fulano, vem cá, se eu tiver errada você diga, isso aqui está certo?

■ Parece que eu estou vendo a realidade...

Eita... Parava na hora e começava tudo de novo.

■ Numa hora dessas dá pena, porque perde trabalho, perde material...

Justamente. A gente descarta, degola e vai para ser vendido no peso. Perdeu. Porque não pode sair errado. E, principal-



"Entre diretamente na via, no acabamento, confeccionando caderno para toda a Paraíba"



Maria do Socorro disse que, quando chegou em **A União**, há 32 anos, encantou-se pelo trabalho de finalização no acabamento

mente, porque a maioria de todo o serviço, na época, era para o governador. Era para o Ipep, para o Detran.

■ Coisas do Estado ?

Secretaria de Educação. Secretaria de Saúde, a maioria era.

■ Você chegou a trabalhar de 7h às 22h?

Cheguei a trabalhar de 7h da manhã às 10h da noite e ainda trabalhava no sábado se brincasse, se quisesse no domingo, eu estava dentro e teve uma vez que eu entrei aqui na sexta-feira e saí na segunda-feira de manhã, fazendo extra.

■ Não rejeitava trabalho?

Era comigo mesmo trabalhar, eu gostava, justamente, mas hoje eu estou com 62 anos. Eu estou meio baleada, meio cansadona. Não é brincadeira. Eu chego aqui às 5h da manhã.

■ Mas Socorro 5h da manhã?

Vou lhe responder: porque eu pego uma carona com meu esposo. Ele sai cedo e me deixa aqui e outra: eu gosto. É como eu digo em todo lugar que eu falo sobre **A União**: A Gráfica é minha segunda casa. É uma paixão, eu tenho uma paixão por aquela Gráfica. Lá, já trabalhei como telefonista, uma central com aparelho bem grandão, pesado.

■ Alô, **A União**, bom dia!

A luz acendia eu pegava o "aparelhão" pesado: **A União**, bom dia! Uma voz espetacular. Por trás daquele telefone muita gente me elogiou. "Bom dia, com que eu falo?" Maria do Socorro. "Maria do Socorro, eu gostaria de falar com fulana de tal, no ramal tal". Guarde um momento. A pessoa lá no setor

atendia, eu completava a ligação.

■ Lembra quem era o diretor?

Lembro, era Nelson Coelho. Na gráfica eu canto, eu brigo, danço e brinco. Não tem esse negócio de psiu, fala baixo.

■ Concorrendo com o barulho das máquinas...

Povão. Na Gráfica é povão. Eu gosto daquilo ali... sinceramente.

■ A gente sabe que pel'**A União** passaram algumas pessoas que são verda-

deiros ícones, não apenas na Redação do jornal, mas também na Direção e na Gráfica. Eu vou citar três para você dizer como foi o seu relacionamento com essas pessoas aqui, por exemplo, Aloísio Moura...

Eita... Foi quando eu entrei, aquele jeitão, aquela cara de pau dele, mas era tampa. A gente chamava Dr Aloísio Moura de cigarro apagado.

■ Você chegou a trabalhar com Nathanael Alves?

Não, trabalhei com o filho

■ E com Milton Nóbrega?

Trabalhei. Na época era gerente. Trabalhei com Tônio. Ele era do setor de arte fazendo as suas ilustrações.

■ Você gostava mesmo da Gráfica, que até quando saía se reunia com os colegas?

Oxente, quando chegava na sexta-feira, se dizia assim: "Socorro onde é hoje? Onde é que a gente vai?" Onde vocês quiserem, eu estou dentro, "simbora" tomar cervejinha, porque naquele tempo era rojão.

■ Hoje é uma beleza com as máquinas fazendo quase tudo?

Mas naquele tempo, meu amigo, eu vou dizer naquele tempo não era brincadeira. Nesses corredores, tudo era bobina, chegavam de carretas e mais carretas. Enchiam o Almoxarifado, corretores, na Gráfica.

■ Você começou no acabamento, passou um tempo na telefonia, passou um tempo na Contabilidade, depois no Departamento de Pessoal e voltou para Gráfica que é onde você se sente realizada?

E tem mais: fui convidada por Nelson Coelho para ser a secretária dele. Eu vinha saindo da grá-

fica, ia pegar o café, ele vinha daquele jeitão dele. Aí ele: "Nega, tudo bom? Tu não quer ser minha secretária não?" Aí, eu abracei ele assim e disse: não, quero não, porque quando o senhor chegar aqui de manhã com a braguilha virada para trás e gritar e esturrar, não vai prestar. Ele me deu um abraço e disse: "Eita nega macha. Dá tua qualidade eu queria 10 trabalhando aqui dentro". Sempre me respeitou. Aliás, eu não tenho o que dizer de nenhum gestor. De superintendente, de diretor, de gerente não tenho o que dizer, graças a Deus.

■ Sempre se deu muito bem? Pelo que você contou até agora, primeiro não enfeitava trabalho, segundo não tinha problema de horário, terceiro, você sempre gostou do que fazia ...

Gostei e gosto. Nunca tive problema, graças a Deus. "Socorro tem extra". Pode botar. Ficava na maior.

■ Nesse trabalho do acabamento, que é de finalização, porque depois dele é entregar ao cliente. O que é que você considera que exige uma atenção maior?

A revisão do acabamento. Porque se o serviço sai da offset, um livro, uma plaquete, um folder, vai diretamente para o facão para cortar, lá dentro tem erros. Então, sai da offset, vai para o acabamento, a gente vai olhar aquilo ali tudinho para o cliente gostar.

■ E a revisão não quer dizer só se o texto está correto?

Não, a gente olha a numeração, a gente olha se tem alguma sujeira. Se estiver rasgado, se está com algum defeito, tudo isso a gente olha.

■ Alguma mancha de tinta?

Às vezes, a mão manchada, justamente de tinta, o menino pega para colocar o caderno e mancha, tudo isso a gente vê e a gente tira.

■ Pelo que estou entendendo, você nunca deixou **A União**?

Nunca tive vontade. E olhe que me chamaram para ir para Polícia Civil.

■ Já imaginaste tu como sargento? Ou ainda um investigador policial civil?

Disseram que eu daria uma ótima policial. E eu: não vai prestar. Aí eu fico aqui mesmo. Hoje tenho colegas na Polícia Civil que saíram daqui. Eu nunca quis sair daqui não. Nunca. Teve uma Redação lá em Jaguaribe, e ia muito porque antigamente tinha muita reunião. Participei de algumas, mas nunca gostei muito não. Meu xodó era aqui no Distrito mesmo, nessa Gráfica...

■ Nunca foi de participar de sindicato?

Meu negócio é trabalhar no acabamento. Meu negócio era dominar o papel. Se eu não dominasse o papel ele se lascava comigo, porque quando eu pegava, pegava mesmo. Quando chega alguma pessoa para contratar eu digo: olha se você não dominar o papel não vai aprender nada. Está com medo do papel? Não tenha medo, não. Faça o seu trabalho. Não tenha medo.

■ Esse é o segredo?

Dominar o papel. É porque, às vezes, a pessoa pega no papel e ele escorrega, cái, não acerta naquela dobra. Sempre eu digo meu filho,

Fotos: Edison Matos

fica, ia pegar o café, ele vinha daquele jeitão dele. Aí ele: "Nega, tudo bom? Tu não quer ser minha secretária não?" Aí, eu abracei ele assim e disse: não, quero não, porque quando o senhor chegar aqui de manhã com a braguilha virada para trás e gritar e esturrar, não vai prestar. Ele me deu um abraço e disse: "Eita nega macha. Dá tua qualidade eu queria 10 trabalhando aqui dentro". Sempre me respeitou. Aliás, eu não tenho o que dizer de nenhum gestor. De superintendente, de diretor, de gerente não tenho o que dizer, graças a Deus.

■ Socorro, você desenvolveu grandes amizades?

Demais, demais, demais... Fiz muitas amizades maravilhosas.

■ Que perduram até hoje?

Ainda hoje. Perdi muitos amigos, muitos faleceram, muitos pediram transferência, muitos se aposentaram. E eu ficando.

■ Contando histórias?

É como dizem algumas pessoas: aquela Gráfica sem Socorro não tem graça nenhuma. Teve uma época que foram saindo as mulheres, só eu fiquei... Passei mais de 15 anos. Só eu, o resto era tudo homem. Muitas saíram, pediram transferência para outras repartições e eu fiquei. Perguntavam: "Socorro, tu não vai sair não?" Não, não quero não, vou ficar aqui. Inclusive, uma voltou faz 15 anos e se aposentou, saiu no Diário Oficial essa semana. Tem o mesmo tempo que eu.

■ Pelo que estou entendendo, você nunca deixou **A União**?

Nunca tive vontade. E olhe que me chamaram para ir para Polícia Civil.

■ Já imaginaste tu como sargento? Ou ainda um investigador policial civil?

Disseram que eu daria uma ótima policial. E eu: não vai prestar. Aí eu fico aqui mesmo. Hoje tenho colegas na Polícia Civil que saíram daqui. Eu nunca quis sair daqui não. Nunca. Teve uma Redação lá em Jaguaribe, e ia muito porque antigamente tinha muita reunião. Participei de algumas, mas nunca gostei muito não. Meu xodó era aqui no Distrito mesmo, nessa Gráfica...

■ Há ocasiões em que mesmo com temperamento bacana, de fraternidade, a gente tem que dar um murro em cima da mesa?

Tem uma decepção. Às vezes você explode. Às vezes você quer dar um murro. Às vezes você quer dar uma "tamboretada", às vezes você quer avançar.

■ Trabalhou com gente que não queria nada com o serviço?

Hoje não tem mais não, mas, antigamente, tinha muito preguiçoso. A gente chamava "João sem braço", se escorando na pessoa, meu amigo é ruim demais você trabalhar por duas, três pessoas, num rugeruge danado, mas hoje não. Hoje está bom de se trabalhar, as meninas são pessoas maravilhosas. Gente muito boa. Vou sair e vou levar muita saudade, muita saudade. Elas me consideram como mãe. Quando chegaram não sabiam praticamente nada.

■ Não dominavam o papel?

Não dominavam o papel e hoje estão aí umas feras. Todo mun-



"Eu levo coisas boas no meu coração, levo as amizades que eu fiz, eu levo o meu aprendizado"

■ Às vezes perde tudo?

Algumas coisas a gente aproveita porque, às vezes, não está totalmente danificado. A gente conta para saber se aquela quantidade está certa. Quando é 300 vê se dá certo, aí tem quanto? Tem 200. Aí o menino lá da oficina repõe os 100 porque tem que ser 300. Pode até sobrar, mas faltar não.

■ Socorro, você desenvolveu grandes amizades?

Demais, demais, demais... Fiz muitas amizades maravilhosas.

■ Que perduram até hoje?

Ainda hoje. Perdi muitos amigos, muitos faleceram, muitos pediram transferência, muitos se aposentaram. E eu ficando.

■ Contando histórias?

É como dizem algumas pessoas: aquela Gráfica sem Socorro não tem graça nenhuma. Teve uma época que foram saindo as mulheres, só eu fiquei... Passei mais de 15 anos. Só eu, o resto era tudo homem. Muitas saíram, pediram transferência para outras repartições e eu fiquei. Perguntavam: "Socorro, tu não vai sair não?" Não, não quero não, vou ficar aqui. Inclusive, uma voltou faz 15 anos e se aposentou, saiu no Diário Oficial essa semana. Tem o mesmo tempo que eu.

■ Pelo que estou entendendo, você nunca deixou **A União**?

Nunca tive vontade. E olhe que me chamaram para ir para Polícia Civil.

■ Já imaginaste tu como sargento? Ou ainda um investigador policial civil?

Disseram que eu daria uma ótima policial. E eu: não vai prestar. Aí eu fico aqui mesmo. Hoje tenho colegas na Polícia Civil que saíram daqui. Eu nunca quis sair daqui não. Nunca. Teve uma Redação lá em Jaguaribe, e ia muito porque antigamente tinha muita reunião. Participei de algumas, mas nunca gostei muito não. Meu xodó era aqui no Distrito mesmo, nessa Gráfica...

■ Há ocasiões em que mesmo com temperamento bacana, de fraternidade, a gente tem que dar um murro em cima da mesa?

Tem uma decepção. Às vezes você explode. Às vezes você quer dar um murro. Às vezes você quer dar uma "tamboretada", às vezes você quer avançar.

■ Trabalhou com gente que não queria nada com o serviço?

Hoje não tem mais não, mas, antigamente, tinha muito preguiçoso. A gente chamava "João sem braço", se escorando na pessoa, meu amigo é ruim demais você trabalhar por duas, três pessoas, num rugeruge danado, mas hoje não. Hoje está bom de se trabalhar, as meninas são pessoas maravilhosas. Gente muito boa. Vou sair e vou levar muita saudade, muita saudade. Elas me consideram como mãe. Quando chegaram não sabiam praticamente nada.

■ Não dominavam o papel?

Não dominavam o papel e hoje estão aí umas feras. Todo mun-

do sabendo direitinho o que tem que fazer.

■ Socorro, qual é a saudade que você acha que vai levar?

Eu acho que a saudade maior que eu vou levar...

■ É isso mesmo, quem tem uma história bonita como essa tem que se emocionar...

Vou me lembrar de acordar de manhã cedo, de ficar aqui sentada, esperando o pessoal chegar, o pessoal entrar na Gráfica e desempenhar o meu papel, fazer meu trabalho, entregar meu trabalho no final do dia. Essa saudade que eu levo. Do pessoal que se foi, dos muitos que saíram.

■ Você pensa em fazer alguma coisa especial para ocupar seu tempo, tipo algo que sempre quis fazer, mas que não dava para sobreviver? Quando eu me aposentar eu vou fazer crochê... Vou pintar, vou cuidar da minha casa, vou viajar. Você vai fazer o quê?

Eu vou fazer academia, caminhada e vou viajar. Mas eu não vou fazer crochê não, porque eu não sei fazer crochê, nunca aprendi a fazer isso. O que sei é dobrar papel, intercalar, contar, revisar. Dobrar orelha de livro, casar, separar, mas crochê, não. Vou viajar com meu nego velho que também é aposentado. Vamos embora.

■ Há alguma informação que, por exemplo, eu não tenha abordado, algum detalhe que você queira registrar?

Meu filho é o seguinte: a única coisa que eu queria era agradecer a todos. Agradecer de todo meu coração por essa oportunidade, por essa entrevista tão bonita que fizeram comigo. Gostei de coração. Vou ligar para minha filha. Vou dizer a ela. Só quero agradecer a todos. De Naná a pessoa mais simples da gráfica. Eu só quero agradecer.

■ Aliás, mais uma pergunta: como é que você vê o papel d'**A União**, dessa empresa que tem 130 anos?

Eu vejo o papel d'**A União** como muito importante. Temos o jornal. Quantos não fecharam? 130 anos não é brincadeira. Eu estava a na festa de 100 anos d'**A União**. A coisa mais linda do mundo. Foi quase uma semana de festa. É um patrimônio. Você quer uma história? Isso aqui é uma história.

do sabendo direitinho o que tem que fazer.

■ Socorro, qual é a saudade que você acha que vai levar?

Eu acho que a saudade maior que eu vou levar...

■ É isso mesmo, quem tem uma história bonita como essa tem que se emocionar...

Vou me lembrar de acordar de manhã cedo, de ficar aqui sentada, esperando o pessoal chegar, o pessoal entrar na Gráfica e desempenhar o meu papel, fazer meu trabalho, entregar meu trabalho no final do dia. Essa saudade que eu levo. Do pessoal que se foi, dos muitos que saíram.

■ Você pensa em fazer alguma coisa especial para ocupar seu tempo, tipo algo que sempre quis fazer, mas que não dava para sobreviver? Quando eu me aposentar eu vou fazer crochê... Vou pintar, vou cuidar da minha casa, vou viajar. Você vai fazer o quê?

Eu vou fazer academia, caminhada e vou viajar. Mas eu não vou fazer crochê não, porque eu não sei fazer crochê, nunca aprendi a fazer isso. O que sei é dobrar papel, intercalar, contar, revisar. Dobrar orelha de livro, casar, separar, mas crochê, não. Vou viajar com meu nego velho que também é aposentado. Vamos embora.

■ Há alguma informação que, por exemplo, eu não tenha abordado, algum detalhe que você queira registrar?

Meu filho é o seguinte: a única coisa que eu queria era agradecer a todos. Agradecer de todo meu coração por essa oportunidade, por essa entrevista tão bonita que fizeram comigo. Gostei de coração. Vou ligar para minha filha. Vou dizer a ela. Só quero agradecer a todos. De Naná a pessoa mais simples da gráfica. Eu só quero agradecer.

■ Aliás, mais uma pergunta: como é que você vê o papel d'**A União**, dessa empresa que tem 130 anos?

Eu vejo o papel d'**A União** como muito importante. Temos o jornal. Quantos não fecharam? 130 anos não é brincadeira. Eu estava a na festa de 100 anos d'**A União**. A coisa mais linda do mundo. Foi quase uma semana de festa. É um patrimônio. Você quer uma história? Isso aqui é uma história.

■ Você pensa em fazer alguma coisa especial para ocupar seu tempo, tipo algo que sempre quis fazer, mas que não dava para sobreviver? Quando eu me aposentar eu vou fazer crochê... Vou pintar, vou cuidar da minha casa, vou viajar. Você vai fazer o quê?

Eu vou fazer academia, caminhada e vou viajar. Mas eu não vou fazer crochê não, porque eu não sei fazer crochê, nunca aprendi a fazer isso. O que sei é dobrar papel, intercalar, contar, revisar. Dobrar orelha de livro, casar, separar, mas crochê, não. Vou viajar com meu nego velho que também é aposentado. Vamos embora.

■ Há alguma informação que, por exemplo, eu não tenha abordado, algum detalhe que você queira registrar?

Meu filho é o seguinte: a única coisa que eu queria era agradecer a todos. Agradecer de todo meu coração por essa oportunidade, por essa entrevista tão bonita que fizeram comigo. Gostei de coração. Vou ligar para minha filha. Vou dizer a ela. Só quero agradecer a todos. De Naná a pessoa mais simples da gráfica. Eu só quero agradecer.

■ Aliás, mais uma pergunta: como é que você vê o papel d'**A União**, dessa empresa que tem 130 anos?

Eu vejo o papel d'**A União** como muito importante. Temos o jornal. Quantos não fecharam? 130 anos não é brincadeira. Eu estava a na festa de 100 anos d'**A União**. A coisa mais linda do mundo. Foi quase uma semana de festa. É um patrimônio. Você quer uma história? Isso aqui é uma história.

■ Você pensa em fazer alguma coisa especial para ocupar seu tempo, tipo algo que sempre quis fazer, mas que não dava para sobreviver? Quando eu me aposentar eu vou fazer crochê... Vou pintar, vou cuidar da minha casa, vou viajar. Você vai fazer o quê?

Eu vou fazer academia, caminhada e vou viajar. Mas eu não vou fazer crochê não, porque eu não sei fazer crochê, nunca aprendi a fazer isso. O que sei é dobrar papel, intercalar, contar, revisar. Dobrar orelha de livro, casar, separar, mas crochê, não. Vou viajar com meu nego velho que também é aposentado. Vamos embora.

■ Há alguma informação que, por exemplo, eu não tenha abordado, algum detalhe que você queira registrar?

Meu filho é o seguinte: a única coisa que eu queria era agradecer a todos. Agradecer de todo meu coração por essa oportunidade, por essa entrevista tão bonita que fizeram comigo. Gostei de coração. Vou ligar para minha filha. Vou dizer a ela. Só quero agradecer a todos. De Naná a pessoa mais simples da gráfica. Eu só quero agradecer.

■ Aliás, mais uma pergunta: como é que você vê o papel d'**A União**, dessa empresa que tem 130 anos?

Eu vejo o papel d'**A União** como muito importante. Temos o jornal. Quantos não fecharam? 130 anos não é brincadeira. Eu estava a na festa de 100 anos d'**A União**. A coisa mais linda do mundo. Foi quase uma semana de festa. É um patrimônio. Você quer uma história? Isso aqui é uma história.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



EM JOÃO PESSOA

# Inscrições para área de segurança estão abertas

Semob e Guarda Civil Municipal inscrevem até o dia 8 de janeiro para processo seletivo que oferece 300 vagas; provas serão em fevereiro e março

Alinne Simões  
alinesimoesjp@gmail.com

Estão abertas até o dia 8 de janeiro as inscrições para o concurso público para as funções de agente de mobilidade urbana e guarda municipal de João Pessoa. Juntos, a Superintendência de Mobilidade Urbana (Semob-JP) e a Guarda Municipal oferecem 300 vagas e são uma ótima oportunidade para quem deseja ingressar no serviço público.

O certame, que está sendo organizado pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), terá seis etapas de caráter eliminatório e classificatório para guarda civil e cinco etapas para agente de mobilidade urbana. Sendo provas objetivas, teste de aptidão física, avaliação de saúde, avaliação psicológica e curso de formação comum aos dois cargos. Além de investigação social, específica, para o cargo de guarda municipal. A taxa de inscrição para os dois certames é de R\$ 100.

Para a Guarda Municipal são 200 vagas para ampla con-



Foto: Arquivo Pessoal



**Os cargos estão voltados para segurança pública. E em relação ao tempo de estudo, temos aí provas que vão se realizar muito próximas umas das outras**

Thyaggo Lucena

corrência e as provas serão realizadas no dia 25 de fevereiro, no horário das 14 às 18h. Entre os assuntos cobrados, um destaque para conteúdos de sociologia, história e geografia da Paraíba e legislação de trânsito, afora os já comumente exigidos como portu-



Foto: Secom-JP

Apenas para a Guarda Civil Municipal são oferecidas 200 vagas

guês, matemática, raciocínio lógico, informática e específicos da área. O salário é de R\$ 1.302 mais gratificação de risco de 100%.

Já para agente de mobilidade urbana são 100 vagas, com provas previstas para o dia 10 de março, das 14h às 18h. Os assuntos cobrados na prova objetiva compreendem conhecimentos comuns

(português, raciocínio lógico e noções de informática) e específicos (noções de direito administrativo, de direito constitucional e de direitos humanos e legislação de trânsito). A remuneração é de R\$ 1.648,98 (vencimento-base) mais adicional de gratificação de 20% de insalubridade e 80% de gratificação de desempenho de fiscalização.

## Proteção do patrimônio público

A função da Guarda Civil Municipal é uma profissão que está integrada ao Sistema de Segurança Pública e que tem como incumbência garantir a segurança de patrimônios e dos cidadãos do município. Além dessa nomenclatura, a corporação pode ser denominada também de "Guarda Municipal" ou "Guarda Civil Metropolitana".

Os princípios mínimos de atuação dos profissionais são a proteção dos direitos humanos fundamentais, do exercício da cidadania e das liberdades públicas; a preservação da vida, a redução do sofrimento e a diminuição das perdas, e o patrulhamento preventivo; o compromisso com a evolução social da comunidade; e o uso progressivo da força.

"A gente lembra que a Guarda Municipal não faz policiamento ostensivo, sua função é guardar o patrimônio público do município. Não é à toa que você vê a presença de guardas nas escolas municipais, em repartições públicas. Ela dá apoio à Polícia Militar em certas situações, mas não é uma polícia de investigação como a Polícia Civil e nem é ostensiva como a Militar", afirma Thyaggo Lucena.

Em João Pessoa, a Guarda Civil Municipal foi criada no dia 29 de junho de 1990, através da Lei. 6.394.

## Carreiras

Bruno Cunha  
Colaborador

### A falta de direcionamento

Conhecer as etapas necessárias para alcançar metas profissionais é essencial em qualquer carreira, afinal, é por meio do planejamento que o indivíduo consegue vislumbrar seus planos, bem como tornar os mesmos de fato viáveis. Porém, as consequências da falta de direcionamento na carreira, pode incorrer em diversos problemas.

Ainda, é válido destacar que normalmente os jovens são pouco influenciados a pensar sobre o direcionamento de suas carreiras. Dessa forma, a escolha acaba se tornando comprometida, havendo até mesmo uma real possibilidade de que o curso de graduação escolhido, por exemplo, não tenha relação sequer com as habilidades do indivíduo.

Afinal, o que a falta de direcionamento na carreira pode acarretar?

A vida profissional não precisa ser apenas algo que se faz para assegurar a sobrevivência financeira. Quando o profissional tem satisfação no que faz, no serviço que desempenha, a carreira se torna mais um aspecto de sua vida, ou seja, é uma faceta de sua existência que também lhe dá prazer.

Para assegurar essa satisfação, no entanto, é importante reconhecer os benefícios do planejamento e de como o mesmo pode auxiliar na construção de uma vida mais plena. Do contrário, a falta de direcionamento, como já vimos, pode acarretar alguns desafios importantes para a vida profissional de qualquer pessoa, tais como.

**Tédio e estagnação:** Costumamos nos referir ao tédio com certa frequência ao falar sobre alguma festa que está chata, ou um filme que não parece ter prendido a atenção de forma eficiente. No entanto, esta pequena palavra também pode ser utilizada para se referir a um dos maiores problemas relativos à carreira profissional.

O tédio geralmente está acompanhado da estagnação, ou seja, trata-se daquele momento em que o profissional se vê incapacitado de perseguir algo desejado, ou mesmo um sonho antigo que foi esquecido no decorrer dos anos. O tédio e a estagnação, portanto, são consequências da falta de planejamento da carreira e costumam ser duas das maiores causas de descontentamento de profissionais.

**Frustração e estresse:** Com o tédio e a estagnação em alta, o profissional fica mais vulnerável à frustração e o estresse. Geralmente, esses dois sentimentos chegam quando o profissional percebe que vários colegas e conhecidos começam a ser promovidos e alcançam estágios de prestígio nas hierarquias de suas carreiras.

A falta de planejamento das etapas e dos caminhos que devem ser seguidos é a grande culpada pela frustração e o estresse. Traçar um plano com metas bem estipuladas e também com o passo-a-passo para alcançá-las é uma forma de driblar esses problemas.

**Conformismo:** Quando o profissional atinge a estagnação na carreira, o processo psicológico que pode lhe trazer algum conforto é se convencer de que existe uma escassez de empregos bons, que a maioria dos colegas ou amigos também vive trabalhando em empregos dos quais não gostam.

Esse pensamento é muito comum e recorrente porque tira o poder de ação do indivíduo e o coloca no exterior, ou seja, coloca a culpa da falta de possibilidades no entorno. É óbvio que existem problemas de ordem econômica e social que podem impossibilitar o profissional de alcançar seus desejos.

Apesar disso, é sabido que tanto a economia quanto a sociedade passam constantemente por modificações e, estar preparado para aproveitar as oportunidades quando elas surgirem passa diretamente pela estruturação de um planejamento de carreira adequado.

**Sensação de inferioridade:** O sentimento de inferioridade vem da desconfiança de que os próprios talentos estão sendo mal utilizados, ou seja, de que a capacidade intelectual é muito maior do que o serviço que está sendo desempenhado. Com esse reconhecimento, é comum que o profissional se sinta compelido a colocar a culpa nos outros, na falta de possibilidades apresentadas, além de fazer com que cresça o sentimento de inferioridade.

Desta forma, a sensação de inferioridade pode fazer com que o profissional acabe ficando em uma posição de carreira que não é apropriada, que não atende aos seus desejos. Sendo assim, para que esses problemas sejam evitados, fazer um planejamento, assim como conhecer o direcionamento da carreira, pode promover uma vida profissional muito mais satisfatória.

## Memórias A UNIÃO



Foto: Eason Matos/Marketing EPC

Neste domingo (17/12), as grandes histórias da assistente de acabamento e impressão **Socorro Pereira** com A União.

Acesse nosso canal no YouTube

**uniaogovpb**

## Selic

Fixado em 13 de dezembro de 2023

11,75%

## Salário mínimo

R\$ 1.320

## Dólar \$ Comercial

+0,45%

R\$ 4,937

## Euro € Comercial

-0,39%

R\$ 5,381

## Libra £ Esterlina

-0,14%

R\$ 6,271

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2023	0,28
Outubro/2023	0,24
Setembro/2023	0,26
Agosto/2023	0,23
Julho/2023	0,12

## Ibovespa



## ALTA ESTAÇÃO

# Gastos das férias ficam em média 30% mais elevados

*Despesas com hospedagem, passeios e alimentação serão maiores na temporada*

Michelle Farias  
michellesfarias@gmail.com

Quem optar por viajar nas férias de dezembro, janeiro e fevereiro terá que desembolsar pelo menos 30% a mais que o valor pago neste ano. Na considerada alta estação, os passeios também estão mais caros e podem até dobrar o valor nos meses de maior movimentação na Paraíba. Também terão impacto nas férias o preço das passagens aéreas, que acumula alta de 35,24% este ano, segundo o IBGE, e apresenta tendência de aumento para os próximos meses.

“A lei da oferta e demanda também se aplica ao turismo, portanto, nos períodos de férias, quando as pessoas viajam mais, é comum que o setor experimente um momento de alta nos valores. Como o turismo é uma atividade que reúne múltiplos serviços, é difícil dizer com precisão o percentual de aumento, mas para pontuar, alguns serviços experimentam acréscimos da ordem de 30%, como hospedagem, por exemplo, enquanto outros, como passeios específicos pelo Litoral, chegam a dobrar os seus valores”, revelou o empresário Caetano Falcão, da agência de viagens Clube Turismo Também Shopping.

Entre os produtos que compõem os pacotes de viagens, as passagens aéreas são as que apresentam um “aumento vertiginoso” nos preços, segundo o empresário. Ele ressaltou que o Brasil tem custos operacionais muito altos e apenas três grandes companhias operam no território, o que faz com que os valores desse modal de transporte sejam excessivos,



Foto: Evandro Pereira

*Serviços como passeios por cidades escolhidas para as férias podem dobrar de valores por conta da demanda elevada*

inclusive quando comparados com países vizinhos.

“O que mais deixa o setor de agenciamento de viagens preocupado é o fato de não haver uma perspectiva de estabilização ou de redução desses valores. Naturalmente, o setor de hospedagem também experimenta uma alta demanda, o que faz com que haja uma alta expressiva nos valores, e, na sequência, os passeios também são um serviço que tem valores maximizados”, pontuou Caetano Falcão.

O aumento foi percebido pela contadora Daniele Alves, que todos os anos viaja com a família. Para as próximas férias ela ainda não comprou o pacote, mas deve ir para Natal, capital do Rio Grande do Norte, já que a proximidade com João Pessoa possibilita economizar com o deslocamento de carro.

“Observamos um aumento nos pacotes de viagens depois da pandemia. A gente ainda conseguia comprar um pacote

mais em conta, mas depois as coisas reajustaram e com a chegada da alta estação esses pacotes têm a tendência de subir. Época de sol, verão, a procura é maior. Eu sempre procuro o melhor pacote que cabe no meu bolso, faço busca com antecedência para ter uma programação melhor, porque além da hospedagem tem também a alimentação, que é muito cara”, afirmou.

### Destinos preferidos

Quando se trata das férias de final de ano, o empresário Caetano Falcão explica que é muito comum que os destinos escolhidos estejam no Nordeste, pelas praias, pela variedade de estilos de hospedagem, pelo incremento de atividades nos destinos e pela facilidade de acesso usando carro próprio ou a locação de vans e ônibus, nos casos da formação de grupos.

“Um bom agente de viagens faz a diferença, esse profissional conhece os fornecedores e, muitas vezes, consegue



Foto: Arquivo pessoal

“**Nos períodos de férias, quando as pessoas viajam mais, é comum que o setor experimente um momento de alta nos valores**

Caetano Falcão

valores acessíveis em fornecedores extremamente confiáveis e competentes, reduzindo o investimento nas viagens nos períodos de alta estação sem abrir mão da qualidade das experiências”.

## Faturamento pode chegar a R\$ 155 bi, calcula CNC

O setor do turismo deve faturar na alta temporada - entre novembro deste ano e fevereiro de 2024 - R\$ 155,87 bilhões, segundo revela pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A entidade diz que esse valor representa aumento real de 5,6%, em relação ao mesmo período da última temporada, sendo a maior movimentação financeira do setor desde o início do levantamento, em 2012.

Após um encolhimento de 36,7% no ano de 2020, o setor vem avançando gradativamente: 22,2% em 2021 e 39,9% no ano passado. No acumulado de 2023 até setembro, o faturamento real do setor avançou 7,9%, segundo o Índice de Atividades Turísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O número de passageiros transportados por aviões, um indicador chave da atividade turística, continua em expansão. No terceiro trimestre de 2023, a quantidade de passageiros em voos nacionais atingiu 24,25 milhões, igual ao volume registrado no mesmo período de 2019.

Já nos voos internacionais, o número ainda está 8,3% abaixo em igual período. Durante a alta temporada 2023/2024, os gastos turísticos se concentrarão principalmente em bares e restaurantes (R\$ 68 bilhões) e transporte rodoviário (R\$ 24,34 bilhões).

O segmento de alimentação deve liderar as contratações, com mais de 45 mil postos gerados, seguido pelo de transportes, com aproximadamente 20 mil, e hospedagem, com nove mil vagas.

## Pagamento facilitado ajuda a atrair clientes

Mesmo com os preços em alta, as agências de viagens oferecem aos clientes diferentes formas de pagamento dos pacotes de férias, a exemplo do parcelamento em até 24 vezes. A Associação Brasileira de Agências de Viagens da Paraíba (ABAV-PB) garantiu que as agências associadas sempre buscam melhores fornecedores, com múltiplas opções de pagamento.

### Parcelamento

É possível realizar compras seguras utilizando métodos como as transferências via Pix, mesmo à distância, e realizar o parcelamento em 12 ou 18, 20 ou 24 meses através do boleto bancário. As agências associadas oferecem uma diversidade de possibili-

dades, com fornecedores de serviços testados e confiáveis, com valores acessíveis, além da segurança e a garantia de empresas sérias e sólidas no mercado.

### Comodidade de agências

“A viagem de férias, de lua de mel, de trabalho, de estudo ou de qualquer outra motivação deve ser algo prazeroso, com uma expectativa boa. A energia do cliente deve estar focada nas experiências que vai vivenciar e não nos problemas gerados a partir da compra em fornecedores não confiáveis. Uma agência de viagens é o lugar certo para quem busca segurança, comodidade e as melhores experiências nos destinos”, alertou o empresário Caetano Falcão.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

## Impacto da redução da taxa Selic na economia brasileira

A recente decisão do Banco Central do Brasil de reduzir a taxa Selic em 0,50 pontos percentuais, estabelecendo-a em 11,75%, marca um momento importante na economia brasileira. Essa decisão, embora menos agressiva do que o Governo Federal poderia desejar, tem repercussões significativas tanto para o mercado financeiro quanto para o cotidiano dos cidadãos.

Antes de analisar os efeitos dessa decisão, é importante entender o papel da taxa Selic na economia. A Selic, taxa básica de juros, é o principal instrumento de política monetária utilizado pelo Banco Central para controlar a inflação. Ela influencia todas as taxas de juros do país, incluindo empréstimos, financiamentos e investimentos. Uma taxa Selic mais alta visa conter a pressão inflacionária, enquanto uma taxa mais baixa busca estimular a atividade econômica.

A redução da taxa Selic tem como um de seus principais efeitos a diminuição do custo do crédito. Isso significa que empréstimos e financiamentos tendem a ficar mais baratos, incentivando tanto o consumo quanto o investimento produtivo. Para as empresas, especialmente as de pequeno e médio porte, o acesso a crédito mais barato pode significar a expansão de atividades e o aumento de contratações.

Por outro lado, a queda na taxa Selic afeta o rendimento de investimentos atrelados a ela, como a poupança e títulos do Tesouro Direto. Isso pode levar os investidores a buscar alternativas mais rentáveis, potencialmente aumentando o investimento em ações e fundos imobiliários, o que dinamiza o mercado de capitais.

Uma taxa de juros mais baixa pode estimular o consumo, o que, por um lado, é positivo para a recuperação econômica, mas por outro, pode acarretar riscos inflacionários. O Banco Central deve, portanto, equilibrar a necessidade de estimular a economia com o controle da inflação. Para os consumidores, o crédito mais acessível pode significar um aumento no poder de compra, embora seja essencial manter a cautela para não cair em endividamento, que já atinge grande parcela das famílias brasileiras.

Um dos setores que mais se beneficia com a redução da taxa Selic é o mercado imobiliário. Com o financiamento imobiliário mais acessível, há um estímulo para a compra de imóveis, o que pode aquecer o setor da construção civil, gerando empregos e fomentando a economia.

Para as contas públicas, uma Selic menor pode significar uma redução no custo da dívida pública, o que é positivo para o equilíbrio fiscal do país. No entanto, essa redução nos juros deve ser acompanhada de reformas estruturais e de uma gestão fiscal responsável para que os benefícios sejam sustentáveis.

A decisão do Banco Central de reduzir a taxa Selic para 11,75% reflete um equilíbrio delicado entre estimular a economia e controlar a inflação. Embora menos agressiva do que algumas correntes do governo gostariam, essa redução pode ser vista como uma medida cautelosa em um contexto econômico ainda repleto de incertezas. A eficácia dessa política dependerá de como os diferentes setores da economia e os consumidores reagirão a essa nova realidade de custo de crédito mais baixo, bem como da capacidade do Banco Central em manter a inflação sob controle.

## INDÚSTRIA

## Descarbonização custa R\$ 40 bilhões

Cálculo da CNI leva em consideração os investimentos em novas tecnologias e processos de produção mais limpos

Agência CNI

A transição do setor industrial brasileiro para uma economia de baixo carbono apresenta desafios. O elevado custo de capital no país, combinado com o chamado “Custo Brasil”, torna os investimentos em novas tecnologias e processos de produção mais limpos especialmente elevados. Estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou que, para descarbonizar a indústria brasileira, serão necessários cerca de R\$ 40 bilhões até 2050.

O dado consta do levantamento “Oportunidades e riscos da descarbonização da indústria brasileira – roteiro para uma estratégia nacional”. O documento foi divulgado durante a Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas, a COP28, realizada este mês, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

O custo de aproximadamente R\$ 40 bilhões foi obtido a partir da revisão de estudos feitos nos últimos anos, no Brasil, e por meio de consultas a especialistas de cada segmento industrial. A CNI, no entanto, ressaltou que alguns setores não consideraram no cálculo os valores de investimentos indiretos para aumentar a oferta de energia renovável e alternativas, como portos, estradas e telecomunicações. Assim, o valor de R\$ 40 bilhões poderá ser ainda maior.

“Com as condições adequadas, a indústria brasileira pode se tornar um ator significativo na economia global de baixo carbono. Para tanto, são necessárias condições econômicas e políticas claras e estáveis para que possamos atrair investimentos e impulsionar inovação em tecnologias”, afirma o presidente da CNI, Ricardo Alban.

“

**Nas condições adequadas, a indústria brasileira pode se tornar um ator significativo na economia global de baixo carbono. Mas são necessárias condições econômicas e políticas claras e estáveis**

Ricardo Alban

## Mercado de carbono é chave para a neutralidade climática, aponta CNI

O Governo Federal anunciou, em setembro deste ano, a revisão da meta climática brasileira. O país se comprometeu a reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) em 48% até 2025 e em 53% até 2030, retomando a ambição apresentada em 2015, no Acordo de Paris.

Segundo o levantamento da CNI, a maior parte dos setores estudados tem potencial de mitigação de emissões de GEE nos médio e longo prazos, com destaque para cimento, siderurgia, alumínio e

florestas plantadas. Por exemplo, os setores de cimento e siderúrgico, maiores consumidores de energia nos processos produtivos, podem reduzir 499 milhões de toneladas de CO<sup>2</sup> até 2050.

A CNI simulou três cenários para saber se o Brasil consegue atingir as metas acordadas e entender se a precificação do carbono poderá ter algum impacto nesses compromissos. A projeção demonstra que por meio do mercado de carbono é possível chegar à neutralidade cli-

mática em 2050 e ainda aumentar o nível de atividade econômica do país, reduzindo a taxa de desemprego.

“Uma política de precificação de carbono adequada ao país, que use as receitas para reduzir distorções da economia brasileira e incentive a criação de empregos parece estar entre as melhores alternativas para o Brasil cumprir o Acordo de Paris, sem prejuízo ao crescimento econômico e social”, explica o diretor de Relações Institucionais, Roberto Muniz.



Brasil se comprometeu a reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 48% até 2025

Foto: Freepik

## Descarbonização da Economia Brasileira

## ■ Os cenários

- **Cenário referência:** As metas assumidas, hoje, pelo país são mantidas, sem a implementação de uma política de precificação de carbono. Essa situação considera o mecanismo de ajuste de fronteira de carbono europeu (CBAM, em inglês) - imposto criado pela União Europeia para precificar as emissões dos produtos importados pelos países-membros.

- **Cenário 1:** O Brasil adota uma política de precificação de carbono por meio de uma taxa de carbono. As receitas obtidas pelo pagamento da taxa pelos agentes econômicos vão para o orçamento da União. Essa situação também inclui o CBAM europeu.

- **Cenário 2:** Há o mercado de carbono e é feita a reciclagem de receitas, que é quando se usa uma receita para pagar uma despesa. O CBAM europeu é levado em consideração.

## ■ Os resultados

- **Cenário referência:** As emissões chegam a 1,2Gt CO<sup>2</sup>, atendendo à meta da NDC brasileira. Sem aumento de ambição, entre 2030 e 2050 as emissões ficam no mesmo patamar e o país alcança a neutralidade climática.

- **Cenário 1:** As emissões chegariam a 1,0Gt CO<sup>2</sup> em 2023 e seriam neutras em 2050 (emissões líquidas zero). No entanto, seria necessário aumentar a taxa de carbono para incentivar a adoção de mais medidas de mitigação pelos setores taxados e alcançar as metas prometidas pelo Brasil à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC).

- **Cenário 2:** Além de atingir a NDC em 2025 e 2030, e a neutralidade climática em 2050 (como no cenário 1), há a projeção de crescimento do PIB em relação ao cenário referência, chegando a R\$ 9,66 trilhões em 2030 (+1%) e R\$ 14,13 trilhões em 2050 (+1,8%).

## Estratégia nacional de adaptação às mudanças do clima

Durante a apresentação do documento da CNI na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Dubai, também foram abordadas as contribuições para as discussões em torno da estratégia nacional de adaptação às mudanças climáticas, instrumento doméstico que tem potencial de contribuir com as discussões globais sobre o assunto.

No posicionamento, a CNI afirma que a internalização dos riscos climáticos tem sido cada vez mais relevante no planejamento estratégico das empresas. Isso porque essas alterações podem implicar impactos negativos, incluindo:

danos a infraestruturas e equipamentos; interrupção parcial ou total da operação industrial; impactos no fornecimento de energia elétrica; redução ou interrupção do fornecimento de matérias-primas; comprometimento da saúde dos colaboradores; e redução da disponibilidade e da qualidade da água.

Segundo a Confederação, as cadeias de valor das empresas formam uma rede altamente interdependente que pode ser muito vulnerável e conter diversas incertezas em relação às mudanças climáticas. Ainda no documento, a CNI aponta que, considerando a importância de o setor

empresarial conhecer e gerir as oportunidades e os riscos que os eventos climáticos extremos podem acarretar aos negócios, é fundamental a coordenação institucional dessa agenda, por meio de uma estratégia nacional de adaptação, para definir as melhores estratégias de enfrentamento para o país, além das necessidades de financiamento climático.

## Medidas

Nessa estratégia, a indústria defende ainda que o governo revise, com a lupa climática, as políticas já existentes nas esferas federal, estadual e municipal. As dire-

trizes do documento devem estar em consonância com as ações previstas nas políticas públicas em curso; crie regulamentações para preencher lacunas importantes e viabilizar ações de adaptação da indústria, como o reúso de efluentes; mapeie as sinergias das medidas de adaptação entre os setores visando otimizar os esforços de implementação. Isso significa que, após os exercícios dos setores de identificar seus riscos e vulnerabilidades, seria importante um mapeamento das sinergias entre as demandas e ofertas de cada setor, com a finalidade de otimizar as ações e evitar retrabalhos.

Outra diretriz seria estimular o engajamento de estratégias conjuntas de adaptação entre os setores da sociedade. E comunicar à sociedade, de forma adequada e oportuna, os impactos associados à mudança do clima, especialmente no que diz respeito à ocorrência de eventos extremos.

“Entendemos que uma lógica mais clara de planejamento possibilitaria uma melhor compreensão da estratégia do governo e uma avaliação mais precisa sobre as oportunidades de sinergia entre os esforços do setor público e do privado”, afirma o diretor de Relações Institucionais da CNI, Roberto Muniz.

## Impactos

**Alterações no clima podem implicar em danos a equipamentos, interrupção da operação industrial, redução no fornecimento de matérias-primas e riscos à saúde de trabalhadores**

## MARATONA DE CRIAÇÃO DE JOGOS

# Inclusão digital na Aldeia do Tambá

*A Monhang Game Jam, promovida pelo Governo do Estado, reuniu 30 jovens para desenvolver games em Baía da Traição*

Renato Félix  
Assessoria Secties

A inclusão digital é um tema que vai ficando mais urgente à medida que o avanço dos recursos tecnológicos se torna mais presente no cotidiano da sociedade. Essa ideia norteou a realização de uma maratona de criação de games em uma aldeia indígena potiguara de Baía da Traição. A Aldeia do Tambá sediou a Monhang Game Jam de quarta (13) a sexta-feira (15), promovida pelo Governo do Estado por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), dentro do evento Acampamento Inclusivo. Trinta jovens presencialmente e mais 25 em modo remoto trabalharam em regime de imersão para criar games a partir do tema “Como projetar a cultura indígena para fora”.

“Nunca foi realizada uma game jam em uma comunidade indígena e nós consideramos essa ação pioneira, realizada pela Secties juntamente com a Associação Nacional para Inclusão Digital (ANID) e a Prefeitura Municipal da Baía da Traição. É de extrema importância para nós, que trabalhamos a inclusão digital”, afirmou a secretária executiva de Inovação, Elis Regina Barreiro. “Além de dar oportunidade aos estudantes de viver uma experiência incrível que é a oportunidade de programar, de criar um jogo, de criar uma solução gamificada para o seu problema, ainda há inclusão das comunidades. A gente sabe quanto o acesso pode ser difícil, e é o papel do Estado levar esse tipo de evento, soluções, e condições para essas pessoas estarem cada vez mais conectadas e incluídas no mundo tecnológico”.

Embora o desafio estivesse aberto para qualquer interessado, um dos objetivos era incentivar a participação da população local, sobretudo a indígena.

E as inscrições evidenciaram que foi um acerto.

“O interesse em participar foi muito alto, foi além das expectativas da gente. Houve um engajamento muito bom de crianças, adolescentes, famílias, professores, estudantes, pessoas que já têm o ensino superior completo”, celebra a assessora técnica de inovação da Secties, Luiza Iolanda Cortez. “Um interesse que demonstra que existe público para isso em terras tradicionais. Então quando a gente está falando em terras tradicionais, está falando em tecnologia, está falando em acesso. E proporcionar isso é trazer esse acesso também”.

Um dos exemplos disso é Waldomiro Neto, de 22 anos. Estudante de Ciência de Dados no Projeto Limite do Visível, parceria da Secties com a Universidade Estadual da Paraíba. Ele é um indígena potiguara originário de Rio Tinto, mas em contexto urbano (ou seja: não vive na aldeia). E participou da game jam tendo se inscrito como designer.

“Eu acho interessantíssimo esse evento. É até um ato de coragem que a gente afirma ser o que é. Somos um povo bastante esquecido com relação a tudo, pouco se fala sobre inclusão indígena no Brasil”, conta o estudante. “Então é importante um evento como esse ocorrer dentro de uma aldeia e ter o foco nesse público pelo fato de que nós existimos, resistimos e estamos aqui. A ideia de indígena no Brasil é de alguém isolado da sociedade atual. O que não é a realidade. Tanto que está acontecendo isso aqui com uma grande participação de jovens indígenas”.

“A game jam realizada dentro da comunidade indígena consegue alcançar vários objetivos: de inclusão digital, de inclusão tecnológica, traz oportunidade de experiência de aprendizado para as pessoas envolvidas, para os estudantes

que estão ali tendo a oportunidade de aprender a fazer um game”, disse a secretária executiva, Elis Regina.

Outra boa notícia entre os inscritos foi a participação de mulheres. Elas foram responsáveis pela maioria das inscrições, ao passo que na primeira game jam realizada pela Secties, na Expotec, em agosto, houve uma solitária presença feminina. É um ponto importante já que a área de tecnologia ainda é tida como predominantemente masculina.

Entre os jogos que saíram da maratona está o “Caminhos de Monte-Mó”, um jogo de tabuleiro que tem como desafio fazer com que os jogadores levem os objetos sagrados perdidos até a aldeia de Monte-Mó, e “Aventuras de Ka'yara”, um jogo virtual cujo objetivo é coletar totens e evitar os obstáculos a fim de salvar a aldeia contra queimadas das indústrias.



A Monhang Game Jam aconteceu, de quarta a sexta-feira da semana, passada, em um acampamento inclusivo



Waldomiro Neto, 22 anos, é estudante e indígena potiguara originário de Rio Tinto

## Evento apostou em espírito colaborativo em equipe



Os participantes inscritos, na maioria mulheres, foram divididos em grupos

O resultado do esforço conjunto da game jam foi apresentado à população de Baía da Traição no fim da tarde da sexta, durante o festival cultural da cidade, na Praça José Barbosa. O esforço foi conjunto porque os participantes foram divididos em grupos, mas um integrante de uma equipe poderia dar uma força ao trabalho de outra, sendo creditado por isso no resultado final. Em vez de um caráter competitivo, essa game jam apostou em um viés sobretudo colaborativo. A ideia não era eleger o melhor jogo, mas todos crescerem juntos para todos entregarem o melhor resultado final possível.

“Como é uma perspectiva de inclusão, de disseminação e de atração, mesmo, a gente quis trabalhar com essa perspectiva de não fazer uma jam necessariamente competitiva”, explica Iolanda Cortez. “Então, por exemplo, um determinado programador ou um determinado ilustrador ou ilustradora que tenha colaborado em mais de

uma equipe, necessariamente essa pessoa vai ser creditada em todas as equipes de que o jogo for disponibilizado”.

O desafio durou 48 horas e as equipes tiveram a opção de enveredar pela noite, se preferissem. O importante era entregar um bom resultado na sexta-feira. Tanto os participantes remotos quanto os presenciais puderam optar por passar a noite trabalhando, de acordo com o pique de cada um.

Os participantes, com diferentes idades, procedências e repertórios, foram divididos nas equipes buscando equilibrar as habilidades e interesses descritos no ato da inscrição.

### Diálogo e intercâmbio

A Monhang Game Jam aconteceu dentro do evento Acampamento Inclusivo, que teve como objetivo ser um espaço de diálogo e intercâmbio, reunindo uma diversidade de participantes, desde especialistas em tecnologia até representantes de povos indígenas.

Esta foi a segunda edição, uma colaboração entre a Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid); o Governo da Paraíba; a Secretaria de Educação da Baía da Traição, e apoio da Prefeitura Municipal da Baía da Traição e do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)

“O objetivo é discutir os temas que estão em alta, como plataformas, inteligência artificial, tecnologia de informação, mas a partir do ponto de vista das comunidades”, explicou o presidente da Anid, Percival Henriques. “E a ideia é fazer vários momentos como esse em vários territórios indígenas, quilombolas, ciganos, ribeirinhos, com marisqueiras, pescadores, com o pessoal dos movimentos agrários”.

“Para nós, povos originários, é de grande valia um evento como esse, que traz o conhecimento da tecnologia junto a outros conhecimentos nos debates”, afirmou o cacique Clóvis Santana dos Santos, da Aldeia Alto do Tambá.

## PRESERVAÇÃO

# Uso consciente do solo é prioridade

*Gestão sustentável do solo é apontada como ação primordial para manter o equilíbrio dos sistemas produtivos*

Alinne Simões  
alinnesimoesjp@gmail.com

O Dia Mundial do Solo é comemorado no dia 5 de dezembro. A data que foi criada pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) tem como objetivo conscientizar as pessoas para importância do solo na manutenção da vida no planeta. Este ano, a campanha teve como tema “Solo e água, fonte de vida”, que chama a atenção para a importância dos dois recursos na vida do ser humano, visto que, segundo a FAO, 95% dos alimentos precisam dos dois meios.

De acordo com estudo produzido pela organização, 33% do solo no mundo está degradado. Somente o processo de erosão extingue de 25 a 40 bilhões de toneladas de solo por ano, o que reflete na diminuição da produtividade. Por conta dessa degradação, estima-se que possa ocorrer, até 2050, uma perda de cerca de 253 milhões de toneladas na produção de grãos. A pesquisa revelou ainda que aproximadamente 50% do solo latino-americano sofre atualmente com algum tipo de degradação.

O geógrafo e professor do Departamento de Geociências da UFPB, Bartolomeu Israel, explica que os processos erosivos são desencadeados a partir do momento que é retirada de forma muito intensa a cobertura vegetal do solo, quer seja para uso direto da madeira, quer seja para agricultura, principalmente, do tipo monocultura. Sendo assim, a melhor forma de evitar esse desgaste é diminuir essa retirada e adotar técnicas baseadas, por exemplo, na convivência dessa cobertura porque ela preserva as espécies exóticas e isso é fundamental para todo o ecossistema.

“A partir do momento que você preserva parte dessas espécies, você consegue associar também essa preservação ao uso econômico dessas terras como, por exemplo, com sistemas agroflorestais que têm se mostrado extremamente importantes e bastante produtivo em várias partes do mundo”, destaca.

Desse modo, o professor ressalta que quando o solo é mal gerido, ele começa a mostrar exatamente as consequências, como processos erosivos intensos, perda de fertilidade, diminuição ou mesmo extinção de fontes d’água que, por sua vez, afeta a quantidade de água que chega aos rios e, em alguns casos, pode fazer até com que eles sequem. Além de apresentar processos de assoreamento muito forte dentro dos rios, dificultando a navegação e afetando todo o bioma que existe nele, e gerando consequências diretas para a população.

“Os resultados da degradação do solo vão além da esterilização da terra, podendo aumentar o risco de

assoreamento, afetar o lençol freático, rios, mares, a fauna, a flora e, com isso, prejudicar o meio ambiente como um todo e o funcionamento de ecossistemas”, acrescenta Humberto Gomes, chefe da Divisão de Florestas da Sudema.

A degradação do solo é considerado um desafio de ordem mundial, que representa sérios entraves para o desenvolvimento sustentável de todos os países, em especial, os países em desenvolvimento. Para a FAO, reverter esse problema é indispensável para que se possa alimentar a população global, proteger a biodiversidade e enfrentar a crise climática do planeta.



**Sistemas agroflorestais têm se mostrado extremamente importantes e produtivos**

Bartolomeu Israel



**O excesso de fertilizantes está contaminando o solo e reduzindo a diversidade da vida**

Normando Perazzo



O processo de erosão extingue até 40 bilhões de toneladas de solo ao ano. A principal causa é a retirada de cobertura vegetal

## Preservar é a ordem

A correta gestão do solo e sua conservação torna-se cada vez mais uma questão urgente, especialmente, no tocante à segurança da produção de alimentos e a existência de ecossistemas estáveis. “É essencial para a manutenção agrícola sustentável e para a preservação do meio ambiente. Afinal, a degradação da terra resulta em inúmeras consequências negativas”, destaca Humberto.

Ele ressalta ainda que a conservação do solo é uma estratégia primordial para promover um equilíbrio ecológico saudável em nossos sistemas produtivos. No entanto, a resiliência natural da terra é um processo bastante lento. Por conta disso, a preservação do solo requer uma série de medidas e práticas destinadas a restaurar as condições de equilíbrio e sustentabilidade, como: adubação verde, rotação de culturas, plantio direto, diminuição de queimadas e do uso de agrotóxicos na agricultura, reflorestamento de determinadas zonas e não jogar lixo e produtos químicos em locais inapropriados.

Bartolomeu, esclarece que existem diversas técnicas conhecidas para poder fazer a preservação do solo, mas basicamente todas elas pressupõem um princípio básico, que é, exatamente, evitar os processos erosivos. “Esse é o princípio básico de qualquer técnica, quando ele é afetado por desmatamento, por exemplo, e, consequentemente começa a perder a fertilidade, existem técnicas para poder recuperar essa fertilidade. Porém, isso exige um custo muito elevado. Então, para diminuir esse custo, a base de tudo é deixar pelo menos parte da cobertura vegetal, nesse solo, para que ele possa ser preservado e possa continuar, cumprindo a sua função”. Ele explica que o solo

é fundamental em diversos aspectos, tanto para a manutenção da vida vegetal, como também para as plantações, no caso a agricultura, assim como também para vida animal. “O solo é um depósito de umidade e é a partir dele que, por exemplo, são estocadas as águas subterrâneas que geram os rios”. É nele também que encontramos estoque muito grande de carbono e, consequentemente, isso ajuda não somente na fertilidade, bem como, na questão da contenção, das mudanças climáticas a partir do efeito estufa. Então, a preservação do solo é fundamental para a sobrevivência da humanidade”.

O professor emérito de Engenharia Civil da UFPB, Normando Perazzo, ressalta que é preciso mudar a forma como nos relacionamos com o solo, caso contrário, teremos muitos problemas no futuro. “Essa questão de agrotóxicos, de fertilizantes em excesso, tudo isso está contaminando o solo e está reduzindo a diversidade da vida. Eu vejo como um perigo para a humanidade no futuro”.

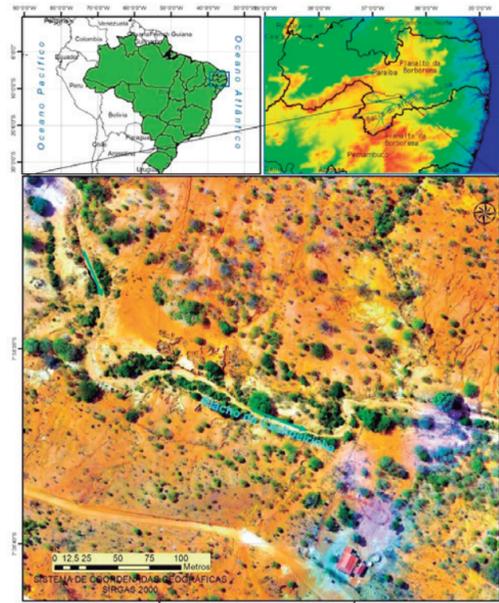
“Além disso, há muita ocupação irregular do solo. Essas grandes catástrofes que a gente está vendo é justamente por conta de ocupações irregulares, porque a natureza é uma coisa viva, ela está se mexendo, mas o homem está interferindo demais”, aponta o Perazzo. De acordo com ele, o homem pode sobreviver respeitando a natureza, o que deve ser feito é conscientizar as pessoas e exigir que os governos exerçam o seu papel na preservação, desse que é um dos nossos principais recursos naturais. “É preciso mudar esse sistema de vida, porque é impossível você querer extrair o máximo da natureza, sem ela ter capacidade para isso. Nossos solos pedem ajuda”.

## Saiba Mais

O dia 5 de dezembro foi escolhido em homenagem ao aniversário do H.M. King Bhumibol Adulyadej, o rei da Tailândia, que sancionou oficialmente a data junto a ONU, durante o XXVII Congresso Mundial de Ciência do Solo, em Bangkok, através da Resolução nº 68/232 de 20/12/2013.

### Tipos de degradações mais comuns:

- Desertificação
- Arenização
- Compactação
- Processos erosivos
- Salinização
- Laterização
- Poluição direta e contaminação



Áreas desertificadas são produto da ação humana

## Produtores devem ter acesso às informações

Bartolomeu Israel conta que existem inúmeras pesquisas realizadas no Brasil e no mundo que mostram as diversas formas do ser humano continuar utilizando o solo de forma sustentável. Todavia, existem questões de ordem financeira, que retardam a aplicação e desenvolvimento dessas técnicas, principalmente, em grandes áreas territoriais, como é o caso do Brasil.

“O conhecimento existe. A academia já tem gerado há décadas uma série de conhecimentos sobre como preservar, como deixar esse solo mais produtivo cumprindo

a sua função, mas a gente esbarra nessas questões financeiras e, muitas vezes, de políticas públicas”.

Ele enfatiza que para ter uma implementação mais ampla dessas técnicas, os governos precisam ser mais atuantes. Os gestores precisam fazer com que esse conhecimento chegue de forma mais intensa aos produtores, aos donos das terras. “Se esse conhecimento não chega, não é facilitado através de um incentivo como uma política pública, a situação fica do jeito que está, ou seja, cada vez mais insustentável”, disse.

## FUTEBOL PARAIBANO

# Hinos contam glórias e geram controvérsias

*Eles dão voz às torcidas e refletem paixões, valores e a história dos clubes do estado; há casos em que times têm mais de um hino entoado pelos torcedores*

João Thiago  
joathiangocunha@gmail.com

Eles dão voz às torcidas e refletem paixões, valores e a história dos clubes de futebol. Os hinos são, ora um desafio aos adversários, ora um desabafo, mas sempre uma catarse para aqueles que amam o esporte bretão e escolheram uma camisa para chamar de sua.

Se o futebol é uma forma de enxergar o Brasil, os hinos dos times representam uma forma de ouvi-lo. A música é uma das expressões mais fortes da cultura brasileira, e não poderia estar longe da mais pura definição de brasilidade, que é o amor pela pelota. Os hinos começam a se popularizar a partir dos anos 30, junto com o próprio esporte. Antes disso o futebol tinha um aspecto mais elitista, sendo praticado em clubes mais fechados.

Aqui na Paraíba muitos times demoraram para ter um hino oficial. O próprio Auto Esporte, de João Pessoa, só foi ter sua canção oficial em 1992, mesmo existindo oficialmente desde 1936.

A clássica frase do Barão de Coubertin, criador das Olimpíadas modernas, “não importa vencer, mas competir”, é completamente subvertida no hino do Auto Esporte. A canção, criada por Benedito Honório, reflete todo o amor dele, que já foi presidente por três vezes do Macaco Autino.

“Eu queria capturar a emoção da torcida, vendo o time entrando, com força, garra. Quando o torcedor está lá ele não quer saber de competir. A gente quer é ganhar, a gente quer vencer. Por isso a gente diz que ‘Se competir é importante como dizem, Para o Autoesporte, bem melhor será vencer’”, brada o compositor.

Honório escreveu a composição em 1992, ano do último título estadual do alvirrubro. A canção é um hino mas é, também, um ato de rebeldia diante do status quo. “A luta contra tudo e contra todos começou”, um verso controverso, mas cheio de significado para o torcedor que sentia que o mundo não queria o Auto campeão.

“Eu fiz de propósito. Foi um desabafo contra a imprensa esportiva que parecia torcer contra nosso time. Nunca tivemos ajuda nenhuma, de nenhum órgão. O Auto Esporte sempre avançou sozinho, com a coragem em campo e o apoio da torcida. Aquele foi um título histórico e merecido”, lembra, emocionado, Benedito Honório.

### Controvérsia alvinegra

A marchinha chama o alvinegro da estrela vermelha de “Tricolor do Contorno”, e chama o time com um brado “Vamos ganhar o jogo sim, vamos dar um olé”. Criada em 1978, durante muitos anos esta canção foi atribuída ao jornalista e compositor Livardo Alves, mas este engano começou a ser sanado.

Na verdade a letra e a música são de Jader Perseus, carnavalesco paraibano, morador do Valentina de Figueiredo, que, em 1978, ano em que João Pessoa respirava Botafogo, se inspirou para escrever a canção que caiu nas graças do povo. Raimundo Nóbrega, conselheiro do time e historiador, anos atrás conheceu seu Jader e contou sobre o fato em suas redes sociais.

“Ele me mostrou toda a documentação que comprova que ele escreveu o hino. As partituras registradas, até a liberação da censura. Ele afirmava que não era um torcedor de ir em estádio, e que a imprensa paraibana, por conta do uniforme, que naquele ano sofreu uma mudança com a inclusão de uma listra vermelha, chamava o time de tricolor do contorno. A canção ganhou a massa. A torcida abraçou e não deu outra”, explicou o dirigente.

Hoje a canção é uma das quatro reconhecidas como “hinos” do Belo, mas é, de longe, a mais amada pela torcida. “Quando conseguimos restabelecer a autoria ao seu Jader foi algo maravilhoso. Ele ser reconhecido como

o verdadeiro autor do hino era tudo o que ele queria”, disse Raimundo Nóbrega.

### A Raposa da torcida

O Campinense também teve seu hino criado pelos torcedores. Isso aconteceu em 1969, quando a Torcida Organizada da Raposa (Tora) criou a canção que diz “Pelos campos do Brasil a Raposa a correr...”. A torcida só viria a ser oficializada em 1976, quando cedeu a música para que o clube usasse como hino.

A interação entre clube e torcida é tão forte que o nome da própria Tora consta da letra. “Tora vibrante estremecida, e as charangas a tocar, entusiasmada torcida seu clube a incentivar”, destaca a letra criada por Geraldo Cavalcante Marinho, gravada na época pelo próprio.

### Um coração dividido?

Que a cidade de Campina Grande tem um coração dividido entre o rubronegro e o alvinegro todo mundo sabe. A maior rivalidade do futebol paraibano também se reflete nos hinos, isso porque, além do hino da Tora, o Campinense ainda tem outra canção oficial que, veja a ironia, foi escrita por um trezeano doente que, além de tudo, ainda escreveu o hino oficial do Treze.

João Martins de Oliveira era compositor e radialista. Criou, ainda nos anos 70, a canção que se popularizou entre os trezeanos que exalta o time, declarando o crescimento de sua torcida e sua condição de eterno campeão “És alvinegro o Galo da Borborema, de tantas glórias e tradições, Treze, Treze, sou trezeano de coração”.

“João Martins era boêmio, e um grande cara. Uma pessoa fantástica que o mundo perdeu. Grande compositor e apaixonado por futebol. O coração dele era do Treze, mas ele encontrou espaço pra criar uma canção que se tornou um hino não oficial do maior rival. Olha o tamanho do talento dele”, diz o amigo Luciano Santos.

Na canção raposeira o orgulho é destacado e uma das maiores conquistas do Campinense é lembrada: o hexacampeonato no Paraíba. “Eu sou Campinense, com muito orgulho, de coração. É vitorioso! É da Paraíba hexacampeão”.

Quando João Martins morreu de um ataque cardíaco ano passado os dois clubes se uniram em homenagens ao homem que, com o coração dividido como a cidade, deu voz às duas paixões.

O Dinossauro que queria o Nordeste - Do Sertão paraibano surge aquele que se diz o “eterno campeão”. O hino do Sousa Esporte Clube foi escrito pelo presidente do time, Aldeone Abrantes e por Judivan Duarte, e em 2013, quando o time encarou a Copa do Nordeste pela primeira vez, seria regravado por Emiliano Pordeus.

“Foi um desafio que o presidente Aldeone me apresentou e eu não podia fugir. Foi uma honra produzir e gravar o hino do meu time. Me senti muito orgulhoso. Na época a gente contou até com o trio de metais da banda Mastruz com Leite”, lembra o músico.

De todos os trechos, o que mais mexe com ele é o grito de guerra da torcida. “Culturamente falando, dentro do Marizão emociona qualquer torcedor, quando a torcida entoar ‘Sou, sou dinossauro, eu sou/ A gente vai ganhar/ E ninguém vai nos segurar/ Sousa! Sousa!’”, destaca.

Em 2022 o hino foi regravado novamente, mas desta vez, em formato de rock. “Ano passado (2022), gravei novamente o hino na versão rock n’ roll, com a produção musical de Nene Amaro e participação especial de Piu Piu Guitar, da Banda Gatinha Manhosa”, explica.

Gravar o hino do time do coração é uma emoção diferente. “Tem um sentimento especial, porque é o time do meu coração. Né? E no estúdio nos doamos demais, pra obter o melhor resultado! Modesta parte, está à altura do Dinossauro”, concluiu.

Foto: Edson Matos



Benedito Honório, autor do hino oficial do Auto Esporte, exhibe o CD da gravação

## Conheça alguns dos hinos de clubes da PB

### BOTAFOGO-PB

Botafogo Paraibano  
Você é o mais Belo e glorioso  
Que enche de alegria o seu povo  
Com tantas glórias e tantas vitórias!  
Branca, preta e vermelha  
Do tricolor do contorno são as cores  
Que vibram nas mãos dos torcedores  
Em forma de lindas bandeiras  
Vamos ganhar o jogo sim!  
Vamos dar um olé!  
Encher os olhos desse povo todo  
Que está lotando o Almeidão!  
O nosso Tricolor é sempre campeão  
Porque nosso timão tem muito mais vigor!!!



### SOUSA

Nós somos o Sousa Esporte Clube  
Nós somos o eterno campeão  
Nós somos do Sousa Esporte Clube  
Somos Dinossauros do sertão  
Hoje a cidade sorriso  
É berço de harmonia e de alegria,  
E o toque de bola no gramado,  
De futebol com  
Classe e categoria  
No bico da chuteira leva o coração,  
Batendo forte nós somos campeões!  
No peito e na raça,  
Com a bola no pé,  
Já tendo a certeza de um grande olé,  
No peito e na raça,  
Com a bola no pé,  
Já tendo a certeza de olé  
O Sousa Esporte Clube nos traz só alegria,  
Seu futebol é raça,  
É arte e magia  
Nossa camisa é sangue, explode coração  
Nosso grito de guerra é pura emoção!  
Sou, sou Dinossauro eu sou,  
A gente vai ganhar  
E ninguém vai nos segurar,  
Sousa! Sousa!  
Sou, sou Dinossauro eu sou,  
A gente vai ganhar  
E ninguém vai nos segurar,  
Sousa! Sousa!



### TREZE

Somos campeões  
Da Paraíba somos o melhor  
Somos campeões  
Treze querido tu és o maior



Sua torcida é uma legião  
E a cada dia cresce sempre mais  
Somos campeões dos campeões  
Dos campeonatos paraibanos e regionais

Treze, Treze  
Tu és a alegria do povo  
Treze, Treze  
Tu és campeão de novo

És alvinegro o Galo da Borborema  
De tantas glórias e tradição  
Treze, Treze  
Sou trezeano de coração

### CAMPINENSE

Pelos campos do Brasil  
A raposa a correr  
Vitórias glórias mil  
Garra e raça pra valer  
As cores da Paraíba  
E a grande inspiração  
Rubro-negro na camisa  
Sangue, nervos e coração  
Grande campeão paraibano  
É o Campinense com razão  
Títulos, troféis ano após ano  
Salve a raposa bixo papão  
T.O.R.A vibrante estremecida  
E as charangas a tocar  
Entusiasmada toda torcida  
Seu clube a incentivar  
Futebol é bola no barbante  
Alegria das multidões  
Vamos da as mãos raposa avante  
Pra maratona dos campeões.



### AUTO ESPORTE

Agitam-se bandeiras no estádio,  
à explodir!  
Porque, o Auto Esporte, de repente, vai surgir  
A multidão exulta, a cada instante,  
Esperando confiante, a vitória conseguir  
A luta contra tudo e contra todos começou  
O Auto Esporte vai mostrar o seu valor  
Sem ódio e sem rancor, sem nada a temer,  
Sabendo que a disputa é pra valer  
Um brado então se ouviu, em todos os rincões  
Incendiando nossos corações!



Dá-lhe Auto! Dá-lhe Auto!  
Olé, Olé Olé!  
Se competir é importante como dizem,  
Para o Auto Esporte bem melhor será vencer.

Um raio fulgurante, avermelhado despontou  
Num espocar de fogos, a galera delirou!  
As cores alvirrubras contrastando,  
Pouco a pouco vão marcando, um placar de vencedor.  
O Auto Esporte é fibra, é amor é devoção  
Vocacionado para ser o Campeão.  
Um coro incomum, mistura-se no ar,  
Estimulando a massa sem parar!  
Mil vezes ecoou, em todas direções,  
Extravasando nossas emoções!

Dá-lhe Auto! Dá-lhe Auto!  
Olé, Olé Olé!  
Se competir é importante como dizem,  
Para o Auto Esporte bem melhor será vencer.

RAYSSA LEAL

# Campeã quer curtir a adolescência

Skatista, que já virou rosto de grife, busca mais tempo para se dedicar à família e aos amigos em Imperatriz, no Maranhão

Bruno Accorsi  
Agência Estado

Rayssa Leal teve um 2023 repleto de experiências. Foi bicampeã da SLS, principal liga de skate de rua do mundo, virou “fidele” da Louis Vuitton e conheceu profissionais que admira, como Lionel Messi. Manter tal rotina, contudo, exige abrir mão de algumas coisas. A maranhense de 15 anos gostaria de ter mais tempo para aproveitar uma festa com os amigos de Imperatriz, sua cidade natal, ou mesmo para gravar sua “vídeo-parce”, como são chamadas as produções audiovisuais em que skatistas registram suas manobras nas ruas, mas os compromissos a fazem adiar essa vivência mais tranquila.

Pouco mais de uma semana depois da conquista do Super Crown, a última etapa da SLS, Rayssa já voltou a competir e no Mundial de Street, em Tóquio, nesta semana, valendo pontos para o ranking de classificação aos Jogos Olímpicos de Paris-2024.

“Estou perdendo um pouco da minha adolescência lá em Imperatriz, tipo as festinhas com os meus amigos. Estou perdendo um pouco da escola. É abrir mão de algumas coisas que a gente precisa abrir mão, às vezes para pensar também no futuro, mas é muita viagem, é muita escola... Então, tipo, eu tenho que às vezes me virar em 30”, disse a skatista, na véspera da disputa do Super Crown, em São Paulo.

Quando tiver mais tempo, provavelmente depois da Olimpíada de Paris, espera sair às ruas com o skate nos pés, acompanhada por uma câmera, para viver outra face do esporte, que tem as “vídeo partes” com um dos pilares. “Tem uma galera esperando a minha... é muito campeonato, e na rua é uma experiência diferente”, disse “O que é difícil na pista, na rua é o dobro, cansa mais, até uma manobra simples. Espero começar a filmar de verdade depois da Olimpíada.”

No final das contas, a jovem skatista se sai bem na missão de conciliar tanta coisa, dos sentimentos aos compromissos. Às vezes pensa se seus ídolos se sentem da mesma forma. Em maio, quando encontrou Messi durante o tradicional Prêmio Laureus, queria perguntar se o argentino ficava tão nervoso antes de bater um pênalti quanto ela antes de uma manobra, mas, como disse em texto publicado na Players Tribune, teve vergonha. Dentro da pista, as demais questões pessoais se esvaem e resta a ela domar o nervosismo.

“Eu tento não transparecer que eu estou nervosa, porque quando mostra que está nervosa a gente fica mais ainda”, disse Rayssa instantes depois da conquista do Super Crown. “Eu meio que fico

ouvindo minha música, converso com o pessoal, às vezes até mexo no celular para dar uma distraída, depois volta para competição. Acho que de tanto a gente falar, a gente competir, a gente mandar manobra, a gente vai deixando esse medo de lado... ficar tranquila igual o Messi batendo pênalti”.

## Influência

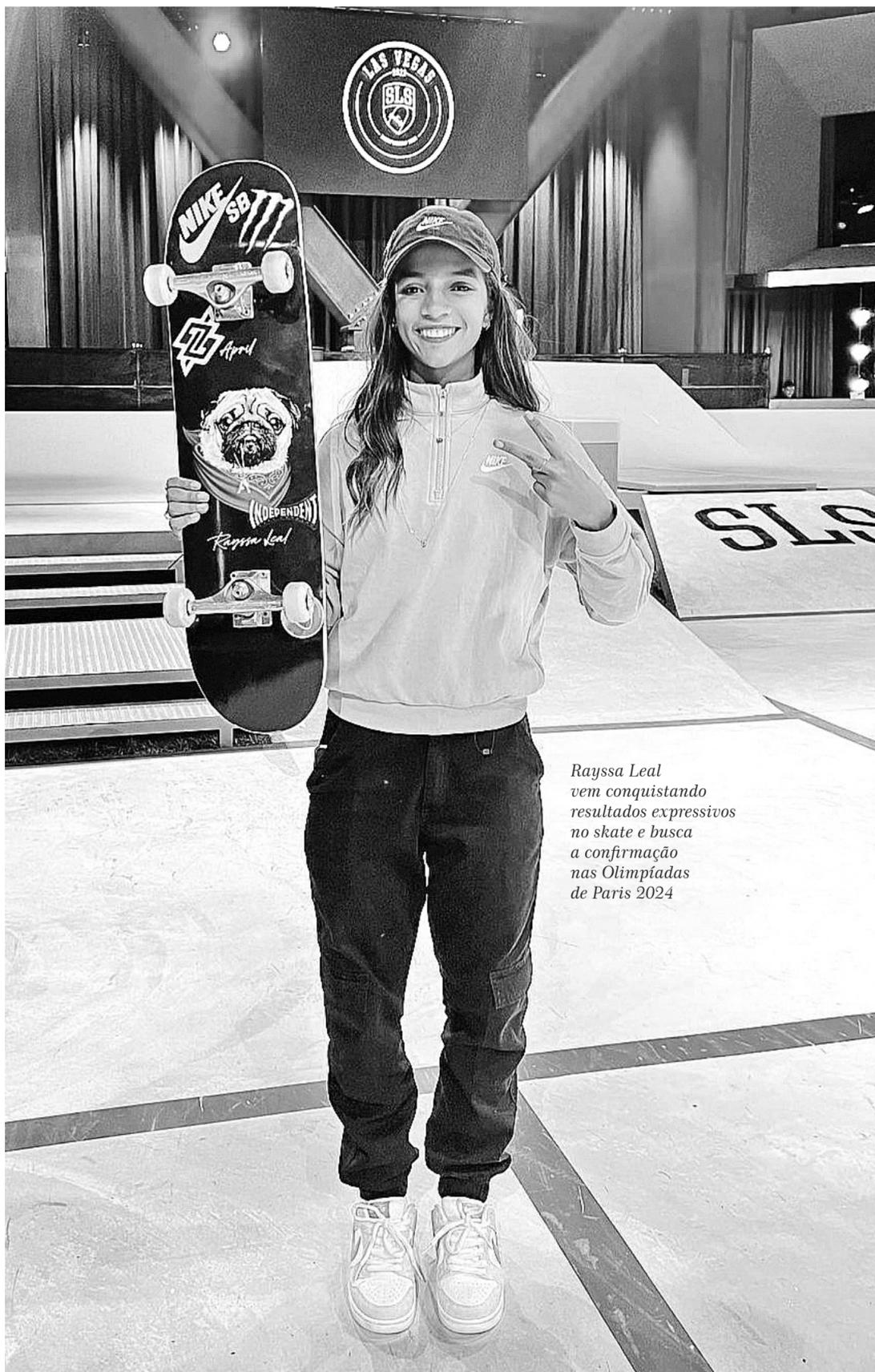
Rayssa viaja pelo mundo, não só para competir. Também neste ano, esteve em Paris, onde será realizada a próxima Olimpíada, sentada na Fila A de um desfile da Louis Vuitton, grife da qual virou uma “fidele” (amiga fiel), nome dado às integrantes de um seletivo grupo de parceiras da marca. Encontrou figuras como Zendaya, uma das atrizes mais bem-sucedidas da atualidade, e viu abrirem-se portas de um novo universo.

Parte da cultura do skate, sólida e de movimento próprio, a maranhense vive um pós-Olimpíada, já há mais de dois anos, de forma diferente do que foi vivido por outros medalhistas olímpicos do Brasil, que não continuam recebendo tanta atenção das massas, e até da imprensa, passado o furor da conquista.

“Mudando uma tradição de medalhistas brasileiros serem esquecidos pela grande mídia depois de alguns meses de suas formidáveis conquistas, Rayssa só cresceu em projeção, maturidade e troféus desde Tóquio. A combinação de talento, carisma, trabalho duro e um estafe muito profissional fazem dela umas das principais figuras de influência desta geração”, explica Ivan Martinho, professor de marketing esportivo pela ESPM.

Rayssa busca usar tal influência de forma positiva. Nesta semana, juntou forças à Nike, a Laureus Sport for Good e à REMS (Rede Esporte pela Mudança Social) para lançar o edital “Skate pela Mudança Social”, com inscrições abertas e válidas até 12 de janeiro. O objetivo da iniciativa é apoiar organizações sem fins lucrativos na região Nordeste do Brasil, que promovam ou tenham a intenção de promover a modalidade como ferramenta de desenvolvimento humano, com foco especial no aumento da participação feminina.

Cinco ONGs serão fortalecidas pelo projeto, por meio de gestão organizacional, gestão pedagógica e aporte financeiro (<http://rems.org.br/editalskate/>). “Fico muito feliz em fazer parte de algo que incentiva meninas a andarem de skate, principalmente no Nordeste. Acho que é uma oportunidade de quebrar barreiras e provar que as meninas podem andar de skate e se divertir praticando esporte”, comenta Rayssa, que, em meio a tantas viagens, mantém uma ligação muito forte com o seu Maranhão.



Rayssa Leal vem conquistando resultados expressivos no skate e busca a confirmação nas Olimpíadas de Paris 2024



Pouco mais de uma semana depois da conquista do Super Crown, a maranhense só fala em curtir festinhas com os amigos

# Samuel Xavier,

Lateral direito, do Fluminense FC

## “Estamos confiantes no título do Mundial”

*Jogador diz que nem sempre os favoritos conquistam o título e vê a sua equipe em condições de ser coroada na Arábia*



Fifa.com

Foi quando Germán Cano abriu o marcador, às 17h36? Quando John Kennedy pôs o Fluminense em vantagem na prorrogação, às 19h07? Ou quando Diogo Barbosa parou o último ataque do Boca Juniors afastando a bola para a lateral, às 19h42?

Nada disso. O momento em que Samuel Xavier soube que o Fluminense finalmente ergueria a taça da Copa Libertadores foi no restaurante do hotel, bem cedo, às 8h30 da manhã.

É que, desde que havia se tornado companheiro de equipe de John Kennedy, ele nunca tinha visto o atacante, famoso por dormir até tarde, acordado para tomar a primeira refeição do dia. Quando soube que o jogador de 21 anos não só tinha chegado a tempo para o café da manhã, mas sido o primeiro do elenco do Tricolor carioca a chegar ao restaurante, Samuel teve a premonição de que, apesar de começar no banco, John Kennedy de alguma maneira levaria o Flu à consagração. No fim, foi exatamente o que o camisa 9 fez.

Xavier relembra aquele dia, derrama elogios por Germán Cano, revela que a meta do Fluminense é conquistar a Copa do Mundo de Clubes da Fifa Arábia Saudita 2023, cuja estreia será amanhã, e comenta uma possível batalha tática entre Fernando Diniz e Pep Guardiola.

### A entrevista

■ *Você concorda que, aos 33 anos, está vivendo a melhor fase de sua carreira?*

Sim. Estou em grande fase, graças ao trabalho duro e à dedicação nos treinos. Acredito que essa é a melhor fase da minha carreira.

■ *Como lateral, a chegada de Marcelo, do outro lado do campo, ajudou seu futebol?*

Ajudou. Ele é um grande jogador. Ter a chance de tentar seguir os passos de um jogador que chegou tão longe e conquistou tantos títulos — tanto individualmente quanto pelos seus clubes — me ajudou muito. Alguém como o Marcelo faz os jogadores ao redor dele crescerem profissionalmente.

■ *Nas oitavas de final, nos dois jogos contra o Argentinos Juniors no Estádio Diego Armando Maradona e no Maracanã, você deu uma de Germán Cano, não?*

[Risos] Foram dois jogos que ficarão para sempre na minha carreira no Fluminense. Não é normal que um lateral marque dois gols nos mata-matas. Fiquei muito feliz de marcar o gol de empate na Argentina e de conseguir um resultado positivo para a volta. Então, no Maracanã, foi um jogo muito difícil. Ter marcado nosso primeiro

gol já no fim foi muito importante para a equipe e um momento incrível para mim. Aquilo nos ajudou a nos classificar para as quartas de final.

■ *Você pode nos contar como foi descer para tomar café da manhã no dia da final?*

[Risos] Fui tomar café por volta das 8h30. Somos sempre quatro ou cinco. Eu, o [David] Braz, o Diogo [Barbosa], o Thiago Santos e o Lima. A maioria prefere ficar na cama um pouco mais. Quando cheguei para o café no dia da final, estava lotado! Disse: 'O que está acontecendo?!' A nossa nutricionista disse que ainda mais jogadores tinham aparecido lá mais cedo. E o primeiro a chegar? O John Kennedy! Nunca vi o John Kennedy no café da manhã na minha vida! Ele estava mostrando vontade naquele dia. No momento em que vi o John Kennedy, soube que ele decidiria o jogo para nós, e ele foi lá e fez isso.

■ *Como foi a viagem de ônibus até o Maracanã?*

Estávamos cheios de expectativa em relação à festa que a nossa torcida faria, ao maior jogo das nossas vidas. Nossa torcida estava lá quando saímos do hotel para subir no ônibus. Quando estávamos indo embora, a torci-

da foi à loucura, cantava, agitava as bandeiras. Tinha uma senhorinha de cabelos grisalhos dando socos no ar. Pensar naquilo me arrepiava. Foi uma loucura. Vimos muitos torcedores a caminho do Maracanã. Tinha muito barulho no ônibus, estava muito animado. O [Fernando] Diniz estava muito concentrado, muito emocionado. Normalmente, a comissão técnica se senta no andar de baixo, mas ele subiu para o andar de cima do ônibus e começou a dizer palavras de inspiração para nós, a nos motivar. O jeito dele de nos fazer entrar no clima foi fundamental no hotel, no ônibus e no Maracanã.

■ *Como você se sentiu quando soou o apito final?*

Foi extremamente emocionante. Parecia que aqueles minutos depois da prorrogação durariam para sempre. Estávamos loucos para que acabasse. Quando a bola saiu para um arremesso lateral e o árbitro pediu que a entregassem para a poder apitar, a sensação foi incrível. Tínhamos entregado toda a nossa energia naquele jogo, em toda a campanha, e então éramos campeões sul-americanos. Foi um dos melhores momentos da minha carreira.

■ *Germán Cano marcou 13 gols em 12 partidas na Libertadores 2023. O que acha dele?*

É difícil encontrar palavras para descrevê-lo. Ele faz coisas que são impossíveis para outros jogadores, é um artilheiro de elite, um matador. Sempre faz o inesperado. Vi o Germán Cano encobrir o goleiro do meio-campo contra o Vasco. Eu o vi marcar sem ângulo contra o Corinthians, em plena Arena Corinthians. Ele é inacreditável. O mais legal é que ele faz tudo isso com alegria, sai com naturalidade para ele. Parece fácil para ele. Todos ficamos impressionados com os gols que ele marca, mas ele é tipo: 'Eu nasci para fazer isso'. Sai com muita naturalidade para ele.

■ *Você o considera um dos melhores centroavantes do mundo?*

Sim, sem dúvida. As estatísticas dele mostram isso. Trabalhamos a cada dia com ele. Tudo que faz nos jogos, ele faz nos treinos.

A finalização dele é fenomenal. Eu o colocaria entre os melhores centroavantes do mundo.

■ *Quão empolgado você está para a Copa do Mundo de Clubes da FIFA?*

Estou muito empolgado. Sempre foi um sonho jogar na Copa do Mundo de Clubes. Sabíamos que ganhar a Libertadores nos classificaria para o Mundial. Agora, defenderemos o Fluminense diante dos melhores times do mundo. Temos grande esperança.

■ *Faz 11 anos desde que o Corinthians se tornou o último clube de fora da Europa a erguer o troféu. O Fluminense pode acabar com esse jejum?*

Vamos enfrentar grandes equipes. Acho que todas as equipes que estão participando têm o que é preciso para ser campeã. O mesmo vale para nós. Estamos trabalhando duro para isso e lutaremos para ganhar o título. Sabemos que teremos dois jogos muito difíceis. Precisaremos estar totalmente concentrados, prestar muita atenção na tática dos nossos adversários. Ainda não sabemos contra quem jogaremos nas semifinais, mas assim que soubermos, vamos estudá-los para valer, para conseguirmos nos classificar e buscar o título.

■ *O Manchester City é favorito ao título. O que você pensa dele?*

É um dos melhores times do mundo. É muito bem treinado pelo Pep [Guardiola], um dos melhores técnicos do mundo.

Seus jogadores vêm atuando juntos há um bom tempo, se entendem bem, têm um estilo único de jogo. Sabemos que são favoritos ao título, mas vimos vários outros clubes brasileiros ganhando o título mundial sem serem favoritos. Iremos para a Arábia Saudita em busca do título.

■ *Você conhece Fernando Diniz há muito tempo. Qual foi a impressão que teve dele em 2010?*

Trabalhei com o Diniz primeiro no Paulista de Jundiaí. Quando o conheci, dava para dizer que era diferente, dava para dizer que estava destinado a conquistar coisas grandes. Já chegou a um dos maiores clubes do mundo e à Seleção Brasileira. Ele trabalha de um jeito muito diferente de outros técnicos, tem um estilo de jogo muito diferente dos outros. Quando você joga sob o comando dele, sabe que tem grandes chances de ganhar títulos. É um estrategista excepcional, um grande motivador, um vencedor. Acho que tem tudo para ganhar os maiores títulos do futebol.

■ *Seria um espetáculo ver Diniz contra Guardiola na final da Arábia Saudita 2023?*

Adoraria que isso acontecesse. Vamos trabalhar muito duro para isso acontecer. Fluminense contra Manchester City já seria espetacular. Diniz contra Pep tornaria isso ainda mais especial para a torcida. São dois técnicos incríveis com estilos muito diferentes. Seria uma final fantástica e realmente espero que possamos sair com a vitória.

Foto: Divulgação/Fifa



Samuel Xavier, com a bola, diz que o time está muito focado para o Mundial

Foto: Emerson Marvini/Sousa EC

Treze e Sousa decidiram o Campeonato Paraibano de 2023, conquistado pelo Galo, mas, no ranking nacional, o Dinossauro levou a melhor



## RANKING DE CLUBES

# Belo lidera e Sousa ultrapassa o Treze

*Aldeone Abrantes diz que a mudança é a consolidação de um trabalho de muita resistência nos últimos anos*

Fabiano Sousa  
fabianogool@gmail.com

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou na última semana, o Ranking Nacional de Clubes, bem como, de suas 27 federações filiadas. Em relação à Paraíba, a Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB) ficou estagnada, já entre as posições dos clubes, uma mudança significativa. Pois pela primeira vez, o Sousa ultrapassou o Treze e, agora, está pontuado como a 3ª melhor equipe no estado.

Em 2022, o Ranking Nacional de Clubes (RNC) da CBF apontava o Dinossauro como o 4ª melhor ranqueado entre os clubes paraibanos numa lista de 243 equipes do futebol nacional. O Sousa ocupava a posição 107ª com 584 pontos, no entanto o novo ranking divulgado pela CBF traz o alviverde sertanejo com 802 pontos, na 90ª colocação, sua melhor posição em 32 anos de história, feito capaz de colocar a agremiação como a terceira força do futebol paraibano, levando em consideração os critérios estabelecidos pela CBF.

“Essa posição do Sousa no Ranking Nacional de Clubes da CBF não simboliza apenas um marco, mas, também a consolidação de um trabalho de resistência que tem sido desenvolvido pela nossa diretoria, ao longo das últimas temporadas. Temos alcançado resultados que nos conduziram a, de fato e de direito, sermos apontados esportivamente como a terceira força do futebol paraibano. A nossa marca é pautada por uma resiliência, que honra a paixão de uma cidade do interior do Brasil, com 70 mil habitantes. Passamos de promessa no início da década de 90, para conquistar o espaço no cenário estadual e, agora, estamos inseridos no top 100 do futebol nacional”, destacou Aldeone Abrantes, presidente do Sousa.

De acordo com a CBF, o ranking é estabelecido a partir de um cálculo sobre o desem-

penho dos clubes nas competições nacionais recentes. São consideradas competições realizadas nos últimos cinco anos (entre 2019 e 2023) e, para cada ano considerado, são atribuídos pesos a serem convertidos em pontuação.

Nas últimas três temporadas, o Sousa participou de quatro competições nacionais, sendo três edições consecutivas no Campeonato Brasileiro da Série D, nesta edição de 2023, o clube bateu na porta do acesso para a Série C. O Dinossauro ainda soma uma disputa na Copa do Brasil, retrospecto que fez o vice-campeão paraibano sair da posição 102 e saltar para a 90ª colocação.

O Treze foi, entre os clubes paraibanos, aquele que mais oscilou negativamente. Para se ter uma ideia, quando disputou a sua última competição nacional, em 2021, o Galo somava 1.319 pontos e ocupava a posição 65, que o deixava como a segunda melhor

equipe paraibana ranqueada. De lá para cá, a equipe perdeu espaço no cenário das competições nacionais e, de quebra, viu os rivais Botafogo, Campinense e Sousa, nos holofotes dos principais torneios nacionais. Nessa situação o clube declinou 42 posições para, coincidentemente, fazer a troca de cadeiras com o Sousa, cedendo ao Alviverde a sua posição 90 no ranking anterior, para com 572 pontos, ficar na 107ª posição, antes ocupada pela equipe sertaneja.

“Infelizmente é compreensível a queda do Treze nessas últimas duas temporadas. Ficamos de fora das competições nacionais nesse período, conquistamos o título estadual, mas esse dado não é levado em conta. Afinal, a CBF leva em consideração a participação das equipes nas competições nacionais, algo que teremos a oportunidade de disputar no próximo ano”,

explicou o presidente do Treze, Artur Bolinha.

Como dito pelo mandatário do Galo, o clube retorna às competições nacionais depois de duas temporadas, com a conquista do Campeonato Paraibano de 2023. A equipe vai disputar a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série D, com o objetivo de fazer boas campanhas e, consequentemente, melhorar a sua posição nos próximos rankings da maior entidade do futebol nacional, a partir da temporada de 2024.

“Teremos a oportunidade de retomar a disputa de duas competições importantes do calendário do futebol brasileiro. Evidentemente, o nosso objetivo é fazer boas participações, mesmo sabendo das dificuldades que essas competições impõem. Vamos buscar condições para chegarmos o mais longe possível e, no mínimo, recolocar o

Treze na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C”, finalizou Bolinha.

O Botafogo foi, mais uma vez, o clube paraibano melhor ranqueado. Com 2.132 pontos, o time subiu duas posições e chegou aos 2.175 pontos, para sair da posição 56 e alcançar a 54ª colocação. Para o diretoria do Belo, a posição é reflexo de um trabalho positivo mesmo sem o clube ter conseguido o principal objetivo da temporada, que era o acesso para a disputa da Série B do Brasileiro.

“Trabalhar com futebol no Nordeste exige muita dedicação e compromisso dos dirigentes. Podem ter a certeza que essas atribuições não faltaram ao clube ao longo dessa temporada, tanto, que os números refletiram positivamente para que pudéssemos subir duas posições no ranking. Mas não podemos nos limitar apenas a esse ranking, pois o que o torcedor botafoguense realmente almeja é a conquista do

acesso para a Série B. Estamos cientes dessa cobrança e vamos mover esforços para alcançarmos esse objetivo”, pontuou o presidente do clube, Roberto Burity.

O Campinense ainda é a segunda melhor equipe paraibana ranqueada, porém, foi o único clube que se manteve intacto. O rubro-negro caiu de 1.484 para 1.425 pontos, mas ficou com a mesma posição que o ranking de 2022, quando também ocupava a 64ª colocação. No entanto, a Raposa deve cair algumas posições no próximo ranking, já que em 2024, ficará de fora das competições nacionais depois de 10 temporadas.

Além de Botafogo, Campinense, Sousa e Treze, a lista conta os nomes de outras quatro equipes paraibanos, com Nacional, São Paulo Crystal, Atlético e Serrano nas posições, 164, 180, 204 e 227, respectivamente, entre todas as 238 equipes no Ranking Nacional da CBF.

### FPF-PB mantém posição

Além do Ranking Nacional de Clubes, a CBF também estabelece Ranking de Federações, que classifica as entidades estaduais a partir da pontuação de seus times filiados. Dessa forma, a Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB), manteve a mesma posição da temporada passada.

Em 2022, a entidade máxima do futebol paraibano somava 5.683 pontos e ocupava a 16ª colocação entre as 27 federações filiadas à CBF. No atual ranking, a FPF-PF parou na mesma pontuação para ficar com a 16ª colocação, uma posição atrás da Federação Norte-Rio-Grandense de Futebol (FNF) e uma à frente da Federação Amazonense de Futebol (FAF).

No Ranking de Federações da CBF 2023, a Federação Paulista de Futebol (FPF-SP) se manteve na liderança, seguida pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) e pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF).



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

O Botafogo segue, há anos, na liderança entre os clubes paraibanos no ranking nacional divulgado pela Confederação Brasileira

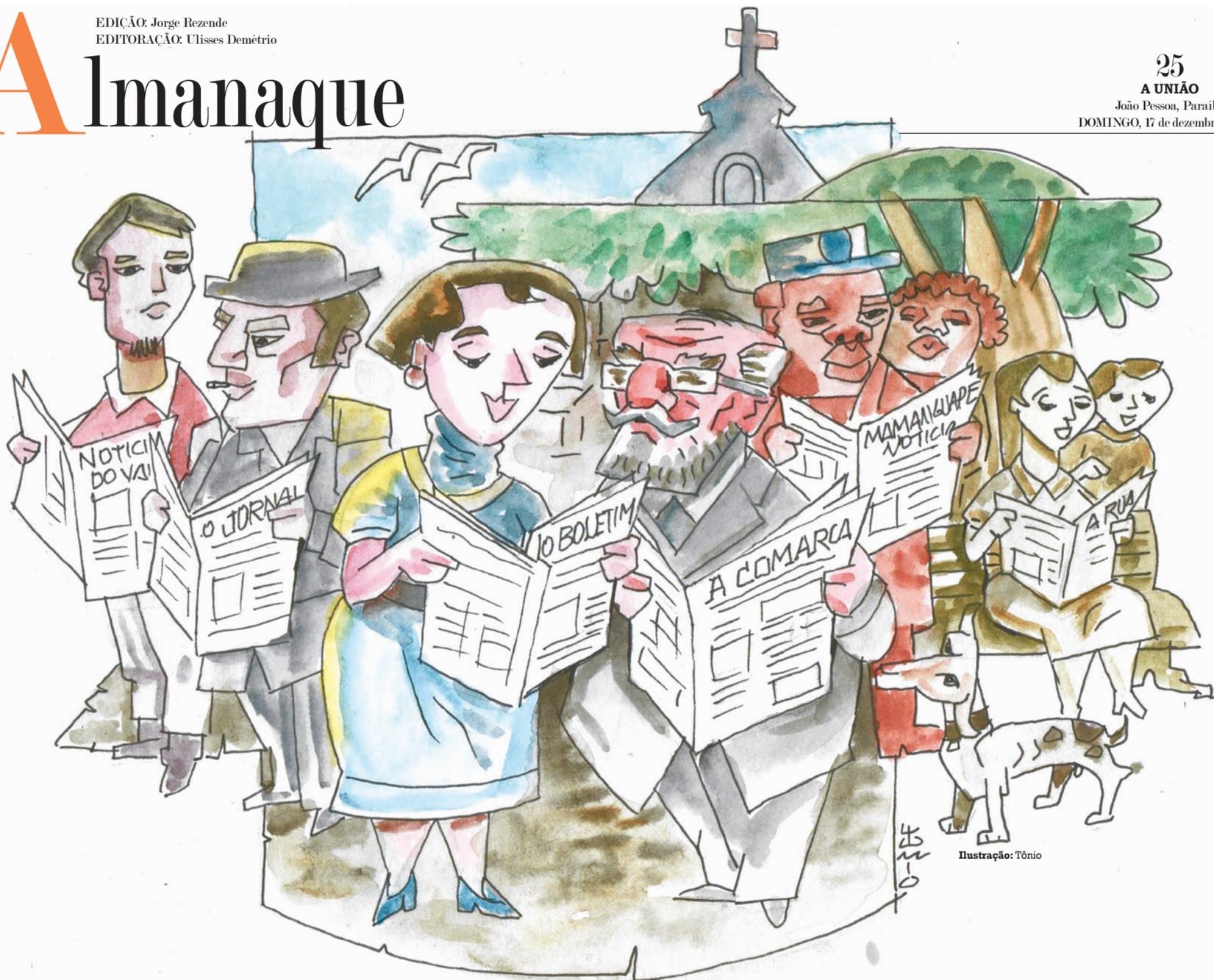


Ilustração: Tônio

# Imprensa pioneira

Com 18 jornais publicados entre 1863 e 2007, Mamanguape, na região do Litoral Norte do Estado, foi o segundo município paraibano a utilizar esse meio de comunicação, antes mesmo de Areia e Campina Grande, com destaque para profissionais como Sabiniano Maia e Adailton Costa Coelho

Hilton Gouvêa  
 araujogouvea7@gmail.com

## Castro Pinto, Rodrigues de Carvalho e Júlio Pacífico dirigiram o semanário A Comarca

Jornalistas de renome, como Sabiniano Maia e José Rodrigues de Carvalho, além de Adailton Costa Coelho, são alguns dos nomes que vivenciaram a chamada “época de ouro” dos 18 jornais fundados e que circularam no município de Mamanguape, entre os anos de 1863 e 2007. Foram 144 anos de efervescência jornalística que levaram o escritor e jornalista Asiel Alves Rodrigues a registrar em seu livro, ‘Panorama de Mamanguape – Uma Exposição Histórica do Município’, que a cidade paraibana foi a segunda do estado a fundar um jornal, antecipando-se a Areia e Campina Grande. “Erroneamente citadas como as primeiras comunidades do interior a circularem com seus periódicos”.

Dom Pedro II, ao visitar Mamanguape em 1869, teria “ficado maravilhado” com a existência de quatro jornais já circulantes na cidade, e também com a constatação de uma aula de latim, cujos alunos mantinham “um aproveitamento excelente no aprendizado” desta língua. Em Mamanguape, hoje com pouco mais de 45 mil habitantes e distante a 52 quilômetros de João Pessoa, quando da visita do imperador, já tinha telégrafo que funcionava desde 1829.

O primeiro jornal periódico a circular no município foi O Mamanguapense, fundado em 1863 por Job Paciente Bastos. A publicação foi o primeiro jornal do interior da Paraíba.

Em junho de 1868, surgiu o Jornal de Mamanguape, um periódico sem vinculação político-partidária. Também nesse mesmo ano surgiu O Commercial de Mamanguape, fundado pelo coronel Manoel Gomes da Silveira, defensor da classe dos comerciantes. A Semana entrou em circulação poucos meses depois. Era um periódico semanal, crítico, literário e noticioso. A 21 de outubro de 1869, faltando dois meses para Dom Pedro II chegar à cidade com sua comitiva de 200 pessoas, foi fundado O Voluntário do Norte, influenciado pela Guerra do Paraguai.

A Comarca, criado em 1890, era um semanário aguardado com ansiedade, por ser dirigido e escrito por João de Castro Pinto e José Rodrigues de Carvalho, ambos jornalistas de renome, auxiliados pelo técnico Júlio Pacífico. Nesse mesmo ano, criaram O Município e, em 1894, A Infância, editado por professores de Mamanguape. O Mamanguape apareceu em 1895 e, em 1899, O Arouto, fundado por Antônio Serrano Navarro.

Nos anos seguintes, foram sendo criados outros, como o A Rua, em 1919. Era de caráter político. Em 1931, O Jornal que, segundo Sabiniano Maia, publicou o fechamento da única diversão da cidade, o cinema. Fundado por Sabiniano Maia, prefeito da cidade, escritor, político e jornalista, O Boletim funcionou publicando as ações do município, entre 12 de outubro de 1931 e 21 de setembro de 1934.

Já o então prefeito Gustavo Fernandes Sobrinho fundou em Mamanguape, no ano de 1983, o Mamanguape Notícia, que circulou, em edição mensal, até dezembro de 1988. Tinha caráter político-literário. O prefeito Aécio Flávio Fernandes fundou o Notícias do Vale em 1989. Ele era da tradicional família Fernandes de Mamanguape, mas publicava matérias de interesse da Prefeitura de Rio Tinto, que não era de muito agrado dos Lundgren, na época já registrando o declínio do império da Companhia de Tecidos Rio Tinto, que ostentou o título de maior parque fabril da América do Sul.



Foto: Pixabay

Primeiro periódico a circular na cidade foi O Mamanguapense, fundado em 1863 por Job Paciente Bastos

■ O imperador Dom Pedro II, em sua visita de 1869, teria ficado “maravilhado” com a existência de quatro jornais circulando na cidade de Mamanguape, que também já tinha telégrafo desde 1829

Em 1995 surgiu o Folha de Mamanguape. Era editado pelo escritor, jornalista e historiador Adailton Coelho Costa. Circulou apenas oito meses, de maio a dezembro daquele ano. O jornal Vale Notícias começou a circular em 1997, fundado pelo jornalista Benes Lindolfo. Além dos informes sociais, publicava obras e ações da prefeitura. Findou em fevereiro de 2007, com uma edição de dois mil exemplares.

Em 1999, o prefeito Ezequias Ferreira de Lima fundou o Mamanguape Notícias, para publicar suas obras. Funcionou de 1º a 31 de outubro do mesmo ano. O Pitaco

circulou em Mamanguape entre julho e agosto de 2001, como informativo popular, dirigido pelo jornalista Augusto César.

Em agosto de 2005, a Comunidade Católica Somos de Deus fundou o informativo Somos de Jesus. Era de publicação bimensal. Até fevereiro de 2007, cuja publicação era de 2,5 mil exemplares por edição.

Por fim, em novembro de 2005, A Folha do Vale, ao circular com uma tiragem inicial de cinco mil exemplares, bateu o recorde em aceitação. Seu diretor era o jornalista Luís Felipe, que autorizava a distribuição gratuita.

## Archimedes Cavalcanti

# Jornalista e escritor era considerado um pesquisador rigoroso

Julio Silva  
juliovinciuss@gmail.com

Jornalista, radialista, escritor, historiador, filho de Cabaceiras, no Sertão paraibano, Archimedes Cavalcanti (1927-1998) teve papel importante na história da imprensa paraibana, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, sendo redator dos jornais O Estado e Tribuna do Povo; diretor de A União; e cronista da Rádio Arapuan, onde teve uma parceria estreita com o radialista Otinaldo Lourenço, morto em 2021, em consequência de complicações da Covid-19. Archimedes também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e ocupou a Cadeira 20 até 1998, quando morreu.

Filho de Sotero Américo de Vasconcelos Cavalcanti e Maria da Conceição Vauto Maior, Archimedes concluiu os estudos em João Pessoa, tendo como professores nomes de destaque do magistério paraibano, como o Cônego Francisco Lima, Mário Raposo, Mathias Freire, Aníbal Moura, Odilon Coutinho, Olivina Olívia Carneiro da Cunha - a eles, Archimedes atribuía sua vocação para o Jornalismo, a História e a Geografia.

O jornalista Evandro da Nóbrega, um dos contemporâneos de Archimedes, define o colega como um "rigoroso pesquisador", sempre atento aos detalhes. "A contribuição mais valiosa de Archimedes ao longo das décadas: ele procurava embasar em documentos todas as informações que levava ao público, seja sob a forma de programas no estilo 'perguntas e respostas', seja por intermédio de reportagens, de conferências e de seus livros de História".

### Jornalismo imparcial

Um dos trabalhos mais relevantes de Archimedes Cavalcanti na comunicação paraibana foi na direção do jornal Tribuna do Povo, que também teve como um de seus diretores o ex-governador João Agripino Filho.

Evandro explica que Archimedes prezava por uma linha editorial mais independente e imparcial possível, apesar do conservadorismo da classe empresarial, que detinha o poder político na época. A Tribuna era mantida por políticos e empresários como José Mário Porto e Renato Ribeiro Coutinho (que depois iria adquirir a Rádio Arapuan). "Archimedes batalhou no sentido de lhe dar uma linha editorial mais independente, com noticiário e comentários imparciais. Era essa uma época em que políticos influentes tornavam-se proprietários de jornais e emissoras de rádio", contextualiza o jornalista.



Archimedes Cavalcanti foi redator dos jornais O Estado e Tribuna do Povo; diretor do Jornal A União; e apresentador e cronista da Rádio Arapuan

angelicalucio@gmail.com

## Angélica Lúcio

### Descobri uma ferramenta gratuita de IA generativa e minha vida mudou

Michelle Veronese é uma colega jornalista que decidiu buscar outras parcerias, para além do cenário sofrido do jornalismo, e hoje atua como engenheira de software. Juntamente com outros dois profissionais (Herval Freire e Bartolomeu Cavalcanti), ela desenvolveu o aplicativo Clio Bot, que faz transcrição de áudios e "outras coisas más". Estou usando essa ferramenta (um sistema de Inteligência Artificial generativa) há alguns dias, e ela tem me ajudado muito no dia a dia, por isso decidi compartilhar com vocês.

Michelle iniciou a carreira profissional como repórter de tevê de uma afiliada da Globo em João Pessoa (PB) e transitou por outras funções no jornalismo, como editora de site e redatora em importantes revistas, dentre elas a Superinteressante. Ela me explicou que o Clio Bot é uma ferramenta de transcrição de áudios criada há poucas semanas pela Clio - uma startup bem pequenininha (micro mesmo) fundada por três brasileiros que sonham em tornar as tecnologias de Inteligência Artificial (IA) mais acessíveis a todos no Brasil.



Além de transcrever áudios, o Clio Bot também permite gerar imagens, como fotografias e ilustrações. Tudo isso por meio de comandos simples enviados ao robôzinho. "Agências de publicidade, jornalistas, profissionais de marketing e de outras áreas já estão utilizando a ferramenta no dia a dia, seja para gerar imagens para campanhas e posts em redes sociais ou para transcrever áudios", contou-me Michelle.

Desde que vi um story compartilhado por ela em seu perfil pessoal no Instagram, passei a utilizá-lo. E adorei! Melhor, amei os resultados que obtive. Sabe quando você está em um evento ou reunião, recebe um áudio e não tem como ouvi-lo? Basta usar o Clio Bot. Ou quando você precisa fazer uma matéria e a fonte responde por áudio, às vezes uma dezena deles? Bingo! O Clio Bot faz o trabalho chato de transcrição dos áudios para você. E isso tem facilitado muito a minha vida.

Como usar o Clio Bot para transcrever áudios

Clique no link <https://cliobot.com/whatsapp> para adicionar o bot como contato no WhatsApp. Ou vá para <https://cliobot.com/telegram> caso prefira utilizá-lo no Telegram. Depois de adicioná-lo como contato, encaminhe um áudio para o Clio Bot e aguarde a transcrição. Ele é capaz de transcrever áudios em qualquer idioma. Você também pode gravar uma mensagem diretamente no chat com Clio Bot, como se estivesse falando com um/a amigo/a. Ao receber a mensagem falada, ele também irá transcrevê-la.

Como usar o Clio Bot para gerar imagens, avatares e ilustrações

Adicione-o como contato no WhatsApp (<https://cliobot.com/whatsapp>) ou Telegram (<https://cliobot.com/telegram>). Digite o comando *create* seguido daquilo que você deseja criar. Por exemplo: *create* uma fotografia de uma mulher vendendo frutas em uma feira típica brasileira. Aguarde o resultado. O Clio Bot responderá com quatro imagens e você poderá baixar a sua favorita, ou quantas quiser.

Michelle explica que todos os serviços do Clio Bot são gratuitos. Mas, para usuários que desejam recursos extras ou que precisem gerar grandes quantidades de imagens, há planos pagos também. Como a startup não tem recursos nem investimento de Venture Capital, os idealizadores da ferramenta estão tentando se manter por meio de assinaturas, que começam em R\$ 20,00 mensais. Ah, você começou a utilizar o Clio Bot e tem alguma dúvida? Basta falar diretamente com Michelle por e-mail ([michelle@cliobot.com](mailto:michelle@cliobot.com)) ou pelo Instagram da Clio: [@cliobot](https://www.instagram.com/cliobot). Simples assim!

## Com ideologias convergentes, uma parceria com o amigo jornalista e radialista Otinaldo Lourenço

Um dos grandes amigos e parceiros de trabalho de Archimedes Cavalcanti foi o jornalista e radialista Otinaldo Lourenço. Segundo Evandro, é praticamente "impossível" falar de um sem o outro, já que eram tão vinculados pelos temperamentos complementares e pelos interesses historiográficos e ideológicos.

"Eles eram democratas sinceros e ferrenhos partidários do sistema político britânico, com seu parlamento, seu primeiro-ministro, sua Câmara dos Comuns, seus lordes... E admiravam sobretudo a rainha Elizabeth II. Quando não estavam trabalhando duro, estavam ouvindo a BBC de Londres e a Rádio Jornal do Brasil. Assim, apuravam o gosto pelas 'notícias bem dadas' e a boa música, aí incluídas a música clássica, a erudita, a bossa-nova, o jazz, os grandes *band leaders*", relata Evandro.

O jornalista cita um episódio, de certa forma "cômico", da época que Archimedes e Otinaldo dividiram os microfones na Rádio Arapuan. "Ele (Archimedes) mantinha na Rádio Arapuan um programa de 'Perguntas & Respostas', no estilo 'você pergunta e a Arapuan responde'. Certa feita, um ouvinte perguntou sobre 'onde começou a surgir a capital paraibana'. Archimedes foi respondendo, ao vivo, no ar, lendo suas anotações: 'Bem, autorizados historiadores dizem que foi no atual Porto do Capim'. A cada parágrafo, usava adverbios como 'mas', 'porém', 'no entanto', 'contudo', 'entretanto', 'todavia', como quem diz 'um autor sustenta isto, mas já um outro diz que... Ou 'para determina-



Jornalista e radialista Otinaldo Lourenço teve uma parceria estreita com Archimedes Cavalcanti

do historiador, a data é esta, porém fulano de tal acha que... Depois de um tempão nessa pisada, Otinaldo obtemperou e não aguentou, e disse 'voltaremos amanhã!' - e rodou a vinheta, encerrando o programa e iniciando outro...", conta Evandro.

### "Caça às bruxas"

Archimedes foi eleito secretário-geral da Associação Paraibana de Imprensa (API) em um período de bastante turbulência na política nacional: os meses de

março e abril de 1964, com movimentos que culminaram na queda do presidente João Goulart e a intervenção das Forças Armadas, que chegou posteriormente à ditadura militar.

Evandro relata um episódio desse período de transição de regime, em especial, a invasão do Exército na sede da API, que na época funcionava próximo à Rua Duque de Caxias, no Centro de João Pessoa. "O episódio culminou com a fuga desordenada dos dirigentes esquerdistas, mui-

tos dos quais ganharam o interior do estado, para não serem presos (o que não foi possível para alguns, recolhidos principalmente ao Regimento de Infantaria, em Cruz das Armas", conta Evandro.

O período também foi marcado por buscas das Forças Armadas nas redações de jornais, com alguns jornalistas presos sendo enviados para a Ilha de Fernando de Noronha e outros se refugiando no interior da Paraíba.

Archimedes também se destacou em seu trabalho como historiador, escrevendo livros como 'A Paraíba na Revolução de 1817', publicado pela Editora A União. "Ele somou seu nome aos dos demais historiadores que se destacaram ao tratar do mesmo tema, como, entre outros, Francisco Muniz Tavares, o padre Joaquim Dias Martins, Carlos Guilherme Mota, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão e Aduato Ramos", cita Evandro.

Além desse livro, Evandro destaca outra publicação, lançada em 1972, na qual Archimedes faz referência ao período imperial no Brasil: 'A Cidade da Parahyba na época da Independência: aspectos socioeconômicos, culturais e urbanísticos em volta de 1822'.

"O livro saiu pela Imprensa Universitária da UFPB, portanto, ao tempo em que eu era o diretor da editora. E o então reitor, o médico, escritor, historiador, pesquisador e colecionador Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, já era muito amigo, incentivador e até orientador dos trabalhos historiográficos de Archimedes Cavalcanti.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

### O lado "b" da Jovem Guarda – Parte VI

Talvez, mesmo os mais ferrenhos adeptos dos sons da Jovem Guarda não se recordem dela...

Com o curioso nome de Georgina Morozini dos Santos, Giane era conhecida como "A Voz Doçura" daquela saudosa época musical. Nasceu na Fazenda Taquaral, de propriedade dos avós maternos, localizada no Distrito de Bebedouro, município de Ribeirão Preto, interior paulista, em dezembro de 1936. Ainda na primeira infância, a família mudou-se para Jaboticabal, onde ela fez os seus estudos primários e ingressou na Escola Técnica de Ensino daquela cidade.

A primeira incursão dela no mundo das artes se deu quando, com apenas oito anos de idade, participou de uma peça teatral escolar. Naquela ocasião, foi observada e cumprimentada por Hekel Tavares, conhecido e respeitado compositor, maestro e arranjador brasileiro, que assistia à apresentação em companhia do dramaturgo, teatrólogo, jornalista, cronista e professor Joracy Camargo que, inclusive, chegou à Academia Brasileira de Letras. Este, empolgado com o desempenho cênico dela, ofereceu-se para levá-la para o Rio de Janeiro, com o objetivo de torná-la uma artista, convite com o qual os pais não concordaram.

Passando a família por dificuldades de natureza financeira, ela teve que abando-

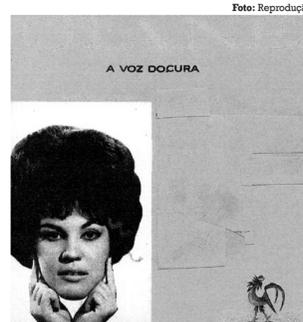


Foto: Reprodução

nar os estudos, aos treze anos, empregando-se em um escritório imobiliário, porém a intenção de tornar-se uma artista levou-a à TV Tupi-SP aos quinze anos, quando, graças ao sucesso, passou a atuar como crooner da Orquestra Sul-Americana. O trabalho a levou ao Rio de Janeiro e, um certo dia, em visita à Rádio Nacional, conheceu o seu conterrâneo Jonas Garret (João Anastácio Garreta Prats), radialista, ator, radiocor, narrador, locutor, apresentador, escritor, autor, letrista, repórter, produtor e diretor, que a convidou para participar do programa 'Papel Carbone', que era apresentado pelo conhecido Renato Murce.

Ela interpretou o samba 'Último Desejo' (de Noel Rosa) e alcançou o primeiro prêmio, o que a fez aderir de vez à carreira de cantora.

Com a inauguração do Canal 3/TV Clube, de Ribeirão Preto, ela foi convidada a fazer parte do cast, como garota propaganda. Em uma visita à capital paulista, foi contatada e contratada pelo maestro Edmundo Peruzzi, tornando-se crooner da orquestra dele. Daí em diante, incentivada pelo maestro, que foi o seu grande orientador, responsável por sua grande ascensão artística, ela começou a projetar-se e foi convidada pela gravadora Chantecler a gravar seu primeiro 78 rpm, interpretando o bolero 'Por Acaso' (Antônio Ávila/Paulo Aguiar).

Em 1964, Giane alcançou o topo do sucesso, com a gravação da canção 'Dominique', versão de Paulo Queiroz para a música homônima, criação da cantora (freira) belga Soeur Sourire. Dominique nique nique/ sempre alegre esperando alguém que possa amar/ O seu príncipe encantado, seu eterno namorado/ Que não cansa de esperar.

A gravação de Giane, em apenas três dias após o lançamento, chegou ao primeiro lugar nas paradas de sucesso nacionais, chegando a ser executada em Portugal, na Bolívia, no Chile e em outros países das Américas e da Europa. Um fato curioso: ela foi, talvez, a

primeira intérprete a utilizar o processo de gravação conhecido como *overdub* (*overdubbing*), que é uma técnica utilizada em uma gravação sonora, quando uma passagem musical, pré-gravada, tem, durante sua reprodução, superposta outra passagem correspondente, sendo as duas amexadas a um mesmo *take*, ou seja, ela mesma fazia a sua segunda voz, aos moldes, por exemplo, do que foi incorporado posteriormente por Fagner e outros intérpretes. Foi essa gravação que a colocou no grupo de precursoras do movimento da Jovem Guarda, ao lado de Sérgio Murilo, Cely e Tony Campello.

Outros grandes sucessos, pós-Jovem Guarda, foi 'Estrada do Sol', versão de Alle Porte del Sole (Gigliola Cinquetti), 'Preste atenção!', versão de Paulo Queiroz para 'Fais Attention' (J.L. Chauby/Bob du Pac) e 'Johnny Guitar' (Victor Young - versão de Fred Jorge).

No auge de sua carreira, sua presença era disputada por vários programas televisivos. Entre compactos e LPs, ela gravou algumas dezenas de discos e, dentre os prêmios recebidos, merecem destaque o Troféu Chico Viola (1964), Troféu Roquette Pinto (1965) e Rainha do Disco (1965).

Giane vive em São Paulo, é empresária de uma marca de cosméticos e, até 2014, ainda se apresentava, como convidada em programas de televisão.



## Eita!!!

### # Considerada moeda nacional

A cerveja já foi considerada dinheiro, em uma das civilizações precursoras da bebida, o Egito Antigo. Durante o governo de alguns faraós, a cerveja foi considerada moeda nacional e acredita-se que os trabalhadores braçais que construíram as pirâmides tenham recebido cerveja como pagamento por seus serviços.

### # Cerveja usada como hidratante

Ainda no Egito, as antigas egípcias tinham o costume de hidratar a pele e os cabelos com espuma de cerveja. Aparentemente, a espuma ajuda a trazer mais volume e definição aos fios, principalmente os cacheados. Mas a indicação nos dias atuais é que não se deva fazer isso em casa.

### # Mais de 1,5 mil rótulos diferentes

Na Bélgica, um dos países mais importantes da história e da cena cervejeira, de acordo com pesquisas, existem mais de 1,5 mil cervejas diferentes nas cervejarias de todo o país. Esse país é criador de estilos como Saison, Belgian Blonde Ale, Tripel, Quadrupel e muitos outros.

### # Cervejaria mais antiga do mundo

A gigante cervejaria Weihenstephan, da Alemanha, registra que as primeiras cervejas da fábrica foram produzidas em 1040. Ou seja: há quase mil anos. Porém, os monges do Monastério de Weihenstephan já produziam cervejas séculos antes, desde o ano de 768.

### # Não era bebida alcoólica na Rússia

Na Rússia, terra da vodka, até 2009 a cerveja era considerada um "refrigerante". Naquele ano, a ONU divulgou dados apontando que os russos bebem cerca de 18 litros de álcool puro anualmente, mais que o dobro do que é considerado prejudicial pela OMS. O governo russo, então, revisitou as classificações das bebidas e decretou que a cerveja é bebida alcoólica, sim senhor.

### # Chegada ao Brasil, em 1808

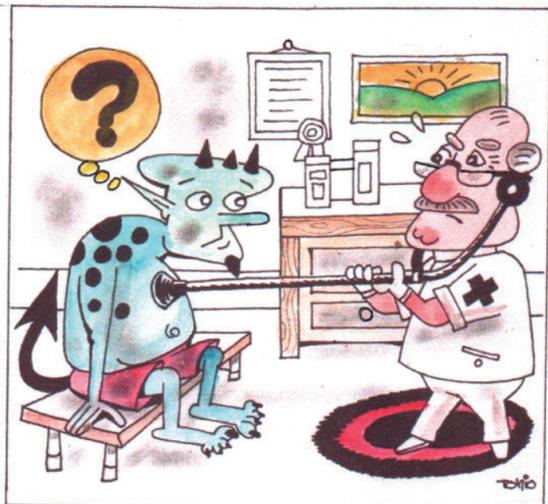
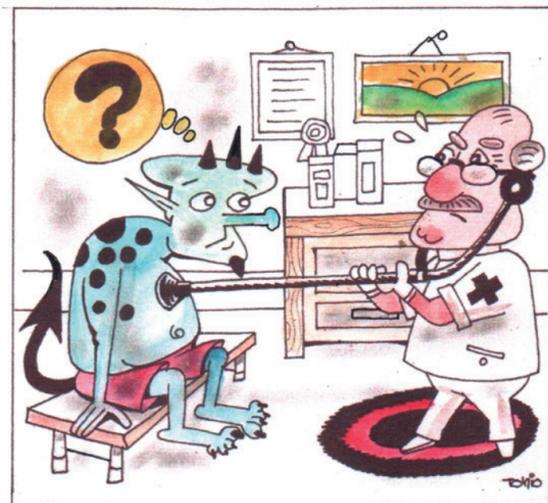
De acordo com a história, a cerveja chegou ao Brasil com a família real e a corte portuguesa. Na época, Portugal estava sob domínio da França napoleônica e não havia alternativas para a importação do vinho. Isso fez com que o caminho para o Brasil ficasse livre para a Inglaterra, que começou então a comercializar cervejas por aqui.

### # No Código de Hamurabi

O código de leis mais antigo já descoberto na história da humanidade, o Código de Hamurabi, continha orientações para fabricação, comercialização e consumo de cerveja. Além disso, também havia punição para quem ousasse fazer uma cerveja ruim: morte por afogamento no barril da sua própria bebida.

## 9 ERROS

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Solução

1 - balão; 2 - chitire; 3 - nariz; 4 - banco; 5 - óculos; 6 - caxias; 7 - gaveta; 8 - pântano; 9 - rabo.



Imagem: Zap

Sete países participam da iniciativa: Reino Unido, México, Alemanha, Hungria, Japão, Seychelles e Estados Unidos

## UM SACO CHEIO

# Lua vai receber presentes de Natal de sete nações

Missão entregará instrumentos científicos e outros itens, como mensagens de crianças e bitcoin

Da Redação

O Peregrine Lunar Lander, assim chamado em homenagem ao pássaro mais rápido do mundo, tem como objetivo pousar na Baía da Viscosidade, ou Sinus Visco-sitatis, na Lua, numa missão inédita dos Serviços de Carga Lunar Comercial (CLPS) da Nasa.

A nave espacial construída pela Astrobiotic, que vai protagonizar o primeiro voo do foguetão Vulcan Centaur da United Launch Alliance - sucessor do Atlas V e Delta IV - está encarregada de entregar, segundo anuncia o Portal Zap, um saco recheado de presentes à Lua no dia 24 de dezembro, véspera de Natal.

A missão irá transportar vários instrumentos científicos e outros itens para o satélite natural da Terra. Só a Nasa vai "presentear" a Lua

com cinco cargas úteis principais, incluindo o espectrômetro de massa com armadilha de íons Peregrine (PITMS) para estudar a exosfera lunar, um sistema espectrômetro de nêutrons (NSS) para medir os níveis de nêutrons e hidrogênio na superfície lunar, e um conjunto de retrorrefletores lunares (LRA) para medição laser precisa, adianta o site de notícias científicas Live Science.

O sistema espectrômetro de voláteis no infravermelho próximo (NIRVSS) analisará a composição e as temperaturas da superfície lunar, e o espectrômetro de transferência de energia linear (Lets) monitorizará a radiação durante a órbita lunar do módulo de aterragem.

Além disso, estarão a bordo mais 15 cargas úteis de diferentes nações, incluindo o detector de ra-

dição M-42 do Centro Aeroespacial Alemão, a cápsula Lunar Dream, do Japão, com mensagens de crianças, e um bitcoin (criptomoeda) de Seychelles.

No total, são sete as nações que participam na iniciativa: Reino Unido, México, Alemanha, Hungria, Japão e Seychelles, além dos Estados Unidos, o único dos sete paí-

ses que já pisou no satélite natural da Terra. O lançamento está agendado para 1h50 do dia 24 de dezembro.

A missão envolve um complexo processo de correções de trajetória e alinhamento da órbita lunar antes do pouso. O módulo funcionará por cerca de dez dias antes de sucumbir ao frio extremo da noite lunar.



Imagem: Pixabay

## Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** nota musical (1) = ré + que pode puxar (2) = tração. **Solução:** encolhimento (3) = retração. **Charada de hoje:** no botequim (1), aquele bobo (2), que não é teu (1) amigo, falava do brasileiro inventor do aeróstato (4).

## Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

### O Conde



### Zé Meiota



1 - balão; 2 - chitire; 3 - nariz; 4 - banco; 5 - óculos; 6 - caxias; 7 - gaveta; 8 - pântano; 9 - rabo.